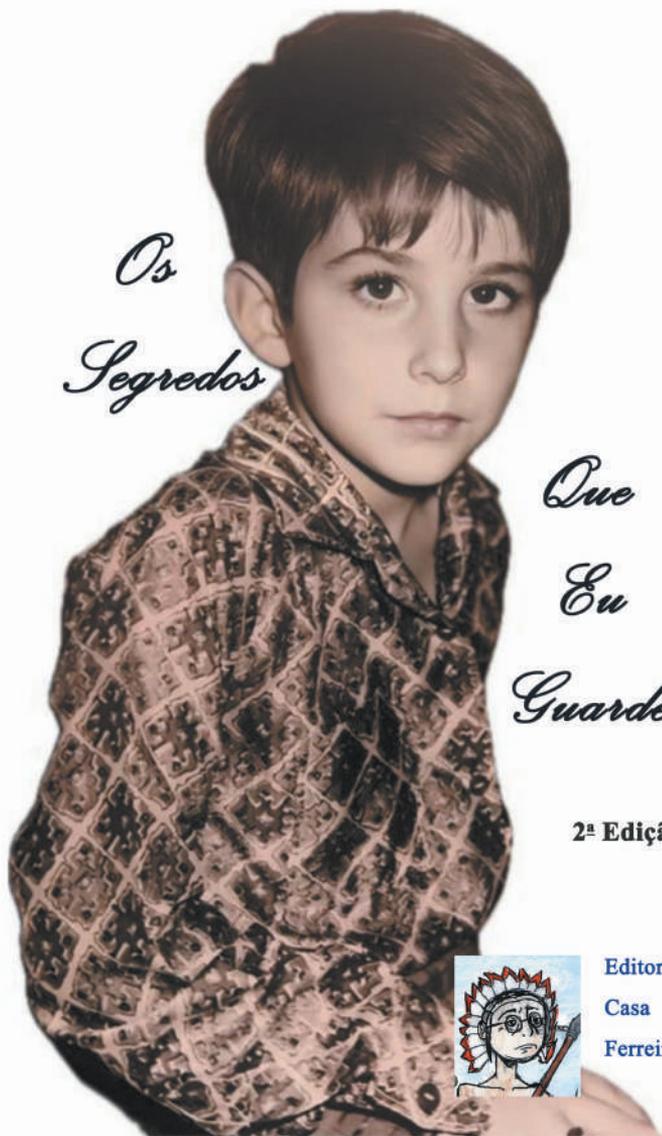


Edivaldo Biscassi



*Os
Segredos*

*Que
Eu
Guardei*

2ª Edição



**Editora
Casa
Ferreirinha**



Edivaldo Benedito Biscassi

Nascido em Palmeira d'Oeste/SP, descendente de famílias italianas pioneiras na formação da cidade.

Estudou na EE Orestes Ferreira de Toledo onde cursou o Ensino Fundamental (1974 a 1981) e o Ensino Médio (1982 a 1984). Depois, o Magistério no Colégio XV de Abril em Jales - SP (1985 a 1987) e, por fim o Ensino Superior na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras também em Jales - SP, onde cursou licenciatura em História de 1988 a 1990.

A decisão de seguir a carreira do magistério foi tomada no final do Ensino Fundamental, seguindo o exemplo de professores inspiradores.

Edivaldo Biscassi

*Os Segredos
Que Eu
Guardei*

Professor Edivaldo

(Edivaldo Biscassi)

Os Segredos Que Eu Guardei

Copyright © 2024 por Edivaldo Benedito Biscassi

Os Segredos Que Eu Guardei

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. Nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização do autor.

Edivaldo Benedito Biscassi

2ª Edição

1ª Tiragem novembro de 2024

Edição:

Editora Casa Ferreirinha

Revisão:

Hermenegildo Jose Ferreira

Diagramação:

Hermenegildo Jose Ferreira

Capa:

Hermenegildo Jose Ferreira

ISBN -

CIP - (Cataloguing-in-Publication) – Brasil – Catalogação na Publicação

Ficha Catalográfica feita na editora

Biscassi, Edivaldo Benedito

Os segredos que eu guardei

2ª ed. Palmeira d'Oeste (SP), Editora Casa Ferreirinha, 2024.

168 pg.; 15,5 x 23cm (Broch.)

ISBN –

CDD B869

Índice para catálogo sistemático

1. Literatura Brasileira 2. História I. Título

Editora Casa Ferreirinha

Av. Euclides da Cunha, 4979 - Centro - Palmeira d'Oeste - SP - CEP: 15.720-000

WhatsApp: 17 996 414239

meneferreira@hotmail.com

Edivaldo Biscassi

*Os Segredos
Que Eu
Guardei*

EDITORA
CASA FERREIRINHA



PREFÁCIO

Às vezes, nos perdemos nos labirintos da vida, buscando respostas para questões que parecem escapar de nosso alcance. Em meio a essa jornada, encontramos narrativas que nos fazem refletir, nos emocionar e, por vezes, nos transformar.

Com grande prazer e satisfação quero apresentar a vocês os registros deste livro, escrito por meu amigo, professor Edivaldo, cuja jornada e talento admiro profundamente.

Nestes anos de convivência pude ouvir atento seus relatos detalhados e emocionantes, alguns destes estão nesta obra e outros tantos que só agora ele dedicou-se a contar por meio da escrita dos fatos vivenciados por ele desde sua infância e carregam além de histórias, lembranças da memória de uma criança que cresceu vendo o progresso de Palmeira d'Oeste.

É uma narrativa repleta de emoções, recheada de risos, lágrimas, e tudo mais que compõe a complexa tapeçaria da existência humana.

Percebe-se a trajetória de sua família e de tantas outras que de longe vieram para fincar suas raízes nesta terra e daqui produziram sua sobrevivência, criaram seus filhos, professaram sua fé e hoje colecionam memórias dos momentos de conquistas árduas e dificuldades vencidas durante a vida.

O livro traz um recorte dos olhares de uma criança que viveu durante anos difíceis, mas soube levar a infância de maneira leve e feliz, encontrando nos livros, nas histórias, nas brincadeiras, na religião espaços de sentimentos, conhecimentos e experiências.

Ao longo das páginas que se seguem, seremos transportados para o passado, reservado com vivências facilmente identificadas por aqueles que residem ou residiram em Palmeira d'Oeste na década de 1970. Cada palavra, cuidadosamente escolhida, nos conduzirá por trilhas de emoção, reflexão e inspiração.

Neste livro, descobriremos que as histórias são mais do que simples relatos. E, ao mergulharmos nessas histórias, encontramos um pouco de nós mesmos, nossas alegrias, nossas dores, nossas esperanças.

Que cada leitor encontre aqui não apenas entretenimento, mas também inspiração para abraçar sua própria jornada com

coragem, gratidão e amor. Escrever suas próprias histórias, traçar seus próprios caminhos e enfrentar seus próprios desafios.

Ao meu amigo Edivaldo, quero manifestar a mais profunda admiração por sua coragem em compartilhar sua história e visão com o mundo, nos fazendo um convite para uma reflexão profunda sobre o significado da vida e a importância de viver plenamente cada instante.

Com grande expectativa, deixo-vos mergulhar nas páginas deste livro e deixar-se levar pela magia das palavras do meu querido amigo.

Marcus Vinicius Guarnieri da Silva

HOMENAGEM

Venho homenagear com este livro, que narra minha infância, as duas mulheres importantes nessa fase da minha vida, minha mãe Neusa Bolognesi e minha avó Maria Masson Bolognesi (in memoriam).

Fui abençoado por tê-las como companheiras de jornada, aquelas que me abraçaram, amaram, cuidaram e educaram. Vocês são a prova de que amor incondicional existe.

Mulheres gigantes que carregaram toneladas de amor e de ternura, uma infinidade de bravura, exemplos de mulheres fortes e guerreiras,

Se outras vidas existirem, eu quero voltar novamente com vocês duas.

Simplemente, por amor!

Edivaldo Biscassi

Palmeira d'Oeste/2024

SUMÁRIO

Prefácio	4
Homenagem	6
“O casarão”	8
“A terra”	17
Alguns anos antes... ..	25
1970 – “O circo”	30
1971 – “Os terroristas”	35
1972 – “Mais perto de Deus”	51
1972 – “Coisas de criança”	65
1972 – “Um homem do povo”	73
1973 – 1974 “Anjos da terra”	83
1974 – “Uma vida nova”	88
1974 – “A escola”	98
1975 – “Ventos de mudanças”	104
1975 – “O frio”	114
1976 – “A noiva”	121
1977 – “O fogo”	136
1977 – “O colecionador”	146
1978 – “A revelação”	156
Agradecimento	168

“O CASARÃO”

Meu avô paterno se chamava Gelindo Biscassi, era um homem muito sério, não me lembro em toda a minha infância de um dia tê-lo visto sorrir, era descendente de imigrantes italianos, seus pais Pietro Biscassi e Ângela Maróquios atravessaram o Oceano Atlântico com seus filhos no início do século XX, precisamente no ano de 1911, em busca de trabalho na América.

Ele tinha apenas sete anos de idade e contava que na mesma embarcação que vieram também viajou aquela que um dia seria minha avó, Adelina Venturini, recém-nascida, que embarcou nos braços de sua mãe Thereza Bortoletto em companhia do pai Amadeu Venturin. Segundo a história, o jovem Amadeu era um seminarista e queria se entregar à carreira religiosa, porém ao conhecer a bela e jovem Thereza teria abandonado o celibato e juntos deixaram a Itália para tentar uma nova vida e poder viver seu amor em terras brasileiras, porém, a vida lhes foi madrastra. Aqui uma vez já instalados e trabalhando, quando ela estava grávida da terceira filha, Amábile, ele foi infectado com um espinho de coqueiro vindo a falecer de tétano aos 22 anos. Thereza com muita dificuldade criou os filhos com a ajuda de seus irmãos que vieram juntos com ela no processo migratório.

Sabemos dessas histórias, pois meus avós guardaram por toda a vida os passes de embarque que os antepassados usaram para adentrar ao navio, eles se orgulhavam em mostrá-los dizendo que o destino sempre estivera ao lado deles, pois, pequeninos vieram ao Brasil, não se conheciam, uma vez que nas embarcações viajavam muitos imigrantes de regiões diferentes, mas por fim, em terras brasileiras as duas famílias acabaram sendo contratadas pelo mesmo patrão, um fazendeiro produtor de café, e assim cresceram próximos, um dia vieram a se apaixonar, se casaram, constituíram uma família e tempos depois se tornaram os “nonos” da família Biscassi.

Por diversas vezes tive em minhas mãos os tais documentos que meus bisavôs e seus filhos usaram para sair da Itália rumo ao Brasil, eram papéis amarelados, que a nona Adelina guardava com muito cuidado e carinho em uma caixa (lata de biscoitos finos), juntamente com o que ela chamava de “reliquias” onde estavam

algumas fotografias, uma agulha de ouro, e três libras esterlinas, moedas inglesas do mesmo metal, e algumas moedas de prata, objetos que seus pais trouxeram ao sair da Europa.

Ela também guardava um livro de capa roxa, muito antigo que ela dizia ter pertencido a seu pai o seminarista Amadeu Venturin. Este exemplar de bonita encadernação em alto relevo em tecido era “O Novo Testamento Segundo São Marcos”, todo escrito em italiano e com muitas gravuras, na publicação estava a data de 1887. (Na minha adolescência a nona chegou a me presentear com este livro, mas depois acabei repassando para a prima Nair que também sempre o desejou).

Eu sempre gostei de ouvir as histórias que eles contavam, aliás eu era o único neto que na adolescência tinha paciência para sentar-me ao lado deles durante longas tardes na varanda do “casarão” e conversar, perguntar, ouvir e me deliciar com tantas lições de vida. Eram relatos tristes de uma vida sofrida, de trabalho árduo, dificuldades, privações, fome, mas acima de tudo, também de esperança e fé. O primeiro filho deles, de nome Afonso, faleceu logo ao nascer, vítima de anemia, a nona contava que durante a gestação o principal alimento que ela tinha para saciar a fome era mamão que colhia no meio da roça.

Em seus relatos chegavam a falar de maus tratos praticados por patrões e que no auge da adolescência trabalharam ao lado de ex escravos já com idade mais avançada que eles. Outro fato curioso que me contavam era que os proprietários de terras, preferiam contratar para suas fazendas, as famílias que tivessem mais filhos homens, isso porque havia um certo preconceito para com as filhas mulheres, que, uma vez casadas engravidavam e não renderiam no trabalho por um determinado tempo enquanto durassem os últimos meses da gestação e a dieta após o nascimento da criança. Por esta razão, eles trocaram de trabalho por diversas vezes, pois o filho mais velho, João, era homem, mas as outras duas, Durvalina e Thereza, que vieram em seguida eram do sexo feminino.

Em busca de melhores condições de trabalho passaram por fazendas nos municípios de Santa Cruz Estrela, Ariranha, Santa Adélia e Álvares Florence. O tempo passou, foram guardando um certo dinheiro, fruto do suor de seus esforços e a primeira propriedade que puderam comprar foi um pequeno sítio na década de 1940, na então Palmeira d’Oeste que ainda era uma vila em

Os Segredos Que Eu Guardei

formação com o desbravamento do interior do estado de São Paulo, e assim, aqui se fixaram por décadas, construindo uma história e deixando um legado importante como uma das famílias pioneiras que em muito contribuíram para o progresso de nossa cidade.

A nona dizia que veio durante toda a viagem para Palmeira d'Oeste sentada em um carro de boi, com todos os seus seis filhos, porém alguns eram adolescentes e outros ainda crianças. Contava que trouxeram algumas trouxas com as poucas vestimentas que possuíam, algumas panelas de ferro, pratos, bules e canecas de ferro ágata, cadeiras de madeira empalhadas, e caixotes de madeira que portavam o pote de água, a chapa para o fogão à lenha e alguns poucos mantimentos, além de balaies, peneiras e ferramentas de trabalho. Ela trazia junto ao colo uma cestinha de bambu com uma galinha que fez a viagem com as asas cortadas para não voar e fugir, a esperança da nona, era que a tal ave botasse ovos e tivesse muitos pintainhos para servir no futuro de alimentos para a família.

No sítio se instalaram em uma velha casa de barro e ali trabalharam duramente por duas décadas e meia, os filhos cresceram e em muito ajudaram os pais, minha tia Durvalina contava que por não terem um animal que puxasse o arado, ela mesma fizera esse trabalho por muitos anos para que o solo fosse preparado para o plantio. Trabalharam muito de sol a sol, deixaram seu suor e suas lágrimas naquela terra, mas Deus os abençoou e com alguns anos produzindo, colhendo e vendendo o café conseguiram dinheiro para primeiramente comprar outro sítio e depois para dar de entrada em uma chácara que estava à venda na cidade.

Então, no final de 1964 compraram a propriedade, onde estava instalado o casarão onde nasci em 1967, também havia no local uma máquina de beneficiamento de arroz que seria mais uma fonte de renda para a família, que a partir de então trabalharam incessantemente para pagar as parcelas do imóvel, até que toda a dívida fosse liquidada.

Relatando assim, em poucas páginas parece que tudo foi muito rápido e fácil, mas não, tudo o que conquistaram foi com muita dificuldade, trabalho, luta, perseverança e esforço em busca e um sonho que conseguiram alcançar com a graça de Deus e de todos os santos que a nona Adelina era devota.



Máquina de beneficiamento de arroz.

Os Segredos Que Eu Guardei

Quando eu nasci, em 1967, a família já estava estruturada financeiramente, a cidade crescia, mas, meus avós eram muito seguros em relação ao dinheiro, produziam no sítio e na chácara praticamente todos os alimentos que necessitávamos para a nossa subsistência. O nono Gelindo era um homem simples, apesar de toda a fortuna que acabara por construir, usava roupas modestas e arrastava um chinelo de couro, motivo pelo qual eu o chamava de “nono do chinelo”. A nona Adelina também era uma mulher simples, passava grande parte do dia na horta que cultivava localizada nos fundos da casa, no quintal.

De tudo o que ela plantava o que mais me chamava a atenção quando criança eram os inúmeros pés de berinjela que juntos pareciam árvores de Natal e os quiabos de metro, caídos sobre uma cerca lembravam enormes cobras.

Depois, ela repetia diariamente a mesma rotina, pegava um potinho de plástico azul e percorria o “quintal grande” que ficava separado dos arredores da casa por uma cerca, ela ia em busca de ovos que porventura suas galinhas, agora muitas, tivessem botado. Nessa época ela já possuía uma grande criação das mais diversas aves, entre elas, angolas, patos, marrecos, entre outros.

Os nonos Gelindo e Adelina eram meus padrinhos de batismo, mas não demonstravam muito carinho nem por mim, nem por ninguém, eram pessoas secas no que se refere ao trato com os demais, não gostavam de demonstrar sentimento, talvez pela vida dura que tiveram, e porque possivelmente nunca receberam nenhum tipo de afeto de seus pais. Naquela época a palavra de ordem era trabalhar.

Quando eles não queriam que nós soubéssemos o que estavam falando, então dialogavam por horas em italiano. As expressões de raiva e indignação por algum fato era visível em seus rostos. Eu ficava muito curioso para saber o que falavam e ao mesmo tempo me divertia muito com tudo aquilo.

O grande “Casarão” construído na chácara ficava de frente para a pracinha, que teve vários nomes, entre eles: “Praça ou ponto do fuxico” porque ali sentavam vários homens à noite para relatar e discutir os fatos da cidade; “Praça dos Tubos” porque depositaram no local enormes tubos de cimento que permaneceram esquecidos por anos até que fossem usados em alguma canalização e durante o período em que ali estiveram eram nossos objetos de brincadeiras

de esconde-esconde, malabarismos, entre outras, e por fim hoje se chama “Praça do Baptista”, em homenagem ao prefeito Baptista Alvarez Campos que residiu por décadas em uma casa do outro lado desta pracinha, quase em frente ao nosso casarão.

O local em que morávamos era uma grande propriedade que se estendia até onde hoje termina os limites do CPP (Clube do Professorado Paulista), a construção principal era o “Casarão”, com uma sala enorme, muitos quartos e uma cozinha onde havia uma mesa gigantesca de madeira e o fogão à lenha e a gás, geladeira e outros móveis, vivíamos entre o antigo e o moderno.

Por ocasião da mudança para o casarão, alguns filhos já estavam casados, com exceção de meu pai Zulmiro e da tia “Nal”, meu avô manteve junto a ele os filhos solteiros e o filho mais velho, tio João com sua família já constituída. A casa para meus olhos de criança, era muito grande, havia muitos cômodos e cada filho ocupava um quarto.

O mais velho dos meus tios era o João, que cuidava da máquina de beneficiamento de arroz, casado com tia Maria Brighente, uma mulher doce, meiga e muito religiosa era ela quem me levava desde pequeno à igreja juntamente com seus filhos, Nair, Odete e Valdecir, (O Evandro nasceu muito tempo depois quando já moravam em outra casa).

As duas tias casadas moravam em sítios próximos com suas famílias, a tia Durvalina, casada com tio Rafael tinha quatro filhos, Odair, Sirlei, Sidneusa e Dulcineia. E a tia Thereza (Léla) com seu esposo o tio Moisés que era um “oveiro” (ofício das pessoas que vendiam de forma ambulante artigos nas zonas rurais), que trabalhou por muitos anos com uma charrete e tempos depois com uma perua rural para realizar seus negócios. Tiveram cinco filhos, Antônio, Marlene, Amarildo, Maria Regina (Lica) e João.

O tio Ermínio também morava em um sítio, era casado com a tia Encarnação Oel, uma linda mulher de origem espanhola, descendentes de antepassados ciganos, ela vivia sempre muito enfeitada e perfumada, eu adorava pentear seus longos cabelos pretos quando ela vinha à cidade, sua chegada era sempre uma alegria, vinha conduzindo sua charrete com os seus seis filhos, Odair, José, Olinda, Maria Helena, Sueli e Adriana. Chegava com flores no cabelo, suas sombrinhas coloridas, os braços repletos de pulseiras, brincos enormes e seus vestidos rodados com babados e

Os Segredos Que Eu Guardei

mangas bufantes. Ah, sem esquecer dos lábios vermelhos de carmim e as mãos pequeninas com os dedos repletos de anéis que sempre portavam um leque rendado. Eu adorava a tia Encarnação ela tinha uma aparência mística, dona de uma grande espiritualidade e sabia ver passado, presente e futuro nas cartas do baralho.

Meu pai era o quinto dos filhos, casado com minha mãe Neusa Bolognesi (contarei essa história mais à frente em um capítulo à parte), era responsável pela frota de caminhões e pelo transporte de café e arroz, ele passava semanas fora de casa em viagens. O nascimento de minha irmã Cristina também será relatado nos próximos capítulos.

A última das filhas, a de número seis era a tia Maria ou a tia “Nal” como era chamada, casou-se tardiamente com seu esposo o pedreiro “Ditão”, e tiveram três filhos, Debora a “Pepa”, Denis e Daniel. Essa tia ao se casar, mudou-se para São Paulo e conhecedora de meus gostos pelo mundo artístico da televisão enviava sempre juntamente com as cartas para a família, diversos recortes de jornais e revistas com fotos de artistas e cantores, entre eles um dos meus preferidos na época, o apresentador Silvio Santos.

Na entrada da casa ficava o jardim, havia muitas espécies de flores, algumas dessas plantas eu nunca mais vi depois de adulto, mas trago na memória o colorido que enfeitava a frente de nossa casa e o aroma de algumas delas, ali tínhamos plantados jasmims, hibiscos, lágrimas de Cristo, antúrios, bananeirinhas, cravos, margaridas, dalias, cristas de galo, rabos de gato, colchão de noiva, uma árvore que só desabrochava em época natalina (flor de natal), dama da noite e uma das minhas preferidas, era uma planta vermelha um arbusto pequeno, arredondado que chamavam de “flor de finados” (*Scadoxus multiflorus*). Também havia os capitães, que eram lindas flores das mais diversas cores onde pousavam borboletas que, nós crianças, pegávamos com todo cuidado e colecionávamos dentro de vidros. Da varanda da frente até o portão de entrada havia uma calçada de tijolos amarelos.

Eu passava horas no jardim e observava os passantes, a mulher que lavava roupa para o hospital e fazia o trajeto com “trouxas” amarradas, o casal de velhinhos “tio Zico e tia Lina” que com

cestas passavam pelas casas vendendo alface; o “Chico da banana”, um senhor deficiente dos pés que vendia suas frutas com um carrinho de mão feito com madeira e a “velha cuspideira” chamada “Dona Arlinda”, uma espécie de andarilha; entre outros. Eu via o mundo lá fora pelas grades do portão.

No fundo da casa havia os “batedores de roupa”, as tinas e vascas de água. A porta da cozinha dava para um quintal ladrilhado com um pé de sete copas, depois vinha o quintal de terra, a horta, as tulhas e a privada. Em seguida vinha a cerca aonde um portão de madeira nos conduzia ao “quintal grande”, onde estavam instalados os chiqueiros dos porcos, ali também estavam as grandes variedades de frutas, os pés de manga, os diversos tipos de laranja, a plantação de abacaxi, mamão, coco, São Caetano, jabuticaba, fruta do conde e diversas outras plantas como mamona, erva cidreira e o dorme João.

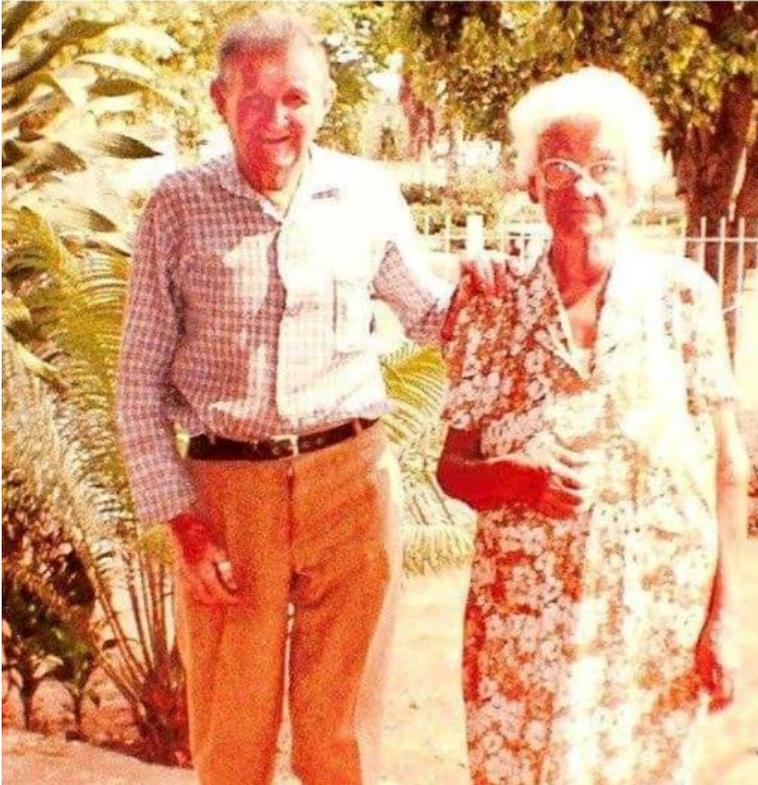
Ao lado do “Casarão” havia a máquina de beneficiamento de arroz, era um grande espaço, repleto de alas, balanças e muitos sacos de arroz empilhados, eu adorava brincar por ali, principalmente quando achava as ninhadas de ratinhos, eu pegava os filhotinhos e colocava em meu caminhãozinho de madeira, e puxava por um barbante pela propriedade, só tinha que tomar cuidado porque meu gato “Zé Antônio” estava sempre à espreita para devorar esses meus amiguinhos. Ainda nos fundos da máquina havia os montes de palha de arroz onde nós crianças adorávamos brincar, subíamos até o topo e depois descíamos sentados em um papelão.

Ao lado direito da máquina havia lindas paineiras que quando floriam deixavam o chão coberto de flores, era o espaço onde ficavam os caminhões, foi ali que certa vez mataram uma cobra coral vermelha e preta, foi a primeira vez que vi esse tipo de réptil, depois penduraram-na em uma cerca, eu achei muito bonita as cores dela, então pensei, “quando todos se forem eu vou lá, pegá-la e dou para minha mãe fazer um colar”, mas fiquei de espreita, na ingenuidade dos meus três para quatro anos, e muito me entristeci quando o nono com uma cavadeira abriu um buraco e enterrou a serpente.

Também era debaixo dessas paineiras que nós, as crianças faziam fornos de barro usando os pés como moldes, depois fazíamos murinhos também de barro e enfeitávamos com as flores das paineiras e com os “capitães” uma flor que havia muito nas

Os Segredos Que Eu Guardei

redondezas. Nossa infância era livre, tínhamos muitos espaços, e tudo nos servia para passar o tempo, vivíamos em uma época da mais pura ingenuidade e inocência.



Os “nonos” Gelindo Biscassi (19 de março de 1903 a 25 de outubro de 1995) e Adelina Venturini (14 de setembro de 1911 a 09 de novembro de 1998), no jardim da casa onde viveram a maior parte de suas vidas e ao fundo a “pracinha”. Ela bordou em uma toalha quando eu ainda era criança a seguinte frase:

“Aqui, onde dois corações batem com felicidade e o amor sincero até a eternidade”.

Ela manteve esta toalha com as bordas em renda, pregada na parede da cozinha do “Casarão” até o dia de sua morte.

“A TERRA”

Minha mãe Neusa, também descende de famílias italianas, seus avós paternos, Paulo Bolognesi e Paschoalina Cavichia tiveram 11 filhos. Santo, foi o nome escolhido para o primogênito, em seguida vieram Francisco, depois Natal, Maria, e Antônio vieram na sequência. Na tentativa de outra menininha para alegrar ainda mais a casa, vem Olivia, logo depois Angelina e ainda, tiveram mais quatro filhos, Amélia, Rosa, Avelino e por fim Marcílio.

O casal que sempre trabalhou na zona rural, decide em 1953 mudar-se para o interior do Estado, e escolheram Palmeira d'Oeste, precisamente o Córrego do Bananal como destino. Nesta época Palmeira d'Oeste tinha apenas o título de Distrito de Paz, vindo a se tornar um município 07 anos depois da chegada da família no território. Na época alguns filhos do casal já haviam se casado e não acompanharam os pais, outros mesmo com as esposas seguiram rumo ao destino, assim como os mais novos e começaram a plantar suas raízes nesse lugar.

Foi desta maneira que meu avô, Antônio Bolognesi e sua esposa Maria Masson chegaram em Palmeira d'Oeste nos tempos da fundação da cidade, consta que ele juntamente com seus irmãos cortou a mata para abrir o que hoje é a estrada da Linha 2, que leva aos bairros rurais do Bananal, Monte Verde e Espírito Santo. Naquela época muitas famílias se instalaram nas zonas rurais atraídas com a esperança de enriquecer com o café, e conseguiram, porém, através de muito trabalho.

Quando eu passei a entender as coisas, lá pelos três ou quatro anos (1970-1971), meus avós já moravam em uma casa de tijolos muito confortável e bonita, mas conheci a tapera em que viveram antes de minha mãe se casar com meu pai.

A construção de alvenaria era ampla, com vários quartos, sala e cozinha espaçosas e nos fundos uma grande varanda onde ficavam as mesas de refeições, o forno e o fogão à lenha, os batedores de lavar roupa, as tinas com água, a mesa onde se lavava a louça em bacias, e o poço do qual pegavam água, tudo dentro da mesma cobertura.

De frente a varanda havia uma parreira de uvas, algo incomum na época em nossa região, a nona Maria guardava com todo o carinho os cachinhos da fruta para nos dar nos finais de semana quando

Os Segredos Que Eu Guardei

íamos ao sítio, ou enviava pelo nono quando ele vinha à cidade para que nos entregasse.

Uma cerca de arame farpado protegia a casa e o enorme quintal, sempre muito limpo e varrido, não se via uma folha no chão, ali ficavam os dois terreiros para a secagem do café, uma tulha para guardar as sacas do produto colhido e um paiol cheio de milho onde os pombos ficavam o dia todo no telhado. Eu passava horas na varanda sentado em uma cadeirinha de madeira empalhada observando seus vôos, era um espetáculo. A performance daquelas aves me atraía, eram livres, parecia que iam chegar aos limites do céu.

No espaço também ficava a horta, e espalhadas por todos os lados as árvores frutíferas, como: seriguelas, romã, carambola, pinha, fruta do conde, jabuticaba, laranja, tangerina, goiaba, amora, caqui, a plantações de limão, abacaxis e mais ao fundo havia um bambuzal.

Na parte de trás da casa ficava uma outra tulha onde guardavam as ferramentas e acoplado a essa construção ficava a cobertura onde as ficavam as charretes e os carrinhos.

O chuveiro era tipo “Tiradentes”, daqueles que tínhamos que esquentar a água, colocar em um balde que ficava amarrado a uma corda, era escuro e dentro de casa junto à despensa, já a “privada” era do lado de fora em uma casinha de madeira, assim como também era na cidade. A casa no sítio tinha todo o conforto necessário, meus avós viviam muito bem, mas incansáveis não deixavam de trabalhar um único dia na roça, a não ser aos domingos, plantavam café, algodão, arroz, feijão, milho, banana, mandioca e amendoim enfim tudo que era necessário para o sustento ou poderia ser comercializado.

No meio das grandes lavouras cultivavam abóbora, batata doce, tomate, cará, mandioca, quiabo, tomate, feijão de rama, milho de pipoca entre outros.

Nona Maria também era descendente de italianos, contava que seus pais João Masson e Thereza Sivério também chegaram ao Brasil no mesmo ano e no mesmo navio, porém crianças não se conheciam. Ela contava muitas histórias de suas vidas que pelos relatos não foram nada fáceis. Minha nona sempre tinha um olhar diferente de ver as coisas, dizia que haviam vencido nessa terra e por isso para

tudo ela tinha uma palavra de esperança justificando que assim como as fases boas, os tempos difíceis também passariam.

Com muito amor ela cultivava um lindo jardim em frente à residência, da porteira que levava a pequena varanda de entrada e dava acesso à casa fora construído um “giral”, era assim que chamavam a estrutura de madeira em forma de arcos que formavam um túnel repleto de primaveras das mais diversas cores. Enquanto no chão coberto por um extenso gramado, ou em vasos que estavam espalhados, hortênsias azuis, lindas dalias, lírios, alamandas amarelas (dedal-de-dama), manacás de diversas cores, antúrios, roseiras, palmas de Santa Rita, samambaias, jasmims, copos de leite, damas da noite, roxas e brancas, folhagens multicores, coqueiros e uma infinidades de outras flores cuja cores se misturavam formando um visual encantador e espalhando um perfume que até hoje trago em minha memória.

Mas o cheiro que mais tenho saudade e está em minhas lembranças era o de minha querida nona Maria, além da habitual fragrância “Alma de flores”, não sei definir o que era o perfume que ela exalava, uma mistura de talco de criança e amor, havia algo especial, vindo de sua própria pele, uma fragrância doce como ela. Nona Maria tinha o que chamamos de “alma perfumada”. Ela era uma mulher sempre muito bem penteada, maravilhosa, sábia, calma, com um olhar que transmitia conhecimentos, aprovação e reprovação sem dizer uma única palavra, gostava de abraçar as crianças, pegar-nos no colo, beijar, acariciar a cabeça. Acho que em toda a minha infância foi nona Maria a pessoa que mais soube me entender e demonstrar sentimentos de amor, carinho, compreensão, benevolência, bondade e tolerância.

Ela era um ser de luz, uma guerreira, uma mulher forte. Contava-me que durante anos buscara água no rio com latas sobre a cabeça, que quando moravam na tapera embarreava, com a colaboração das filhas, as paredes constantemente usando saibro para proteger a construção, e nas paredes da sala, usando um papelão como molde vazado, desenhava flores e depois as pintava usando um pano umedecido com anilina ou anil que ficava, segundo ela, muito bonito e alegrava o ambiente. A pobreza era grande, mas a disposição e a esperança eram maiores. Minha mãe conta que aprendeu com a vizinha de sítio, “Dona Laura Casagrande” como nivelar o chão da tapera, então à noite quando todos se recolham,

Os Segredos Que Eu Guardei

ela com um enxadão “cavoucava” superficialmente a terra, depois jogava água usando um balde e com as mãos alisava o barro, tornando-o liso e deixando a casa com sensação de ar fresco.



A Casa onde minha mãe Neusa Bolognesi morou antes de se casar em 1966. (foto tirada quando a moradia já estava abandonada há anos).

Já na casa de alvenaria (e eu presenciei) passava cera no chão e depois com o escovão deixava tudo brilhando, enchia os colchões com palha de milho ou paina e os travesseiros com penas de galinha, passava as roupas com ferro em brasa, torrava e moía café, fazia sabão, trabalhava na roça, cuidava do quintal, debulhava milho, rachava lenha, alimentava as criações (galinhas, patos, porcos entre outros), usando baldes levava água do poço nas tinas que ficavam no pasto para saciar a sede do gado, costurava, remendava, bordava, produzia “trapontas” (cobertas feitas com restos de tecidos) e lindas colchas de retalhos e enchia diariamente seus varais de arame farpado com todas as roupas de serviço e de uso familiar sendo que muitas dessas peças depois eram “quaradas”, ou seja expostas ao sol para clarear, havia um suporte de madeira, tipo os pés de um mesa onde se plantava um cipó com

flores azuis, estes arbustos se entrelaçavam, e era sobre ele que se colocava roupas e lençóis. Não era nada fácil ser mulher naquela época.

Muito prendada também com dotes culinários, como herança de seus antepassados italianos aprendeu e fazia como ninguém todo tipo de massa: pastel, “nhoque”, “tortellini”, “taiadela”, bolo de milho com cobertura de mel de abelha, pamonha, canjica, curau com sabores e temperos que nunca provei em nenhum outro lugar em toda a minha vida. Os doces de mamão, abóbora e laranja cidra (uma espécie de laranja grande) eram suas especialidades e um pão doce recheado também com doce de mamão que ela chamava de torta eram pratos que ela sempre fazia juntamente com pães, queijos, bolachas de nata, bolinhos de chuva, rosquinhas, mantecal”, e diversas outras guloseimas que suas mãos calejadas, porém hábeis sabiam fazer para nos esperar. No sítio havia muita fartura, as mesas estavam sempre cheias e abundantes e nossa chegada era sempre uma festa.

Nona Maria tinha uma fé inabalável não tinha medo de nada, nem de assombração, nem de bicho de espécie alguma, era corajosa, certa vez, cheguei para dormir no sítio no final de semana, fui com o nono de charrete, meus pais viriam só no domingo, era uma sexta feira, ela estava suada, parecia cansada, encontramos ela no meio do quintal com um pau de quase dois metros na mão, e no chão estiradas duas cobras enormes. Depois que ela recobrou o fôlego nos contou que primeiro apareceu uma e que ela ao perceber as galinhas assustadas procurou até encontrar para matá-la, e que enquanto mirava o bicho, a outra apareceu, e que em dado momento ela sentiu-se cercada, mas desferindo a madeira com golpes na coluna, matou a primeira, desviou-se para conseguir matar a outra e assim o fez. Não foi a primeira vez que ela conseguia essa façanha, ela tinha muita agilidade, também fazia simpatias e rezas, lembro-me de uma vez que ela tinha levado o almoço para o pessoal na roça, ao voltar, sempre acompanhada pelos seus fiéis cachorrinhos, o “Albuquerque” e o “Bidu”, viu uma cobra, amarrou a saia com três nós e disse que o animal não saísse do lugar, e não saiu, ela foi em casa, pegou uma enxada e na volta desferiu um golpe que cortou o réptil ao meio e depois esmagou sua cabeça. Presenciei ela certa vez dentro de casa com um bambu nas mãos derrubando e matando outra cobra que estava alojada

Os Segredos Que Eu Guardei

entre as travas de madeira da moradia. Como eu admirava aquela mulher, ela contava que por diversas vezes na roça, ao puxar com rodo ou a enxada debaixo dos cafezais, trazia rolos de cobras que ela matava em segundos. Seu santo era forte, em uma região repleta de répteis, nem ela e ninguém da família nunca foram picados, ela percebia o perigo antes.

Muito religiosa, ela ouvia novenas pelo rádio, rezava terços, recebia no sítio as “Folias de Reis”, tinha muitas imagens de seus santos de devoção, benzia as pessoas com dores de cabeça que ela dizia ter pegado “ar” ou “reflexos” e para curá-las colocava um copo de água sobre a cabeça com uma toalha e a água borbulhava, não molhava o pano e nem vazava a água, também fazia “estracolo” para males de torções, onde ia costurando um pedaço de pano enquanto benzia, também sabia orações e simpatias para curar mal de lombriga (usando um copo com água e três brasas quentes), e espinhela caída, entre outros males. Estes e outros ensinamentos ela aprendeu ao longo da vida, mas não passou para ninguém.

Como símbolo de sua maior fé, por sua ordem foi construída uma capelinha na parede, no alto da casa, acima da janela se seu quarto, onde ela mantinha a imagem de Nossa Senhora de Aparecida.

A família de minha mãe era bem mais animada e festiva que a de meu pai, no sítio havia grandes festas por ocasião das comemorações de Natal, Ano Novo e fim da colheita de café, sempre regadas a muito vinho churrasco, massas e com iguarias produzidas com carnes e miúdos: linguiça, chouriço, “codigum”, morcela (que chamavam de “morcilha”), torresmos, entre outros. Lembro-me das latas de gordura onde guardavam as carnes para conservar e depois eram retiradas nesses dias de festa, já as bebidas eram colocadas em tinas de barro na sombra e com água fresca do poço para manter uma boa temperatura.

Nesses grandes eventos chegavam a se juntar cerca de cem pessoas, entre tios, primos e familiares, por diversas vezes devido ao contingente estas festas eram realizadas nos terreiros ladrilhados ou debaixo dos pés de manga, onde colocavam as mesas e passávamos o dia todo (eu particularmente nunca gostei). Esses encontros me deixavam triste, eu não sei explicar o porquê, mas aquelas músicas sertanejas raiz, aquele excesso de demonstração de felicidade,

bebida alcoólica, aquilo não era para mim. Em meu interior eu sabia que um dia tudo aquilo iria acabar, teria um fim, aquelas pessoas, aqueles abraços, aqueles encontros, enfim, na verdade, eu não me encontrava, eu não me identificava com aquilo tudo, não era meu mundo, não era o que eu queria para mim, mas eu não falava, me silenciava, guardava tudo em segredo

O abate de uma vaca ou de um porco já bastava para reunir a família e tomar vinho enquanto limpavam o animal e produziam os alimentos, assim também se fazia nos dias da produção de pamonhas e até nas noites em que cada um levava moringas com água e uma cadeira ao terreiro ladrilhado e passavam horas ouvindo as músicas pelo rádio, ou em volta de fogueiras onde cada um contava uma história de terror pior que a do outro, todos diziam já ter visto o lobisomem, luzes nas porteiras, ouvido a “velha pisadeira” andar pela casa à noite, e até minha mãe jurava ter visto o saci quando era criança. Aliás todos diziam que o garoto de gorro vermelho vivia a solta nos pastos do sítio à noite trançando as crinas dos cavalos. Muitas das crianças não ficavam perto dos adultos, iam caçar vagalumes pelos arredores, mas eu ouvia tudo aquilo calado e morria de medo, mas eu não falava nada, eu nunca falava.

Mas nem tudo era festa, havia muita confusão também, principalmente aos domingos, quando depois do almoço todos os homens se dirigiam para o campo de futebol (que ficava próximo), ali bebiam, se divertiam e muitas vezes havia brigas imensas após os resultados das partidas (Banhado X “Péla Jegue”) quando não aceitavam ser derrotados pelos visitantes.

Como meu avô e seus três irmãos eram proprietários de quatro sítios interligados e havia muitas pessoas na redondeza, todos se conheciam e se encontravam por ocasião das quermesses, formatura de corte e costura, missas na igreja do Monte Verde e em festas de casamento, lembro-me de uma festa de casamento que no final aconteceu uma grande pancadaria que bateram tanto em um convidado, um rapaz que veio de fora com os parentes do noivo, que depois acabaram por dependurá-lo em uma cerca de arame. Eu como sempre estava presente a isso tudo e vivia assustado, peguei aversão à bebida e fui me afastando aos poucos do sítio, até que na adolescência deixei de frequentá-lo.

Os Segredos Que Eu Guardei

O sitio era um lugar mágico, lindo mesmo, trago muitas recordações daquele lugar, como das paineiras que ficavam na entrada, junto à estrada, que quando floriam deixavam o chão repletos de flores e que constantemente eu colhia as painas para brincar, das plantações de milho com suas bonecas de cabelos coloridos (amarelo e vermelho), as igrejinhas, os diversos locais onde nós crianças brincávamos sem ver o tempo passar, dos pés de macaúba, das aventuras quando com meus pais íamos da cidade até lá a pé, eu sempre no pescoço de meu pai, das vezes que fomos de carrinho ou charrete e eu dizia que sentia frio na barriga.

Mas quando me lembro que passamos a fazer o trajeto com automóvel (essa foi a pior parte) e no retorno geralmente meu pai já estava alcoolizado, eu passava muito medo e sufoco na estrada, principalmente em dias de chuva e lama em que quase sofremos acidentes por mais de uma vez. Dessa parte não tenho boas recordações, só me deixaram traumas.

Dizem que não se pode voltar ao lugar onde se viveu no passado, acho que isso tem um fundo de verdade, na década de 2000 voltamos ao local em busca de recordações, a casa estava lá, havia mais modernidades, mas nada era igual a nossa infância, a “santinha” fora retirada do alto da parede, no lugar do jardim um vazio enorme, no pasto o mato crescia, enfim faltavam as pessoas, faltava aquela alegria toda, faltava vida. Eu tinha certeza, um dia tudo iria se acabar e acabou.



Antônio Bolognesi (21/ 11/1927- 10/01/ 2023).

Maria Masson Bolognesi (02/08/1929 – 04/04/2007).

ALGUNS ANOS ANTES

Foi em uma tarde do ano de 1965 que um caminhão adentrou ao sítio levantando poeira na estrada, o veículo fora enviado pelo Sr. Baptista Alvarez Campos para buscar a colheita de algodão que seria levado à máquina “CITUL” (Comércio e Indústria Tupi Ltda) de sua propriedade para ser comercializado. Entre os “saqueiros” como eram chamados os carregadores estava o homem que um dia viria a ser meu pai, Zulmiro Biscassi. O trabalho de carregamento era demorado e o sol estava ardente, o algodão estava exposto no terreiro ladrilhado em cima de tábuas suspensas por andaimes e cobertas por encerados, seria necessário remover a cobertura e ensacar o produto em fardos. Da janela de seu quarto, uma linda jovem de 16 anos, Neusa Bolognhesi (que viria a ser minha mãe) observava de longe os trabalhadores realizando sua tarefa.

O olhar dele para admirar a beleza dela foi muito rápido e preciso, e galanteador como sempre fora se interessou pela ingenuidade e inocência daquela adolescente, que em nenhum segundo percebeu que estava sendo observada.

Nos meses que se seguiram Zulmiro marcou presença em dois “bailes de campo”, eram assim que se chamavam as festas para arrecadar fundos para o time de futebol da localidade, o dinheiro era revertido para a compra de uniformes, e material esportivo. Nas duas ocasiões ele forjou um encontro casual, elogiou sua beleza dizendo que estava encantado com ela desde o dia em que fora buscar o algodão, ela, tímida e nenhum pouco interessada em suas investidas descartou qualquer possibilidade de uma aproximação maior.

Zulmiro chegou a dizer nas duas noites que pediria ao seu pai permissão para namorá-la, ao que ela respondeu que não queria e não lhe dava autorização para isso. Em um outro evento ele chegou a tirá-la para dançar e recebeu a proposta como uma negativa, atitude pouco incomum na época pois as moças não viam a hora de serem convidadas. Ao ser rejeitado ele teria dito a seguinte frase:

- Quem cospe para cima cai na cara.

Naqueles bailes iluminados por lampiões e animados pelo sanfoneiro João Leão, havia leilões das prendas arrecadadas com antecedência pelos sítios e fazendas, o melhor prêmio era sempre oferecido no “Leilão da meia noite”, e quem levava a prenda tinha

Os Segredos Que Eu Guardei

o direito de oferecer “a rosa” para a moça que quisesse tirar para dançar, minha mãe era sempre a escolhida, por sua beleza e por ser eximia dançarina. Isso aumentava ainda mais o desejo de meu futuro pai que investia a cada vez mais tentando conquistá-la.

Nos próximos meses, mesmo diante da negativa de sua pretendente, Zulmiro relatou ao pai dela na cidade em um encontro seus interesses. Ao chegar em casa, meu avô expôs a situação, mas não obteve nenhuma perspectiva favorável por parte da jovem Neusa, porém, minha avó Maria, ficou toda entusiasmada, principalmente pelo rapaz pertencer a uma família de posses. O comum era que as moças se casassem com rapazes da própria colônia, ou seja do meio rural em que viviam, mas nona Maria via a possibilidade do casamento de filha com um rapaz rico da cidade como um diferencial.

Os dois acabaram engatando um namoro forçado, ele vinha ao sítio sempre com balas, doces e cartões, a jovem Neusa que não gostava e não simpatizava com Zulmiro rompeu o compromisso por duas vezes, mas acabavam fazendo as pazes a cada nova investida e visita ao sítio. Ele usou de todas as artimanhas possíveis, chegou a enviar cartas, cartões (alguns guardo até hoje), presentes como perfumes (“Tabu e Cashmere Bouquet”), pó de arroz e artigos para moças, pelas professoras que vinham lecionar de charrete na escolinha, que já orientadas entregavam as embalagens para “Nico” o irmão mais novo de minha mãe, que chegava em casa todo eufórico. Encurralada, pressionada pela mãe e sem opção de fuga, minha mãe acabou se submetendo, concordando em reatar e dar-lhes esperanças para a realização de um casamento próximo.

Os meses se passaram, palavra dada era palavra cumprida, mesmo não o amando os preparativos para o enlace se iniciaram, o enxoval estava pronto, compraram as rendas para que “Dona Isabel”, mulher do Sr. Carlos Caetano (dono de uma mercearia) costurasse o vestido de noiva, mas, quando minha mãe viu o véu curto disse que não gostou (na verdade, ela não queria se casar) e que preferia um mais comprido, então meu pai para agradá-la comprou outro do tamanho que ela desejava. E assim na tarde de 28 de maio de 1966, na igreja de Palmeira d’Oeste, sob as bênçãos do Padre Gilberto e na presença de muitos convidados, Zulmiro Biscassi e Neusa Bolognesi selaram sua união jurando amor até que a morte os

separasse, mas, isso não aconteceu, foi um casamento conturbado que deixou marcas e sequelas em todos nós ao longo de nossa existência.

A recepção para os convidados aconteceu no quintal do casarão da família de meu pai, onde foi levantada uma tenda com bambus e coberta com encerados, como era o costume da época, as mesas foram feitas com cavaletes com tabuas, foram dispostos pelo local e coberto com lindas toalhas que todos os familiares emprestavam, assim como pratos e talheres para tanta gente eram cedidos pelas pessoas mais próximas. O cardápio totalmente italiano, foi macarrão, frango caipira em molho e muito vinho e cerveja, os pratos foram preparados pelas senhoras Adélia e Maria da família Zanardi, amigos e parentes dos Biscassi.

Em seguida todos se dirigiram para a máquina de café do Sr. Baptista, onde no terreiro ladrilhado estava montado um palco de madeira para os sanfoneiros e assim a grande festa percorreu por toda a madrugada tendo espaço inclusive para a “valsa dos noivos”. Os padrinhos de meu pai foram os casais, senhor Ricardo Secafim e senhora Nilda que deram de presente para os noivos um lindo aparelho de jantar, Paulo Cabelo e esposa que os presentearam com um jogo de latas (comum na época para guardar arroz, feijão e pó de café). Já os padrinhos de minha mãe foram o casal Antônio Candil e “Dona Terezinha” que deram uma boneca dorminhoca, que era um costume das pessoas mantê-las sobre as camas e onde as esposas guardavam suas camisolas, e o senhor Moacir Tondini e sua esposa “Dona Sebastiana” que trouxeram uma panela de pressão. O gerente do cinema onde meu pai trabalhava às noites deu-lhes um jogo de xícaras em vidro azul e uma orquídea do mesmo material que ficava em um vaso solitário. Os tios de minha mãe Avelino, Natal e Marcilio presentearam os noivos com um jogo de tigelas, uma garrafa de café e uma jarra de vidro com copos para suco. Estes e muitos outros presentes foram dispostos sobre a cama do casal para a visitaçã dos convidados.

No dia 24 de fevereiro de 1967, em uma sexta-feira, às 9 h da manhã, pesando 4 kg e 100 gramas eu vim ao mundo, nasci no casarão da família pelas mãos da parteira a senhora Angelina Cestari.



Zulmiro Biscassi e Neusa Bolognesi no dia do casamento em 28 de maio de 1966.



Walter Safre, Edivaldo Biscassi (sobre o capô do caminhão) e Zulmiro Biscassi.



2009 - Casa no sítio dos avós Bologhesi.



Ponte na linha 2 que dava acesso ao sítio.

1970 - “O CIRCO”

Constantemente chegavam à cidade diversos circos, parques de diversões e touradas, sempre era uma festa, dias de intensa expectativa e alegria, às vezes ficavam instalados por longas temporadas e sempre meu pai nos levava para assistir aos espetáculos. Na verdade, ele gostava muito desse tipo de evento, minha mãe conta que meu nome é Edivaldo Benedito, porque ele se encantou com um palhaço negro que se chamava “Ditinho” que passou pela cidade quando ela estava grávida e ele por conta disso homenageou o artista dando-me o nome dele.

Naquela manhã de 1970 chegou à cidade de Palmeira d’Oeste e se instalou o “Grande Circo Argentino” e como de costume, era comum haver um desfile de divulgação pelas ruas da cidade com jipes e outros veículos trazendo palhaços, bailarinas e fazendo muito barulho anunciando os dias de espetáculo. Estávamos almoçando quando o cortejo iniciou sua performance em volta da “pracinha”, bem em frente à nossa casa. Foi então que nós crianças, largamos nossos pratinhos com comida e corremos até a frente para nos deliciarmos com toda aquela manifestação de alegria que atraía e contagiava a todos, era um desfile de cor, brilho e muita música, mas o brilho maior estava nos olhinhos inocentes de todos os pequenos que ali aplaudiam e já imaginavam que poderiam assistir as apresentações.

Alguns dias depois meus pais me levaram ao circo, tudo parecia grandioso, assistimos à “Família Trapo” que simulavam uma viagem cheia de problemas com um jipe caindo aos pedaços, nos assustamos com os motoqueiros arriscando suas vidas em perigosas manobras dentro do globo da morte, as lindas dançarinas que se apresentavam ao som de guitarras, palhaços, malabaristas e muitas outras atrações. Contudo o momento de maior importância para mim foi a entrada dos palhacinhos anões com um elefantinho chamado “Timoty”, eles dançavam, subiam no pequeno animal e abriam sombrinhas coloridas de onde caía papel picado e brilhante, depois puxavam o pequenino pela tromba, deitavam-se no chão, saltavam sobre ele com piruetas de um lado para o outro, tudo muito divertido de se ver.

Depois disso vieram outras atrações como a dançarina cubana que andava na corda bamba, o homem que engolia fogo, show musical, porém, nada mais me chamou a atenção, nada mais importava, eu queria aquele elefante para mim e até já me via montado nele caminhando pelo quintal de nossa casa.

Com o término do espetáculo nos dirigimos para casa, tínhamos que ser rápidos porque as 23 h o gerador de energia da cidade era desligado e tudo se tornava uma grande escuridão, voltei sentado no pescoço de meu pai segurando nas mãos dois balões de gás presos a um barbante, e durante todo o trajeto em minha cabeça só tinha lugar para um pensamento, eu queria o “Timoty” para mim.

Já na madrugada, todos na casa estavam dormindo quando acordamos assustados com um grito (bramido) alto e estrondoso, o mesmo som se repetiu por diversas vezes, sentei-me na cama no mesmo momento que minha mãe acendia a lamparina, para mim não restavam dúvidas, era o elefante. Aquele barulho acordou a todos e rapidamente já estávamos na sala, ninguém entendia muito bem o que estava acontecendo, uma confusão de luzes de faroletes e velas iluminavam a grande sala do “casarão”, foi quando vi o nono Gelindo sair do seu quarto com uma espingarda, a grande porta de madeira que dava acesso à varanda foi aberta e todos saímos para o quintal ladrilhado que se estendia ao redor da casa.

Os gritos vinham do “quintal grande” mais próximo do monte de palha de arroz, separados da casa por uma cerca, nesse momento meu pai, o tio João e o nono Gelindo se dirigiram para o local, foi quando da varanda da casa ouvi alguém dizer, “É um elefante”. Meu coração pulou, era meu elefante que viera ao meu encontro.

Logo em seguida chegaram alguns policiais, o pessoal do circo e muitos vizinhos com algumas cordas, então pedi a minha mãe que me levasse até onde estava o animal, ela me pegou no colo e fomos até os limites da cerca, estava muito escuro, mas pude ver graças às luzes dos faróis dos jipes dos policiais que era um elefante bem maior do que aquele que eu vira no circo, provavelmente sua mamãe ou papai.

O elefante foi amarrado pelos presentes e colocado em cima de um caminhão, e depois o levaram embora. Meus sonhos de ficar com ele para mim se foram embora com a mesma velocidade com que a manhã chegou, não dormi mais naquela noite, eu queria o elefante.

Os Segredos Que Eu Guardei

Nos próximos dias fiquei doente, falavam que era “lombriga aguada”, minha mãe me levou para benzer em todos os possíveis benzedores da cidade, “Dona Lazinha”, “Dona Jorgina”, “Dona Florinda” e “Seu Zezinho”, mas nada adiantava, me deram chás de erva doce, camomila, alecrim, passaram-me os ramos e eu não ficava bom.

Meu pai me levou ao circo durante o dia, relatou a situação ao proprietário, cheguei a tocar e se sentar no pequeno “Timoty” e acompanhado por um instrutor dei uma volta pelo picadeiro, foi então que fui melhorando. Voltamos ao circo por várias noites, meu pai adorava algumas duplas sertanejas que vieram se apresentar, entre elas o Duo Glacial composta por Miguel e Aninha, mas, eu somente tinha olhos para a apresentação dos palhacinhos com meu querido elefantinho. Dias depois o circo foi embora.

Em casa fizeram de tudo para me agradar, em uma certa tarde meu pai chegou com uma cabrita e me deu de presente, dei-lhe o nome de “Bita”, ela não substituiu o elefante, mas preencheu o vazio, então a partir daquele dia, montado nela eu percorria todo o quintal de terra, passava pelo mangueirão (chiqueiro de porcos), pelos pés de manga, laranja e nas proximidades da horta, enfim, por toda a propriedade. “Bita” se tornara minha amiguinha, era mansinha e adorava me lambe as mãos e o rosto.

“Bita” ficou comigo muito tempo, mas sem explicações um dia foi vendida, sofri e chorei muito, eu perguntava a todos o porquê, mas, nunca ninguém me deu a resposta, foi então que muito triste percorri todo o quintal com uma latinha de extrato de tomate nas mãos coletando as bolinhas de coco da minha querida amiguinha. Esta latinha ficou guardada, escondida, debaixo do pé de laranja lima, minha fruta preferida na época, e todos os dias eu ia lá conferir se estava no mesmo lugar, porém, um dia com uma chuva muito forte a latinha deve ter se enchido de água, provavelmente transbordou, vazou e o barro e a enxurrada levaram embora a única lembrança que eu tinha de minha querida “Bita”. Sofri, mas depois com o tempo esqueci tudo isso quando em substituição me arrumaram um gato que nomeei de “Zé Antônio”.

Também cheguei a ter uma criação de patinhos, meu pai construiu um cercadinho de madeira coberto com telhas, ficava próximo ao casarão, aos fundos, toda tarde eu e minha mãe guardávamos “dona

pata” e os filhotinhos para que os cachorros não os devorassem à noite.

Certa vez eu e meus primos fomos buscar saibro no córrego do sítio para fazermos bolinhas e atirar com estilingue, ali encontramos diversos peixinhos que em uma segunda vez, pegamos com peneirinha e trouxemos para casa dentro de uma latinha, depois, colocamos em um tambor e quando fomos verificar dias depois tínhamos uma criação de sapos, na verdade os supostos peixinhos que trouxemos eram girinos. Naquela época nos distraíamos com tudo, eram tempos felizes, tudo era novidade, vivemos em uma época da mais pura inocência.

Minha mãe sempre muito presente em minha infância, fazia de tudo para me distrair e me ver feliz, passávamos horas recortando revistas velhas e jornais e fazendo bandeirinhas, tipo as de festa junina, depois ela amarrava um barbante bem esticado em duas árvores do quintal e então ela fazia cola com farinha e água e colava as bandeirinhas uma a uma. Depois reuníamos a garotada para montar o “cirquinho” para que pudéssemos brincar, varriamos um bom espaço debaixo das árvores, usávamos vassouras feitas com a planta “guanxuma” e galhos, as crianças maiores arrastavam tocos de árvores para servir de bancos, as vezes tínhamos tecidos velhos para fazer cortinas, sempre alguém trazia. A arrumação acontecia geralmente na parte da manhã, então depois todos iam para suas casas almoçar e retornavam por volta das 14 h para dar início aos espetáculos; todos eram plateia ou artistas ao mesmo tempo, cada criança criava uma apresentação, eram brincadeira inocentes, cantávamos com nossos cavaquinhos de plástico, o meu era azul, dançávamos, alguns viravam pirueta, fazíamos pequenos teatrinhos de improviso e quando eu conseguia levar meu gato “Zé Antônio” eu fingia que ele era um leão bravo e eu seu domador. Posso dizer que minha infância foi repleta de emoções e descobertas, a cada dia podia ser considerado como uma nova aventura, e me orgulho de tudo o que vivi, tenho muitas histórias para contar.

Os Segredos Que Eu Guardei

Era comum passar em frente a nossa casa enormes boiadas, elas demoravam horas até que toda a comitiva tocasse seu rebanho, os peões vinham à frente montados em seus cavalos, eram muitos, usavam roupas típicas de couro e enormes chapéus, alguns tocavam berrantes. Nós assistimos a tudo isso da varanda de casa, nossas mães não deixavam que nos aproximássemos muito dos muros, havia receios e temores de um possível “estouro” da boiada, eram assim que nos explicavam o fato de que algumas vacas não obedeciam aos seus condutores e se afastavam do rebanho.

Havia nas boiadas muitas vacas, bezerros, bois de todos os tamanhos e de qualidades diferentes. Algumas vezes meu pai conversava com alguns desses peões, ele deveria conhecê-los ou simplesmente dava-lhes orientações e informações sobre as estradas, não sei dizer, nunca perguntei a ele. Quando a boiada seguia seu rumo em direção a estrada que passa ao lado do cemitério em direção à cidade de Marinópolis deixavam pelas ruas uma enorme nuvem de poeira, era mais um dos espetáculos que eu pude vivenciar em minha infância, são memórias que o tempo não apagou.



Ao fundo a Máquina de beneficiamento de arroz, o quarto da esquerda para a direita é Zulmiro Biscassi, a moça, Nair Biscassi, a criança menor, Edivaldo Biscassi e o outro garoto Valdecir Biscassi.

1971 - “OS TERRORISTAS”

Apesar de ser muito seguro em relação ao que se referia a gastos desnecessários, o nono Gelindo gostava de ter em sua residência todas as novidades e modernidades que chegavam ao mercado, como geladeira e fogão a gás. Fomos uma das primeiras famílias a instalar um telefone em casa e em 1971 a sexta família a adquirir uma televisão na cidade, era um aparelho grande, mas, havia uma tela de plástico duro que era presa à frente com três faixas de cores, a de cima era cor de rosa, a do meio amarela e a de baixo azul e verde, desta maneira os rostos dos artistas ficavam sempre rosados e as roupas azuladas e esverdeadas.

Nossa casa passou a ser um “centro de eventos”, todas as noites a família se reunia para acompanhar o desenrolar dos capítulos das novelas da Rede Tupi de televisão, e assim, aos poucos, no início timidamente, mas depois já se sentindo em casa, iam chegando os vizinhos, alguns se alternavam, outros viraram expectadores assíduos por todas as noites da semana. Quando já não havia mais assentos nos sofás da sala e nas cadeiras, as pessoas se sentavam no chão de um modo que ficava impossível se levantar e andar, mesmo que fosse para ir ao banheiro, pelo menos enquanto durasse a novela das oito.

Naquele primeiro ano com a televisão em casa as principais novelas que acompanhamos foram na Rede Tupi de Televisão: A fábrica, o Hospital, Nossa filha Gabriela e O preço de um homem, sendo esta última um grande sucesso e que no dia da apresentação do último capítulo não coube na sala a quantidade de pessoas que vieram assistir, tivemos um pouco mais de sorte no dia seguinte por ocasião da reprise onde a plateia diminuiu um pouco, lembro-me que na sala muitas pessoas choraram com o desfecho, entre elas minha mãe que havia providenciado um caderno e nele anotou todos os nomes dos artistas e seus respectivos personagens e por muito tempo ela contava para suas parentes no sítio o enredo da trama usando este material. Com o passar dos anos assistimos a grandes obras como: A Barba Azul, Mulheres de areia, e Meu pé de laranja lima.

A chegada da televisão nos tirou um pouco do quintal e do jardim e as brincadeiras diminuíram, eu agora passava horas deitado no sofá com uma mamadeira de chá de erva doce, alecrim ou erva cidreira

Os Segredos Que Eu Guardei

ou tomando leite com um copinho de plástico azul com canudinho, tudo preparado com muito carinho por minha mãe.

Eu me encantava com toda a programação, eram desenhos inocentes, sem violências, nem lutas, entre os meus preferidos estava, “Speed Racer”, um garoto que possuía um carro de corrida, o “Mach 5”, e que se envolvia em inúmeras aventuras, eu cheguei a ganhar um carrinho de brinquedo igual ao dele. Foi através de um episódio desta animação chamado “Corrida contra o tempo”, que comecei aos quatro anos me interessar por história, ele viajava em uma máquina do tempo até o reino da rainha egípcia Cleópatra.

Algumas coisas na TV não faziam sentido para mim, como uma “placa”, tipo claquete de diretor, que aparecia antes do início de cada programa e uma voz de homem dizia de maneira bem imponente a seguinte frase:

- Este programa está aprovado e liberado pela “Censura Federal”.

Criada durante a ditadura civil-militar (1964-1985), a Lei nº 5.250 – conhecida como Lei de Censura à Imprensa foi assinada em 09 de fevereiro de 1967, pelo Marechal Castelo Branco juntamente com o Ministro da Justiça Carlos Medeiros e Silva, com o intuito primário de conter o avanço das críticas e o descontentamento das pessoas contrárias ao autoritarismo vigente. Teve como objetivo regular e censurar veículos midiáticos na época, como jornais, revistas, músicas, livros, teatro, cinema e televisão. Seu princípio violava a liberdade de expressão. Fonte: Wikipédia.

Eu pedia a todos o que aquilo queria dizer, mas ninguém sabia me explicar. Eu era muito curioso, tinha muitas dúvidas, e fazia muitos questionamentos, mas as respostas para algumas destas perguntas eu só vim a ter já na vida adulta, quando entendi que de 1964 a 1985 esteve instalado no país um Regime Militar e que todos os meios de comunicação como cinema, teatro, televisão, rádio, jornais e editoras só exibiam, apresentavam e publicavam aquilo que passasse pelo crivo dos censores militares, assim sendo, a população só tinha conhecimento do que a ditadura permitia que soubessem.

A infância não tem apenas uma lembrança, mas várias, algumas permanecem na memória por toda a vida, esses fatos que relatarei a seguir me acompanham até os dias de hoje e tiveram uma relação importante para minha preparação e escolha para que eu me tornasse professor de história.

O Posto de Vacinação de nossa cidade, se localizava em um imóvel residencial na esquina da Rua Pedro II com a atual Avenida Francisco Felix Mendonça, (no local onde nos anos de 1980 residiram a professora de Língua Portuguesa, a senhora Idailde Catarucci e seu esposo o senhor Rubens Marouelli). Era neste local que as mães levavam as crianças para colocar em dia suas vacinas.

Minha mãe me ensinava a ler desde pequeno, algumas vezes eu precisava de ajuda para juntar as letras, mas aos quatro anos e meio eu já decodificava muitas palavras, e assim, foi neste local que eu tive contato pela primeira vez com um cartaz grande com a seguinte frase: “TERRORISTAS PROCURADOS PELA POLÍCIA”, e logo abaixo dela várias fotos de rapazes e moças. Enquanto aguardávamos a atendente sentados na sala de espera, foi então que perguntei a minha mãe o que tinham feito aquelas pessoas e porque estavam sendo procuradas, ao que ela me respondeu:

- São terroristas, bandidos que roubam crianças de suas mães levam para longe e nunca mais trazem de volta.

Senti um frio na espinha, lembro-me que me levantei e fui ao lado dela, dei-lhe um abraço e não voltei mais para a cadeira onde antes estivera sentado, fiquei com medo. Na inocência dela, na falta de conhecimento, e pelos entraves provocadas pela Censura Federal que não permitia que os cidadãos soubessem dos fatos em seu contexto verdadeiro, era a única resposta que ela poderia me oferecer naquele momento. E assim me pegou no colo, até sermos atendidos, senti que ela também tinha medo que algo pudesse nos acontecer.

A partir daquele dia o temor tomou conta de mim, eu não falava nada à minha mãe, eu nunca dizia, guardei segredo, mas toda as vezes que saíamos de casa para algum tipo de passeio eu ficava olhando para as pessoas que passavam ou que estivessem ao redor tentando identificar se entre os passantes estava algumas daquelas pessoas cujo rostos eu vira estampado no cartaz.

Os Segredos Que Eu Guardei

Voltávamos ao Posto de Vacinação todo mês, para cumprir o calendário e a cada vez eu me fascinava mais com aquelas imagens, era um misto de medo e curiosidade, eram jovens (moças e rapazes) de boa aparência, bonitos, bem-vestidos e penteados, em nada me lembravam os bandidos dos filmes de faroeste que algumas vezes eu assistia na televisão.



Modelo de cartazes com a procura por “terroristas”. fonte Wikipédia.

No mês de junho daquele ano, por ocasião da colheita do café, ouvi a conversa do nono Gelindo com meu pai e com o tio João que a produção do sítio seria muito grande, que a safra já estava toda vendida ainda mesmo com os grãos nos pés e que havia prazos para que o negócio fosse efetuado. Durante o diálogo ficou estabelecido que no domingo seguinte, todos os adultos da casa iriam ajudar os peões contratados na realização da derriça. E assim se cumpriu, no dia marcado meus pais, tio João e tia Maria, tia “Nal” e o nono Gelindo partiram para o dia exaustivo de trabalho. Ficou combinado que um deles viria buscar as marmitas do almoço.

As crianças e jovens ficaram no “casarão” em companhia da nona Adelina, ali estavam eu, a “Tata” (Nair Biscassi), com seus irmãos Odete e Valdecir chamando de “Nino” ou “Gaio”. A nona foi cuidar do almoço e as crianças, cada uma foi brincar e fazer o que queria.

A manhã passou rápido, lembro-me que meu pai veio buscar as marmitas com o almoço da família, que foi feito antes do nosso. De dentro de casa ouvi os meninos brincando na pracinha, era o jogo do “Balança caixão”, onde uma criança ficava sentada no banco (era o caixão), outra se ajoelhava no chão e debruçava-se sobre o joelho deste primeiro (era a tampa), e depois os demais todos em fila debruçados um sobre as costas do outro respondiam à comanda.

- Balança caixão.

- Balança você.

- Dá um tapa na bunda e vai se esconder.

Assim um a um, batia com um tapa no colega da frente e corria se esconder.

Quando todos já estivessem camuflados em seus esconderijos cabia a tampa encontrá-los e trazê-los de volta, obedecendo as ordens do caixão, que elencava castigos como, traga “fulano “de carriolinha, ou pela orelha, puxando o cabelo etc. Eu não fui à pracinha, não gostava dessa brincadeira e não saía de casa quando minha mãe não estava.

Da varanda pude observar quando uma ‘Banda Marcial’ que já era ouvida ao longe dos arredores da pracinha se aproximou, era muito lindo, eu nunca havia visto nada igual, as crianças pararam a brincadeira e agora pulavam, dançavam e marchavam junto ao desfile, eu, a única criança em casa, atravessei a calçada de tijolos amarelos que levava ao portão de entrada e ali fiquei observando tudo pelas grades de madeira.

Que espetáculo! As moças dançando e fazendo manobras ao som das batidas dos tambores, o uniforme vermelho e preto, e os chapéus com penacho, em tudo me lembrava a música “A Banda” de Chico Buarque que tantas vezes tínhamos ouvido no rádio.

A alegria foi interrompida com os gritos de nona Adelina que vinha dos fundos da casa enxugando-as mãos no avental e dizendo:

- Todos para dentro de casa, os comunistas estão invadindo a cidade. Fora seus terroristas! ninguém vai levar minhas crianças.

Os Segredos Que Eu Guardei

Ainda gritando e com muita agilidade, rapidamente ela reuniu a mim e meus primos, primeiramente colocou todos nós na sala de entrada e trancou a pesada porta de madeira (eram duas portas verde água, que ao de encaixarem recebiam uma trave também de madeira para reforçar a segurança). Depois lembro-me que fomos levados para o último quarto da casa, era o de meus pais, em seguida ela saiu às pressas e eu ouvia o som das janelas se fechando com fortes batidas enquanto ela rezava uma “Salve Rainha”. A oração feita pela nona se misturava à música da banda que cada vez parecia estar mais longe. Sentado assustado em um canto do quarto escuro pensei então: os terroristas ou comunistas estão indo embora. Eu sabia quem eram os terroristas, como minha mãe havia dito eram os moços e moças do cartaz que roubavam crianças, mas, agora fiquei com outra dúvida na cabeça:

_Quem eram os comunistas?

De volta ao quarto a nona Adelina pediu silêncio a todos, acendeu uma vela sobre o altar que minha mãe tinha sobre a cantoneira, ela rezava nervosa, pulava pedaços das orações, eu não conseguia acompanhá-la. Naquele misto de desespero e fé, ela pedia em lágrimas a Deus e aos santos que não deixasse os comunistas levarem as crianças embora.

Depois ela saiu, ouvíamos sons de talheres, cochichávamos entre nós sem entender muito bem o que estava acontecendo, todos estavam com medo. Ela voltou pegou a todos e levou até a cozinha pedindo para não fazermos barulho, os pratos já estavam postos e prontos na mesa, fizemos nossa refeição junto a ela que não disse uma palavra, mas notamos que suas mãos tremiam ao levar a colher à boca. Nunca nenhum de nós tínhamos visto nona Adelina daquele jeito, ela era uma mulher calma e serena.

Assim que estávamos alimentados ela disse que deveríamos dormir cada qual em seu quarto e que naquela tarde ninguém sairia de casa e estava proibido ligar o rádio e a televisão. Eu adormeci, os primos não sei dizer, mas ficamos trancados o dia todo. À tardinha nossos pais chegaram da colheita do café, estavam sujos, suados e com a aparência cansada, mas mal entraram em casa e ela afoita já foi contando tudo o que havia ocorrido, misturava português com italiano, balançava as mãos e tinha os olhos lacrimejados.

Meu pai saiu sem tomar banho, pegou um caminhãozinho “Chevrolet” da família e só voltou horas depois quando todos já haviam jantado. Era hora da novela, não me lembro de ter ouvido as explicações dele, a casa já estava cheia de vizinhos que vieram para ver televisão, sei que ele tomou banho, se alimentou na cozinha em companhia do nono Gelindo e do tio João, pois as mulheres tinham que ficar com a plateia de expectadores diários. Eu ali sentado no sofá com meu gato “Zé Antônio” me questionei em silêncio e já fazia associações do cartaz com os terroristas no “Posto de Vacinação” com a tal Banda dos comunistas terroristas que segundo acreditava minha nona, iriam invadir o casarão e levar embora as crianças.



A Fanfara da Escola Francisco Augusto Cezar Serapião foi que passou naquele dia ensaiando em frente a pracinha deixando minha nona assustada.

Em 1992, eu, então já professor de História na referida escola, ao abrir os armários do depósito procurando tecido para enfeitar um carro alegórico para um desfile, me deparei com sacos com vários uniformes antigos.

Chorei muito, minha história estava na minha frente, minha mente me levou a 1971. Acredito que nona Adelina morreu sem nunca saber a verdade dos fatos.

Os Segredos Que Eu Guardei

Os dias se passaram, ninguém mais falou sobre o assunto, somente eu me intrigava todo mês quando visitava o Posto de Vacinação e me deparava com o cartaz.

Acordei um dia e meu gato “Zé Antônio” não apareceu como de costume, havia sumido e todos diziam que não voltaria mais, quando meu pai chegou de uma viagem da olaria em Paranaíba, Mato Grosso, tinha buscado tijolos e ao saber do desaparecimento do bichano lembrou-se de ter visto um felino semelhante ao meu no local onde estivera e que até comentou com um senhor enquanto carregavam o caminhão que eu tinha um animalzinho igual aquele, muito parecido. Não restava dúvidas, “Zé Antônio” viajara na carroceria do veículo.

Na semana seguinte meu pai voltaria a olaria, sairia na madrugada e voltaria no anoitecer, seria uma viagem rápida e me chamou para acompanhá-lo na esperança de que recuperássemos o gato. Decidi que iria, mas foi a primeira e única vez, nunca mais me atrevi a repetir a aventura. Naquela noite, sentado na boleia do caminhão passei muito medo, pois a longa distância eu via as luzes das cidades que se aproximavam e na minha cabeça inocente de criança, elas eram os comunistas ou terroristas que estavam com faroletes à espreita na estrada para parar os caminhões e roubar as crianças. Eu não disse nada ao meu pai, guardei segredo, mas rezei em minha mente durante todo o trajeto para que isso não acontecesse. Foi uma viagem assustadora, porém compensou, na olaria encontramos meu gato, os amigos do meu pai haviam cuidado dele, então pudemos trazê-lo de volta para casa, ainda na viagem meu pai me comprou um pote de geleia de mocotó, que eu sempre via em comerciais de televisão e pedia para ele.

Chegou agosto, naquele dia eu estava sentado debaixo do pé de sete copas no quintal ladrilhado brincando com vidros azuis de Leite de Magnésia, como eu gostava desses vidros... Todos os que se esvaziavam na casa me eram dados de presente, quando o silêncio foi rompido pelo som de um avião que sobrevoou a propriedade, em um vôo bem baixinho, então todas as crianças largaram o que estavam fazendo e se dirigiram ao quintal gritando:

- Joga papel! (isso porque era comum os aviões despejarem lá do alto panfletos com propagandas de lojas e produtos). Aliás pedíamos de tudo para os aviões, sempre aos gritos, pedíamos que nos jogassem nenês, porquinhos, brinquedos e até dinheiro.

Minha mãe estava grávida, eu sabia que chegaria uma irmãzinha (fiquei decepcionado, pois sempre achei que os bebês chegavam com o avião), não tínhamos certeza, mas todos diziam que pelo formato da barriga seria uma menina. Há algum tempo antes eu havia notado minha mãe vomitando atrás do paiol, eu tinha medo de que ela viesse a falecer como a minha bisavó, a noninha Thereza (a primeira pessoa que eu vi falecer), mãe da nona Adelina que havia morrido meses antes. Na minha inocência de criança eu imaginava que minha mãe estivesse doente, até o dia em que tia Maria ao me ver chorando, me questionou e eu lhe disse do meu temor, foi então que ela me explicou que minha mãe estava grávida e que da barriga dela nasceria um irmãozinho ou uma irmãzinha e que eu deveria amar e ajudar a cuidar desse bebê. Porém não me disse como se faziam as crianças e nem como elas nasciam.

Chegou o dia marcado pelos médicos e minha mãe foi levada ao hospital de Jales e demoraria alguns dias para voltar. Todos ficavam apreensivos cada vez que o telefone tocava na espera de notícias, mas, nada de informações. A expectativa da chegada da criança foi abafada pelo grande fato ocorrido naquela quinta-feira de 19 de agosto de 1971, a morte de dois comunistas em um sítio no bairro do Sucuri em nossa cidade.

Altair com o codinome de “Bardal”, Maria Luísa e Maria Paula pertenciam a um movimento revolucionário contra a Ditadura Militar, após participarem de um assalto a um banco na cidade de São Paulo partiram para o interior do Estado carregando uma mala repleta de dinheiro que seria empregado na “Guerrilha do Araguaia”.

*A **Guerrilha do Araguaia** foi um movimento guerrilheiro existente na região amazônica brasileira, ao longo do rio Araguaia, entre fins da década de 1960 e a primeira metade da década de 1970 com o objetivo de derrubar o regime ditatorial instalado no Brasil em 1964, criada pelo Partido Comunista do Brasil (PCdoB), tinha por objetivo fomentar uma revolução socialista, a ser iniciada no*

Os Segredos Que Eu Guardei

campo, baseada nas experiências vitoriosas da Revolução Cubana e da Revolução Chinesa.

Combatida pelas Forças Armadas a partir de 1972, quando vários de seus integrantes já haviam se estabelecido na região há pelo menos seis anos, o palco das operações de combate entre a guerrilha e os militares se deu onde os estados de Tocantins, Pará e Maranhão faziam divisa.

Estima-se que o movimento era composto por cerca de oitenta guerrilheiros sendo que, destes, menos de vinte sobreviveram, entre eles, o ex-presidente do Partido dos Trabalhadores (PT), José Genoíno, que foi detido pelo Exército em 1972. A maioria dos combatentes, formada principalmente por ex-estudantes universitários e profissionais liberais, foi morta em combate na selva ou executada após sua prisão pelos militares, durante as operações finais, em 1973 e 1974. Mais de cinquenta deles são considerados ainda hoje como desaparecidos políticos.

Desconhecida do restante do país à época em que ocorreu, protegida por uma cortina de silêncio e censura a que o movimento e as operações militares contra ela foram submetidos, os detalhes sobre a guerrilha só começaram a aparecer cerca de vinte anos após sua extinção pelas Forças Armadas, já no período de redemocratização. Fonte Wikipédia.

Altair mesmo ferido na perna por um projétil disparado pelo segurança do banco durante a fuga após a ação revolucionária de expropriação decidiu viajar com suas companheiras em um “trem de ferro” até a cidade de Jales, depois pegaram a “Marinete”, uma espécie de ônibus, que circulava na região naquela época para chegar à Palmeira d’Oeste, Ele viajou com a perna enfaixada, estava febril e com infecção, mas precisavam chegar ao sítio, onde Maria Luísa tinha parentes.



A “Marinete” – foto de
1965.

Chegando a Palmeira d’Oeste buscaram informações de onde residia o Sr. Valdemar da Silva Santana, o “Déma Barbeiro” com sua família e então, alugando uma charrete se dirigiram ao bairro do Sucuri para encontrar “Dona Ana Maria Gomes Santana”, esposa de seu Déma e tia de uma das moças. Ao chegarem foram muito bem recebidos e alegraram estar de passagem, uma vez que partiriam na próxima semana para uma festa de casamento em Mato Grosso.

O rapaz, Altair vinha de carrinho ou charrete constantemente à cidade nos dias que se seguiram, necessitava tomar injeções contra tétano para combater a infecção na perna ferida. Procurava o estabelecimento conhecido por Farmácia do Sr. Jerônimo onde relatava que o ferimento acontecera durante uma partida de futebol, onde para buscar uma bola que havia sido chutada longe, acabou se ferindo ao atravessar uma cerca de arame farpado. O fato e a gravidade do machucado chamaram a atenção do proprietário e seus funcionários.

Enquanto isso, a jovem Maria Luísa, despediu-se do pessoal do sítio alegando que passaria alguns dias na cidade de Estrela d’Oeste em visita a familiares, queria rever e se despedir da avó. Segundo relatos de “Dona Ana”, após essa visita rápida, parentes lhe contaram posteriormente que a jovem foi abordada na rua, por

Os Segredos Que Eu Guardei

policiais quando deixava a residência com a pretensão de retornar a Palmeira d'Oeste, soldados estes que já estavam em seu encalço e dos demais fugitivos.

Identificada e assumindo sua identidade ela foi levada para depoimentos, o fato é que ela nunca mais foi vista. Supõe-se que possivelmente ela teria sofrido forte pressão ou tortura e por fim, sem saída, teria revelado o paradeiro dos companheiros no sítio.

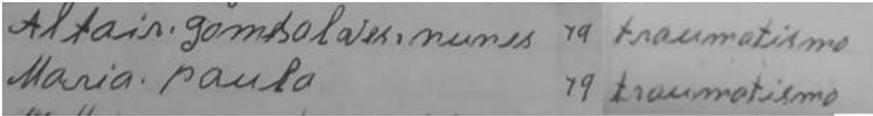
Então, foi naquele dia de 19 de agosto de 1971, enquanto minha irmã Cristina estava prestes a nascer na Santa Casa de Misericórdia de Jales, que integrantes do exército brasileiro, sob o comando de Sérgio Fernando Paranhos Fleury, mais conhecido como Delegado Fleury, um policial que atuou no Departamento de Ordem Política e Social de São Paulo durante a Ditadura Militar no Brasil, temido publicamente como agente apoiador da ditadura, torturador e assassino de opositores ao regime, cercaram a propriedade no bairro do Sucuri onde os jovens Altair e Maria Paula se encontravam escondidos.

Segundo relatos dos proprietários, os dois tinham terminado o almoço e sentaram-se de baixo a um pé de manga, onde ela penteava os longos cabelos quando os disparos vinham do campo em todas as direções, eram tiros de metralhadoras, pistolas e revolveres. Pegos de surpresa, sem ter como resistir e enfrentar tamanho contingente de policiais, os dois morreram ali mesmo naquele local.

Junto ao exército, policiais da cidade e região acompanharam a diligência e segundo relatos da família moradora no sítio, todos os pertences, inclusive uma mala grande cheia de dinheiro, fruto do assalto ao banco, foram retirados do local pela patrulha.

Os corpos foram trazidos de caminhão pelo Sr. Nabioshi, morador vizinho, e ficaram por horas no necrotério de onde teriam sido expedidos dois laudos médicos com causa de morte “traumatismo”. Os livros de obituário do cemitério local contêm até hoje em folhas amareladas os registros desse fatídico dia. Naquela época a entrada do cemitério era do lado lateral (não havia o portão de frente para a Rua Brasil), foi ali na alameda principal que os corpos ficaram expostos em cima de duas tábuas por toda a tarde para que a população curiosa pudesse observar e conferir durante aquela

quinta-feira, quente, de sol ardente a tragédia, que por durante muitos meses foi a notícia da região.



Recortes do livro de registro do Cemitério Municipal.
Pesquisa realizada em 1992.

A prima Nair juntamente com várias amigas levou as crianças de nossa casa, para presenciar a movimentação, eu consegui chegar muito próximo dos corpos. Paralisei, mas observei atentamente nos rostos cobertos de sangue se era possível identificá-los entre aquelas fotos do cartaz do Posto de Vacinação, porém, de nada adiantou, tamanha foi a minha frustração, ao notar ser inviável continuar tentando, os traços físicos dos dois não estavam à mostra, pois o sangue tomara conta de tudo.

Gravei aquela cena em minha memória por toda a vida, ela trajava uma saia quadriculada de preto e branco, semelhante a um tabuleiro de xadrez e uma sapatilha preta presa à perna por um cordão com fivela, em somente um dos pés. Ele parecia usar uma camisa laranja, porém pouco se via da cor do tecido devido a sujeira de terra misturada com sangue, uma calça marrom e estava descalço. No chão de terra onde ficaram até serem enterrados, as marcas do sangue dos dois permaneceram durante anos e só foram cobertas na década de 1980 quando asfaltaram as ruas do cemitério.

Foi um dia triste, quando saímos do local pudemos observar com mais clareza, aquilo que não nos atentamos na chegada devido a multidão que se aglomerava nas ruas próximas. Todo o entorno estava repleto de soldados armados e com munição pesada, vestidos com uniformes do exército. Eles estavam por toda a parte, nas ruas, nos jipes, próximos aos muros e túmulos, também havia muitos homens de terno com óculos escuros. Enquanto isso de vez em quando um avião como aquele que eu vira dias antes, rasgava o céu da cidade.

Para uma criança de quatro anos e meio eu tinha muitas perguntas:

- Teriam morrido dois dos terroristas do cartaz?

Os Segredos Que Eu Guardei

- Qual seria a diferença entre terroristas e comunistas?
- Como minha mãe voltaria do hospital? Pois eu havia ouvido que as estradas estavam interditadas.
- E se houvesse outros comunistas e terroristas escondidos pela região e roubassem o bebê de minha mãe enquanto ela voltasse para Palmeira d'Oeste?

Dois dias depois (21 de agosto, sábado), recebemos a notícia que minha mãe havia dado à luz a uma menina que nasceu com 2 kg e 900 gramas e as duas passavam bem. No dia seguinte meu pai foi buscá-las e quando chegaram em casa foi uma grande alegria, mas, minha mãe passou mal. Como meu pai pagava INPS, ela foi dar à luz em Jales na Santa Casa, porém, a bebê acabou nascendo sozinha no quarto sem a ajuda médica, desesperada ao ver a cena, duas outras senhoras que estavam internadas no mesmo quarto, tocaram a campainha pedindo ajuda. Quando o médico Dr. Otávio chegou demitiu duas enfermeiras, mas um pedaço da placenta ficou no útero, e dias depois já em casa, minha mãe teve hemorragias precisando ser internada em Palmeira d'Oeste no Hospital Dr. Francisco por cinco dias para tratamento.

Dias depois, já com tudo resolvido, meu pai saiu para efetuar o registro de nascimento da pequena e perguntou novamente à minha mãe como a criança se chamaria, ao que ela respondeu:

- Rita de Cássia.

Eu então, sempre atento aos fatos, indaguei com a seguinte sugestão.

- Por que não Izabel Cristina?

Minha mãe surpresa com aquela minha fala, questionou-me de onde eu havia tirado tais nomes, e eu lhe respondi prontamente.

- Da televisão, na novela A Fábrica tem a Izabel (Aracy Balabanian), e na novela o Hospital, tem a Cristina (Maria Isabel de Lizandra).

E assim se fez. Ela foi registrada com o nome de Izabel Cristina.

Nos dias que se seguiram a casa esteve cheia de parentes, vizinhos e amigos que vieram visitar a recém-nascida e trazer-lhe muitos presentes, pelo menos por hora eu tinha outras coisas em que me ocupar e não pensei mais nos terroristas.

Na vida adulta, enquanto cursava a faculdade, realizei uma pesquisa, entrevistei algumas pessoas que vivenciaram o fato, entre

elas os moradores do sítio (Valdemar da Silva Santana e sua esposa Ana Maria Gomes Santana), uma enfermeira (Benedita Maria de Oliveira Lopes) e o advogado Dr. Said Charaf Bdine que quando jovem acompanhou a diligência policial naquela empreitada.

Os restos mortais de Maria Paula já não se encontram mais em Palmeira d'Oeste, a família pagou pelo traslado ainda nos anos de 1970, já Altair continua sepultado em nossa cidade. Na época que fiz a pesquisa visitei o sítio onde o fato aconteceu e cheguei a produzir um vídeo caseiro com detalhes sobre o acontecido, documento esse que juntamente com minhas lembranças de infância me baseei para escrever este capítulo.



Inscrições no túmulo de Altair Gonçalves Nunes no cemitério de Palmeira d'Oeste.



Placa da Censura Federal que entrava antes de cada programação na televisão. Pesquisa feita em 1992.

Quando Cristina tinha um ano de idade, minha mãe estava dando banho nela dentro de uma bacia de alumínio em cima da vasca de cimento onde se lavava roupa, quando virou-se para pegar a toalha que estava no varal logo atrás, Cristina pendeu para a frente, virou a bacia caindo de uma altura de um metro e meio mais ou menos, foi um grande susto e na queda dois dentinhos da frente afundaram para dentro.

Semanas depois, sentada no quintal comigo brincando, eu me distraí um pouco, ela pegou um vidro azul de leite de magnésia, bateu no chão provocando quebras, depois em seguida ela

Os Segredos Que Eu Guardei

levou o vidro à boca, mas felizmente percebemos a tempo. Cristina já dava sinais de que viera para mudar a rotina da casa.



1971- Os irmãos Edivaldo Biscassi e Izabel Cristina Biscassi.



1972- Izabel Cristina e Débora (Pepa) em frente a televisão no casarão da família Biscassi.



1971 - Posto de Vacinação.

1972 - “MAIS PERTO DE DEUS”

Durante toda a minha infância estive cercado por uma religiosidade muito intensa, e vários foram os fatos e elementos que me conectaram com a espiritualidade. A nona Adelina todo dia ouvia a novena no grande rádio de madeira que estava instalado na sala, ela mantinha-se ali sentada no sofá durante a transmissão, ouvindo o Padre Donizete, as vezes descascava batata para o almoço enquanto ali permanecia. Ao término da novena ela pegava o copo com “água benta”, que estivera ao lado do rádio o tempo todo e fazia com que cada neto bebesse um “golinho” como ela dizia, depois colocava os dedos dentro do recipiente e passava em nossos olhinhos, um a um pedindo a Santa Luzia que nos protegesse. Minha mãe também realizava este ritual, porém a água que restava no copo era colocada em um anjinho de metal que ela tinha dependurado no quarto e que possuía um recipiente próprio para isso, e toda as noites ela fazia com que eu molhasse os dedinhos na água antes de fazer o sinal da cruz para depois dormir.



Meu anjinho de
cabeceira.



Imagem de N.S. das
Dores que ficava em
nossa casa durante a
semana santa.

Os Segredos Que Eu Guardei

Como meu pai viajava muito transportando o café colhido no sítio da família e o arroz beneficiado na máquina também de nossa propriedade, ele passava muito tempo fora de casa, então, na parte da tarde, depois de ajudar minhas tias nas tarefas de casa, como almoço, faxina e lavagem das roupas, minha mãe pouco saía do quarto, ela se ocupava com as costuras de roupas que fazia para seus parentes que moravam na zona rural, e para nós também. Ela era uma exímia costureira, também bordava com bastidores e fazia lindas colchas de retalhos.

Eu passava boa parte do tempo ali com ela, geralmente em cima de sua cama, eu tinha muitos brinquedos, entre eles um coelho verde de plástico que tenho até hoje. Esse coelho ganhei do meu pai quando voltou de uma viagem e veio recheado com bombons de chocolate, também tinha eu três astronautas que foram embalagens de talco, minha mãe dizia que este artigo foi muito procurado em 1969 depois que o homem pisou na lua, porém, eu deixava tudo isso de lado para brincar com alguns presentes que ela ganhara no casamento, principalmente, com um jogo de xícaras em vidro azul, que também ainda temos, e meus preferidos eram os quadros de santos também ganhados por ocasião do enlace matrimonial, entre eles, São Jorge, São Pedro e a Sagrada Família. Ela me contava a história de vida de cada um deles.

Com o tempo, minha prima Nair, sabendo que eu gostava desse tipo de literatura, passou a pegar na escola onde ela estudava e trazer para casa livros com a história dos santos. Podíamos ficar com cada exemplar durante uma semana, então minha mãe lia pacientemente para mim e foi assim que adentrei ao universo sacro com as biografias de Santa Luzia, Santa Izildinha, Rainha Santa Isabel, São Sebastião e muitos outros e eu ficava fascinado em conhecer a vida e o martírio de cada um deles. Eu sofria junto.

Minha mãe tinha um altar montado em uma cantoneira no quarto, com diversas imagens, entre elas Nossa Senhora das Graças que era a minha preferida. Então, aos poucos por ocasião de ganhar presentes de Natal e aniversário eu comecei a pedir-lhe que não me desse mais brinquedos, e substituisse as lembranças por estátuas de santos, e foi dessa maneira que nosso altar começou a crescer e ficava magnífico, agora eu me entretinha por horas enquanto ela costurava, eu estava junto, fixado em cada uma das peças contando

repetidamente com riqueza de detalhes a passagem de cada um deles pela terra e como se tornaram pessoas santificadas, quando me cansava, parava para brincar com os carretéis de linhas e logo depois lá estava eu novamente entre as imagens.

Em 1971 teve início a reforma da igreja localizada na Praça da Matriz, algumas vezes fomos ver o andamento das obras que mudaria a porta da frente que desde a construção fora voltada para a Rua Marechal Castelo Branco e com a mudança foi transferida para a Rua Brasil (como se encontra hoje), porém, não podíamos adentrar em seu interior, pois os pintores italianos que estavam realizando as pinturas não permitiam. Foram meses para que tudo ficasse concluído até chegar o grande dia da missa de inauguração, maio de 1972, e lá estavam as mulheres e crianças de nossa família. De tudo que observei o que mais gostei além dos lindos lustres instalados no teto, foram os tais painéis nas paredes retratando toda a vida de Jesus Cristo, e eu sabia cada uma das passagens retratadas naqueles “afrescos”. Em um altar isolado ficava um quadro com Nossa Senhora do Perpétuo Socorro com Menino Jesus no colo, eu fitava aquela imagem e em muito ela se parecia com minha mãe, a semelhança dos rostos era muito próxima e até hoje quando vou à igreja e vejo aquela obra me reporto imediatamente às minhas lembranças de infância, entrar ali, me leva para mais perto de Deus.



Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.
Quadro da igreja matriz de Palmeira
d'Oeste.



1968 - A igreja antes da reforma que mudou sua frente para a Rua Brasil.



1972 - A igreja no mês da inauguração, quando mudou sua frente para a Rua Brasil.



1972- Painel principal pintado no interior da igreja, por ocasião da reforma, retratando a crucificação de Jesus Cristo.

Possivelmente de todas as lembranças da religiosidade de minha infância a que considero mais relevante eram as procissões da “Semana Santa”. Pela tradição a imagem de Nossa senhora das Dores era levada para o casarão de nossa família (por intercessão de tia Maria, que fazia parte do “Apostolado da Oração” e já fora integrante do grupo “Filhas de Maria”), e a imagem de Jesus com a cruz nas costas era levada para o outro lado da cidade na residência da família Besson. Ambas vinham em andores e deveriam ficar abertas à visitação por uma semana, nesse período nossa casa ficava repleta de pessoas durante o dia, muitos vinham rezar, outros agradecer e alguns faziam vigília. Eu passava horas vendo aquilo tudo e venerando a santa.

No dia da procissão a população da cidade se dividia entre as duas casas e na hora marcada saíam em duas filas, uma de cada lado da rua até chegar em frente à igreja onde as imagens carregadas por fiéis de encontrariam em meio àquela multidão incalculável com velas acesas e cânticos, era um espetáculo de fé e devoção.

Os Segredos Que Eu Guardei

No momento ápice deste encontro, uma jovem geralmente da família Besson, Maria ou Inês, (as duas se alternavam durante os anos), vestidas de preto com um véu no rosto, no alto de um tablado desenrolava uma réplica em tecido do Santo Sudário onde lentamente era revelado o rosto de Nosso Senhor Jesus Cristo, era Verônica, que segundo o Evangelho teria enxugado o rosto do “Salvador” durante a “Via Crucis”. Elas cantavam em latim e suas vozes ecoavam nos alto-falantes da praça arrancando lágrimas dos fiéis ali presentes.

Canto da Verónica (português)

Oh vós, todos

Que passais pelos caminhos,

Atentai-vos:

Se há dor maior que a minha dor!

Fonte Wikipédia.

Também nessas procissões vinham muitas moças vestidas de noivas, traziam jarros com vinho e água, simbolizando as samaritanas, outras traziam uvas, trigo, pão e objetos e ornamentos da fé cristã. Entre elas havia uma jovem que trazia um coração vermelho de tecido, tipo almofada, com muitas fitas longas de cetim presas a ele, estas, eram seguradas por crianças que acompanhavam o cortejo vestidas de anjinhos, eu fui um deles usando uma bata azul de cetim e asa de papelão forradas com papel crepom. Minha mãe havia feito essa promessa para que eu sarasse de uma pneumonia que passei com oito meses de idade. Nessas ocasiões algumas pessoas pagavam promessas, lembro-me de uma senhora que fazia todo o trajeto descalça.



Procissão.



Edivaldo vestido de anjinho na procissão.



Padre Gilberto Nievergeld.

No mês de junho as procissões de Corpus Christi eram um espetáculo à parte, por esta ocasião as ruas eram enfeitadas com pó de serra colorido, tampinhas de garrafas, pó de café, cascas de ovo e flores que formavam lindos tapetes que cobriam todos os espaços. Cada quadra era dividida para familiares que deveriam usar sua criatividade. Era nossa tradição entre outros desenhos, fazer um carneirinho no chão e depois cobri-lo com pipoca.

As famílias montavam altares em frente suas casas, por onde passaria a procissão, todas as pessoas levavam velas acesas, e o padre Gilberto percorria o trajeto com o Ostensório na mão, ele vinha protegido pelo “Palio”, um tecido preso a quadro cabos altos carregados por homens vestidos de branco, e na frente vinham dois coroinhas com incenso nos turíbulos, e deveriam chegar à igreja antes do sol se esconder.

Fazer parte desses momentos na igreja, quando eu era criança, me fazia entender todo o sentido da vida, meu lugar era junto àquelas tantas imagens e eventos, naquele lugar santo eu me encontrava.

Os Segredos Que Eu Guardei

Foi quando comecei a pensar que deveria ser padre, porém naquela época não contei a ninguém, eu nunca contava, guardei segredo.

Junto com as primeiras famílias que chegaram à Palmeira d'Oeste e adquiriram terras, também vieram muitas pessoas mais humildes que aqui vinham em busca de trabalho. Em particular vou contar a história do “Dito”, que poderia passar anônimo porque não foi um grande proprietário ou coisa assim, mas para mim e para muitas crianças que o conheceram ele representou tudo de bom que a inocência de uma criança poderia presenciar naquela época.

Segundo consta, uma família composta de pai, mãe e dois filhos conseguiu emprego no sítio do Sr. “Furucho” e moravam modestamente em uma casinha de madeira próxima ao bueiro, no final da atual rua Antônio Fernandes Garcia, foi ali, que “Dito” cresceu, ele tinha problemas mentais, mas gozava de uma grande autonomia, andava pelas ruas da cidade e conhecia todas as pessoas, talvez não pelo nome, mas para ele, as mulheres eram chamadas de madrinhas e os homens de padrinhos.

Quando conheci o Dito, ele já era órfão de pai e mãe, realizei uma pesquisa na cidade na década de 1990, mas ninguém soube me dizer para onde foi seu irmão, o fato é que ele ficou sozinho no mundo, então passou a ser um indigente, mas muito amado por todos devido seu carisma, seu coração grandioso e sua fé inabalável. Passava horas na máquina de arroz de nossa família e de casa eu ouvia suas gargalhadas. Apesar da vida que levava, ele me parecia uma pessoa feliz, não tinha família, mas fora adotado por todos os moradores como filho, na verdade ele era uma criança em um corpo de adulto. Ele organizava muitas novenas com a criançada e eu particularmente participei de várias. Depois de colocar todos os pequenos em duas filas, o velho Dito iniciava sua procissão em volta da pracinha entoando o canto religioso:

*“Mãezinha do céu, eu não sei rezar
Eu só sei dizer: Eu quero te amar
Azul é seu manto, branco é seu véu*

Mãezinha eu quero te ver lá no céu
Mãezinha eu quero te ver lá no céu”
Fonte Wikipédia

Circulávamos a praça duas ou três vezes carregando em nossas pequeninas mãos, “tocos” de vela e capitães, uma flor que havia em abundância nos arredores da praça e nos jardins e quintais das casas. A procissão do Dito era marcada com antecedência, ele percorria as casas pedindo permissão às nossas mães para que pudessemos participar. Sempre chegava dizendo:

_ Sua benção madrinha! Vou fazer uma procissão para pedir a Deus que mande chuva. Os meninos poderão ir?

As mães permitiam e ele avisava o dia e a hora, geralmente à tarde em dias de semana, por volta das 17:h, quando o sol já não estava tão forte ou aos domingos após o almoço. No momento marcado estávamos todos lá de prontidão, e enquanto rezávamos nossas mães ficavam-nas varandas ou de frente as casas observando. Naquela época não havia calçadas e nem asfaltos.

Geralmente as procissões terminavam em frente a duas cruzes fixadas do lado de dentro da cerca do sítio do nono Gelindo, próximo de nossa casa (onde hoje fica o Posto de gasolina), nelas havia as inscrições “Antônio e Ofélia”.

Contava-se a história que foi um casal que viveu um grande amor proibido e que juntos cometeram suicídio em 30 de março de 1956. Ela professora filha de fazendeiros, ele um empregado de uma propriedade rural em Dalas. Parece que se conheceram em uma quermesse organizada pela igreja católica, da qual os dois eram frequentadores. Na época era comum os rapazes enviarem “correios elegantes”, pequenos cartões onde demonstravam interesse pela moça. E foi assim que iniciaram uma paquera, que depois virou amor e terminou em tragédia.

O pai da moça quando soube do possível flerte entre eles, proibiu imediatamente o relacionamento, porém, com a ajuda de alguns amigos, os dois apaixonados se encontravam constantemente onde faziam juras de amor eterno.

Por lecionar no Grupo Escolar, Ofélia morava na cidade, em um hotel, então conseguia “escapar” um pouco do controle do pai autoritário. Dizem que ela era a jovem mais bem vestida da cidade, suas roupas eram confeccionadas pela costureira Sebastiana (que

me contou essa história em detalhes em 1990), e os modelos eram inspirados em vestes de artistas da época, copiadas de revistas de moda. Conta-se que ela tinha um vestido de noiva já escolhido para ser produzido, mas era preciso convencer a família a deixá-la casar-se com Antônio, tarefa essa que lhe parecia impossível.

Em certo dia, Ofélia pegou a “Marinete” na praça, ela participaria de um curso de formação em Votuporanga por alguns dias, e Antônio veio se despedir, dizem que houve uma discussão entre os dois porque o rapaz enciumou-se com uma blusa muito colorida que a jovem professora estaria usando. Durante o desentendimento Ofélia teria dito ao amado que se ele não parasse com as crises de ciúmes ela não voltaria mais para a cidade. O que não sabiam era que o pai da moça às escondidas assistia tudo e depois que todos partiram ele se aproximou de um comerciante local que lhe contou o que havia presenciado na conversa entre os jovens dizendo que moço teria prometido se matar caso ela não voltasse para ele.

Em uma manobra muito arriscada, dizem que o pai da professora pediu para uma pessoa, escrever uma carta como se fosse a própria filha, nessa mensagem ela estaria terminando o namoro por conta da tal discussão gerada pelos ciúmes de Antônio. Mas, como Ofélia no momento da partida prometera voltar o mais breve possível o rapaz vinha constantemente à cidade para esperá-la no momento da chegada da “Marinete”.

No dia marcado para a chegada da moça, o comerciante, que possivelmente recebera do pai dela algum dinheiro, entregou a carta para Antônio dizendo que tal correspondência havia chegado na “Marinete” do dia anterior. Há muitas versões sobre a tal carta, ouvi também, que os amigos do rapaz foram os responsáveis pela carta com a intenção de pregar-lhe um trote. Na verdade, os fatos nunca foram esclarecidos.

Conta-se que ao ler a missiva Antônio entrou em desespero e transtornado comprou veneno de rato em um estabelecimento próximo deixando o local. Antônio, montado em seu cavalo, galopou velozmente pelas ruas da cidade chamando a atenção de todos. Algumas horas depois, a “Marinete” chegou ao ponto, nela estava Ofélia, que assim que desembarcou foi procurada por algumas amigas que já estavam preocupadas com os burburinhos

que estavam circulando de boca em boca, de que Antônio comprara veneno.

A rodoviária ficava na Rua Brasil, em frente à Casa de Calçados Oliveira, onde hoje está instalada uma papelaria. Sem saber direito o que fazer, ela foi em direção ao ponto de charretes que se localizava onde hoje fica a Lanchonete Cerejinha, deixou suas malas ali, no meio da praça, pegou uma charrete de aluguel e partiu à procura de seu amado antes que fosse tarde.

Ao se aproximar do sítio de nossa família, Ofélia avistou o cavalo de seu amado Antônio na estrada amarrado em uma estaca de cerca. Ao descer da charrete avistou pegadas que conduziam ao meio do cafezal, pediu ao condutor que a esperasse e num ímpeto atravessou os fios de arame farpado deixando pedaços de seu vestido de seda presos aos grampos. Daí por diante imagina-se que ela deve ter percorrido o cafezal até deparar-se, na terceira ou quarta rua, com a cena que nunca em sua vida imaginaria presenciar um dia. Antônio estava morto, estirado ao chão.

Da estrada o condutor da charrete contava que ouvira os gritos de desespero e lamento. Foi quando resolveu adentrar ao sítio para ver o que estava acontecendo. E ao chegar ao local deparou-se com a fatalidade que estava acabando de acontecer. Ofélia ajoelhada ao lado do corpo gelado de seu amado o beijava incessantemente, e com o vidro de veneno na mão, levou à boca o frasco de “Formicida Tatu” com a metade do conteúdo que restara e antes que ele pudesse fazer alguma coisa ela ingeriu o líquido.

Petrificado sem sair do lugar, o senhor presenciou os últimos suspiros de Ofélia, que foi sufocando lentamente em fração de segundos e deitou-se de bruços sobre seu grande amor em forma de cruz, depois, tremeu muito até fechar os olhos por definitivo e morreu de mãos dadas com ele. Dizem que ela sofreu tanto enquanto o veneno circulava em seu organismo que seus pés fizeram um buraco no chão em seus últimos momentos.

Em seguida chegaram muitos curiosos, os policiais e meus familiares. Foi meu pai Zulmiro Biscassi que orientado pelas autoridades, serviu para a reconstituição das fotos de como tudo aconteceu. A família da moça se mudou da cidade, a verdade dos fatos nunca fora averiguada, a carta nunca apareceu e tempos depois, no local foram colocadas duas cruzes e era nesse local que

Os Segredos Que Eu Guardei

o Dito levava as crianças durante três décadas em procissões para depositar, velas, flores e garrafinhas com água.



Benedito – “Dito”.



1965- O ponto de charretes de aluguel (em frente a atual Lanchonete Cerejinha).

O Dito era uma pessoa muito benquista por todos, alguns o chamavam de “Dito Bobo”, outros de “Dito Ford”, pelo fato de que ele apertava o nariz das crianças e dizia:

- Lá vem um Ford, Bibi. (simulando a buzina de um caminhão).

Eu ouvia minhas primas dizerem que ele não sabia ler, elas contavam que durante as procissões ele levava às mãos juntamente com seu rosário, um livrinho do catecismo, as vezes de ponta cabeça.

As pessoas alimentavam o Dito, ele passava pelas casas sempre com um caldeirão de alumínio todo amassado e com um cabo de arame retorcido, ele já sabia de antemão quais as famílias que lhe dariam o almoço e a janta a cada dia da semana, acredito que havia uma combinação anterior. As pessoas que o alimentavam eram as famílias Viola, a nossa e os Alvarez Campos, que moravam nos arredores da pracinha, onde estavam também instaladas várias máquinas de beneficiamento de café e arroz.

Ele passava horas na pracinha sentado contando histórias para as crianças e distribuindo as balas que ganhava quando ia ao centro da cidade, ele ria alto, era uma pessoa feliz e as crianças adoravam estar ao lado dele.

Minha mãe me disse certa vez que ele morava nos fundos da máquina de café do Sr. Baptista, então pedi que ela me levasse ao local para eu ver como ele vivia, e assim ela o fez. Chegando lá nos deparamos com amontoados de sacos velhos, vazios e rasgados que lhe serviam de cama, havia também alguns cachorros, provavelmente em busca de restos de alimentos e em cima de um caixote, o caldeirão repleto de moscas, ao lado o terço, o catecismo e algumas canecas amassadas. Saímos rapidamente do local e aquilo me deixou muito triste, pois eu gostava muito do Dito, para mim ele era uma criança como eu, e na verdade era, tão inocente quanto. Naquele dia passei a saber o que era miséria mesmo desconhecendo o sentido da palavra.

Quando o Dito faleceu na década de 1980 eu já era adolescente, já não acompanhava mais as procissões, mas outras crianças o seguiram ao longo dos anos. Ele foi velado no Salão Paroquial, com permissão do padre, foi uma noite triste onde muitas pessoas compareceram para prestar suas últimas homenagens, havia crianças vestidas de anjo, as senhoras do Apostolado da Oração, entoavam belíssimos hinos religiosos que levaram as lágrimas todos os presentes. Já no cemitério, o caixão de Dito foi enterrado ao som de aplausos de despedida, enquanto os presentes cantavam a seguinte canção:

Com Minha Mãe Estarei

*Com minha mãe estarei
Na santa Glória um dia
Ao lado de Maria
No céu triunfarei*

*Com minha mãe estarei
Aos anjos me ajuntando
E hinos entoando
Louvores lhe darei*

No céu, no céu

*Com minha mãe estarei
Com minha mãe estarei
Mãe pura, imaculada*

*Minha alma ter manchada
Jamais consentirei*

*Composição: Canto
Tradicional Religioso / DP.
Fonte Wikipédia*

Os Segredos Que Eu Guardei

Ali partia para sempre um homem santo que durante anos ensinou para as crianças a humildade, a oração, a religião e proximidade com Deus e Nossa senhora. Dito provavelmente hoje está no céu olhando por todos nós, que um dia o seguimos em suas rezas ao redor da pracinha cantando:

*“Mãezinha do céu, eu não sei rezar
Eu só sei dizer: Eu quero te amar
Azul é seu manto, branco é seu véu
Mãezinha eu quero te ver lá no céu
Mãezinha eu quero te ver lá no céu”.*
Fonte Wikipédia.



Capela do
bairro rural
do Monte
Verde.

1972 - “COISAS DE CRIANÇA”

Geralmente meu pai mandava me buscar em casa para que eu fosse até a máquina de arroz, para mostrar às pessoas que eu sabia ler mesmo não tendo iniciado os estudos na escola, então, eu tinha que levar os saquinhos de Ki-suco (suco em pó) que minha mãe havia costurado à mão unindo várias embalagens fazendo muitos montinhos, formando uma espécie de livrinhos, elas traziam no verso, histórias em quadrinhos ou frases como: A união faz a força. Eu também levava para ler as “as marcas de cigarro”, era um costume na época colecionar embalagens de cigarro vazias, deste modo as crianças estavam sempre atentas nas ruas próximas de casa na esperança de encontrar alguma delas descartadas pelo chão, depois elas eram dobradas e fazíamos o que chamamos de “marcas”, praticamente todas as crianças tinham pacotes enormes e gostavam de ostentar.

Eu tinha várias delas e sabia ler uma a uma, e por diversas vezes eu gostava de imitar o nono Gelindo, eu as colocava nos bolsos dos shorts da mesma maneira que ele andava com os dele cheios de dinheiro. Há uma passagem interessante na minha infância que quando lembramos, eu e minha mãe nos divertimos muito.

Toda a tarde o nono Gelindo vinha da máquina com os bolsos cheios de notas com o rendimento do dia, sentava-se na mesa da cozinha e retirava maços e maços de dinheiro, colocava-os sobre a mesa, contando duas ou três vezes, sempre lambendo os dedos. E eu ficava ali, pequenino, quietinho debruçado na mesa, ao lado dele observado aquela cena, era um grande montante. Depois de contar toda a dinheirama, ele se levantava e guardava no cofre que ficava na sala.

Mas houve um dia que a rotina foi diferente, ele guardou apenas parte do dinheiro no cofre, depois me deu um pacote de dinheiro pedindo que eu segurasse firme com as duas mãos, a princípio achei que era para mim, ledô engano, pois em seguida ele pediu que eu levasse até a máquina e entregasse para o tio João para que ele efetuasse o pagamento para “um homem do caminhão”. Mesmo sem entender direito obedeci.

Eu fiquei muito feliz, ninguém tocava no dinheiro do nono e ele estava confiando em mim, uma criança de cinco anos para levar aquele pacote na máquina. À medida que atravessei o quintal

Os Segredos Que Eu Guardei

ladrihado, notei que ele me olhava da porta da cozinha, isso fez com que eu me sentisse protegido. Mas, ao entrar na máquina fiquei com medo, havia naquele lugar um cômodo que me assustava, era o “quartinho do farelo”, era escuro, cheirava mofo e veneno (ali em uma prateleira guardavam um veneno cor de rosa para ratos), porém era preciso atravessá-lo para chegar aonde ficava a maquinaria, depois os depósitos com os sacos de arroz e por fim o escritório do Tio João.

Paralisei no terceiro passo dentro do “quarto do farelo”, decidi voltar, porém deixei o dinheiro dentro de uma das latas com o tal produto, e pensei que quando tio João passasse por ali ele o encontraria.

Adentrei em casa, minha mãe me deu banho e me colocou para ver televisão enquanto preparavam o jantar e todos chegassem. Tínhamos hora quase cronometrada pois a partir das 19 h começavam a chegar os vizinhos para assistir às novelas. Na manhã seguinte fui acordado com muito barulho ao meu redor, ao abrir os olhos notei que nosso quarto estava cheio de pessoas, todos falavam ao mesmo tempo e perguntam onde estava o pacote de dinheiro. O Nonô Gelindo esbravejava em italiano.

Demorei para raciocinar, mas aos poucos me lembrei, foi então que me levantei e descalço sai andando pela casa sendo seguido por todos que continuavam falando, atravessei o quintal ladrihado, entrei no quarto do farelo agora sem medo porque todos estavam comigo e aponte o dedo para uma das latas, que nesse momento já estavam repletas e prontas para serem servidas aos porcos.

Foi muito engraçado, as pessoas disputando quem pegaria as latas, despejaram todo o conteúdo no chão, e abaixados, remexiam o farelo em busca das notas e só sossegaram quando conferiram e viram que todo o montante estava ali.

Era muito comum os meninos da redondeza irem brincar no cemitério, eles também gostavam de comer as guloseimas que os japoneses deixavam nos túmulos de seus antepassados e por mais que eu quisesse acompanhá-los minha mãe nunca deixou que eu fosse. Eles também falavam muito de algumas mulheres que

frequentavam o lugar, eu também era curioso para conhecer a famosa Dalíria que tanto diziam e por ali passava todas as segundas feiras.

Dalíria era um nome que as mulheres batiam na boca ao pronunciá-lo, da mesma maneira que faziam quando diziam “doença ruim” ao se referir ao câncer. Porém, ela era uma mulher belíssima com seus cabelos negros até a cintura, “chefe da zona do meretrício” ela vestia-se com elegância, sempre enfeitada com muitas jóias verdadeiras, era protegida exclusiva de um figurão importante da cidade. Naquela época ela e suas meninas só tinham permissão para visitarem o cemitério no primeiro dia útil da semana, quando as “mulheres de família” sabiam que não podiam pisar naquele local, mas, às vezes coincidia com dia de enterros, e foi assim que certa vez acompanhando um funeral pude ver de muito perto a famosa Dalíria e suas acompanhantes.

Segundo relatam, nas segundas-feiras não havia expediente, pois na parte da manhã era obrigatório que elas se dirigissem ao Posto de Saúde para realizarem exames médicos e na parte da tarde estavam livres para visitar o cemitério. Atravessavam a cidade com charretes próprias, porém tinham que manter as capotas erguidas, e só podiam vir pelas ruas dos arrabaldes, jamais pelo centro. Havia um mito de que elas vinham fazer despachos e macumbas, mas eu não acredito, elas gostavam de manter a fama de “feiticeiras” para amedrontar as “carolas puritanas”.

Os meninos se escondiam atrás das igrejinhas para vê-las desfilar com toda sua elegância e alegria pelas ruas do cemitério. Elas desciam das charretes com seus vestidos coloridos e sombrinhas enfeitadas com flores artificiais e o perfume que deixavam por onde passavam era capaz de fazer ressuscitar os mortos ali enterrados. Elas mostravam-se felizes, mas não sei se eram, porém, eram diferentes das mulheres que conhecíamos.

Na vida adulta conheci muitas delas, já morando fora da “Zona”, idosas, sempre muito elegantes, humildes, sofridas e com lições de vida suficiente para oferecer conselhos às pessoas. Algumas constituíram famílias e seus filhos e netos vivem na cidade até os dias de hoje.

Os Segredos Que Eu Guardei

Minha prima Nair sempre me levava aos lugares durante o dia para sanar as minhas curiosidades que eram muitas, certa vez, atravessamos a cidade e fomos ao Posto Telefônico, pois eu insistentemente queria saber como era o funcionamento dos aparelhos, lembro-me que fiquei deslumbrado ao ver aquele tablado enorme cheio de pinos presos a fios onde a telefonista conectava o pino referente a um aparelho à entrada do outro com que se desejava falar, e vice-versa.



Década de 1970 – Central Telefônica (hoje consultório odontológico da Doutora Sueli Satie Suenaga).

Nair tinha a maior paciência em atender meus pedidos, também me levou para ver o trabalho nas máquinas de café onde as moças da idade dela trabalhavam para ganhar um dinheirinho, cada uma ficava sentada em frente a uma máquina semelhante às de costura, o café era colocado em um caixote no alto, e à medida que elas pedalavam ele descia por um cano até uma esteira onde elas retiravam os grãos estragados enquanto os bons caíam em um balde no chão. Tudo isso me fascinava.

Também foi a prima Nair que me levou para ver os trabalhadores fazendo o primeiro asfalto na Rua Brasil, observei atentamente como colocaram os pedregulhos e depois o piche. Estava um dia quente, calor insuportável e ficamos por horas parados onde hoje é o Banco do Brasil e havia um prédio do “Grêmio Estudantil”, ali se realizavam eventos, bailes e carnaval, eu já conhecia aquele lugar, pois em uma noite minha mãe me levava para ver uma exposição, tipo Feira de Ciências que se realizava no local.



Década de 1970: Rua Brasil
asfaltada.

Às vezes eu recebia alguns amiguinhos para brincar, tínhamos muito espaço, minha mãe costurava alguns “saquinhos” e enchia com feijão, e havia um jogo que fazíamos que exigia muita habilidade. Tínhamos que arremessá-los para o alto e pegá-los, a cada vez aumentando a quantidade e o desafio.

Quando o grupo era maior brincávamos de dominó, com o baralho do “mico” cujas cartas eram ilustradas com os casais de animais, apenas o macaco não tinha par. Outra brincadeira era passar o anel,

Os Segredos Que Eu Guardei

onde uma criança era escolhida para passar tal objeto, o restante dos participantes ficava sentado um ao lado do outro com as mãos unidas, entreabertas, formando uma concha fechada. A criança que estivesse com o anel entre as mãos passava suas mãos entre as mãos dos outros participantes. Em determinado momento a criança escolhia um dos jogadores e deixava cair o anel entre as mãos dele, sem que o resto percebesse. Seria o próximo passador de anel quem descobrisse com quem a bijuteria estava.

O cinema era uma atração à parte em nossas vidas, eu adorava ir às matinês aos domingos, minha mãe me levava para ver “Tarzan”, “Hércules”, “Maciste”, “Ursus”, “Brutos”, “Os gladiadores”, filmes do Teixeira (Coração de Luto e Carmem a Cigana e Sete Provas), entre outros. O cinema era grandioso e os doces vendidos na entrada eram deliciosos, entre os meus preferidos estavam as balinhas Kleps, que vinham 12 unidades com cores e sabores diferentes, uma grudada na outra na mesma embalagem em forma de tirinha, cada uma com desenho de bichinho, como o leão, a girafa, a ovelha etc. Já a noite íamos ver filmes do Mazaropi, e toda “Sexta Feira Santa” ficávamos na fila que dobrava os quarteirões, por horas, para conseguir os ingressos para ver “Nascimento, vida, paixão e morte de Nosso Senhor Jesus Cristo”.

Lembro-me quando minha mãe permitiu que eu fosse com meus primos assistir Roberto Carlos em “A 300 km por Hora“, em uma matinê, nesse dia durante a apresentação precisei ir ao banheiro, marquei o lugar onde estava sentado com eles, porém, ao voltar não os encontrei, haviam se escondido. Desesperado saí do cinema e voltei para casa correndo, foi a primeira vez que me vi sozinho e com medo. Ao chegar em casa contei para minha mãe, mas, quando eles retornaram disseram que eu não havia voltado para o assento e ao local combinado. Ninguém acreditou em mim.



Cine
Brasil,
alterado
para
Cine
Capri -
fachada
e
interior.



Apesar de morarmos todos juntos na mesma casa, brincávamos juntos, estávamos crescendo e as briguinhas de crianças começaram a surgir, eu apanhava muito dos meus primos e sem motivos. Certa vez uma prima me jogou um tijolo na cabeça que bateu de quina no meu olho direito, minha mãe fala que foi por este

Os Segredos Que Eu Guardei

fato que perdi a visão, mas eu não acredito, prefiro pensar que já nasci com visão monocular.

Certa vez, fomos convidados para um aniversário dos nossos amiguinhos, os gêmeos Antônio Ângelo e Ângelo Antônio Sparapani, os “Tins”, meu pai comprou duas bolas de plástico para que eu os presentear, meu tio comprou dois pares de meia para que meus primos levassem aos aniversariantes. Fomos os três e ao atravessar a pracinha, eles me bateram, tomaram as bolas de minha mão trocando os embrulhos, depois me arrastaram até a festa para que eu não voltasse para casa. Ao voltar juraram me bater mais caso eu contasse o ocorrido.

Eu ganhei um canivete pequeno de meu avô materno, eu não gostava, mas todos os meninos tinham. Um dia, brincando no monte de palha de arroz, meu primo me induziu a esconder o canivete para brincarmos de “caça ao tesouro” ele sabia que era impossível reencontrá-lo, mas eu não, e assim o fiz, perdendo para sempre meu presente.

A prima que me desferiu o golpe com o tijolo, certa vez foi jogar alguns cadernos velhos de escola fora, eles eram encapados com plásticos coloridos, eu achei lindo e pedi para ela que me desse, ao que ela se dirigiu à cozinha, pegou uma caixa de fósforos e queimou os cadernos para que eu não os pegasse.

Não sei dizer se o maior erro era meu, que sabia que judiariam de mim, mesmo assim estava sempre atrás deles, ou de minha mãe que também sabendo permitia que eu ficasse sozinho em suas companhias. Os últimos anos que vivemos no casarão foram tempos difíceis, apanhei muito, mas eu não contava, guardava segredo para não criar problemas entre os adultos.



Odete Terezinha
Biscassi,
Valdecir
Biscassi,
Edivaldo
Biscassi, Nair
Aparecida

1972 – “UM HOMEM DO POVO”

Pouca coisa sei dizer de meu pai em sua infância, ele costumava contar que o primeiro sapato que teve fora na adolescência, por ocasião do casamento de sua irmã Thereza, era alguns números maiores que seus pés, pois estava em fase de crescimento e o calçado deveria durar para muitos anos, na ocasião, ao chegar na igreja as pessoas notaram que ele calçara os pés trocados, ou seja, o pé direito no sapato esquerdo e vice-versa.

Ele dizia que desde pequeno sempre trabalhou muito no sítio e que já na adolescência vendia galinhas, leite, ovos, queijo e verduras com cestas pelas ruas da cidade. Minha mãe conta que quando se conheceram ele trabalhava como porteiro no cinema, porém, somente durante as noites porque durante o dia ele sempre trabalhou na roça e como “saqueiro” (carregador de sacos).

Quando eu nasci, ele já morava na cidade trabalhava como responsável pelas entregas da produção de arroz, café e algodão, entre outros produtos, fazia frete, primeiro com seu caminhão “GMC” e depois com um “Chevrolet”.

Era um homem de pouca conversa em casa, mas na rua tinha muitos amigos e amigas, era muito popular e querido por todos. Nossa amiga Iracema Cardoso Beltrami em 2023 me relatou fatos da infância e adolescência deles, onde juntos estudaram no Grupo Escolar, ela conta que ele era muito bonito e que muitas moças queriam namorar com ele. Disse que era muito namorador e que não levava nenhuma garota a sério.

De sua infância pobre ele guardou um conjunto de chaveiros provavelmente ganhados, uma medalhinha de Nossa Senhora das Graças e um pião de madeira, objetos estes que ficaram comigo e são as únicas lembranças que ele me deixou.

Eu adquiri pneumonia aos oito meses de idade, minha mãe relata que ele foi a um baile deixando-nos em casa, a febre aumentou e eu precisei ser internado no Hospital do Dr. Francisco Felix Mendonça, ele só veio a saber de manhã quando chegou em casa, então, foi ao hospital, viu como eu estava e voltou para dormir. Eu piorei e fui transferido para São José do Rio Preto onde fiquei hospitalizado por cinco dias quase vindo a óbito.

Essa não foi a única vez, pois quando eram recém-casados por diversas vezes ele nos deixou em casa e saía para se divertir em

Os Segredos Que Eu Guardei

bailes e forrós que aconteciam na cidade, houve uma vez que eu ardia em febre, minha mãe me enrolou em uma manta, atravessou a cidade a pé, sozinha comigo no colo para me levar à noite na farmácia do Sr. Luís, um japonês, de nome Yosetake Tomossablo, que na época era a única referência para cuidar da população, uma vez que as consultas médicas eram muito caras e não havia serviço de saúde pública.

Como já descrevi anteriormente, ele viajava muito, passava semanas fora de casa, e na volta, às vezes trazia presentes, doces e as vezes nada, lembro-me de alguns panfletos que ganhei certa vez, provavelmente que ele pegara em algum posto de gasolina, tinha uma imagem de índios cortando pau-brasil, era propaganda de um determinado lápis de escrever (imagem esta que até hoje encontro em livros de história e que rapidamente me remetem ao passado). Outra gravura que eu gostava muito era de três anõezinhos (semelhantes aos “Smurfs”) não sei qual produto anunciavam, mas tinha algodão, amendoim e milho nas mãozinhas deles. Entre os melhores presentes que eu ganhava, havia uma guitarra semelhante à do cantor Silvío Brito, que eu adorava e passava horas cantando seu hit “Espelho meu”, mas esta foi minha mãe que comprara com o dinheiro que ganhava com as costuras que realizava.

Fora isso, as poucas memórias que tenho sobre meu pai até os seis anos de idade, era que estava sempre ausente, tinha um temperamento explosivo, não deveria beber nada alcoólico pois tomava um remédio para a cabeça chamado “Comital L” porque quando criança sofrera alguns ataques epiléticos, mas não cumpria essa determinação. Sei que várias vezes batera com o caminhão enquanto dirigia como um “louco”, (pelo menos era os que as pessoas falavam), e me recordo as brigas homéricas com o nono Gelindo por conta dos prejuízos após esses acidentes.



Caminhão que meu pai dirigia, após um acidente, onde foi perdida toda a carga de mamona.

Também me recordo de minha mãe sempre falando com ele baixinho no quarto para que as demais pessoas da casa não ouvissem, sobre os boatos que chegavam a seus ouvidos sobre o fato dele se encontrar com outras mulheres. Até sobre algumas ciganas ouvi certa vez, que teriam passado na máquina de arroz pedindo dinheiro e ele prometeu que daria se elas entrassem no cafezal (no sítio que ficava próximo) com ele para se divertirem, e assim o fizeram, eu achava que se divertir era beber, dançar e cantar. É claro que ele desmentia tudo, mas hoje eu sei que as marcas que ele trazia no pescoço e as manchas de batom nas camisas denunciavam sua infidelidade.

Eu ouvia tudo, via minha mãe sofrer, mas nada podia fazer. A única coisa que eu tinha em minha cabeça inocente de criança era que quando eu crescesse jamais queria ser como ele.

Os Segredos Que Eu Guardei

Por diversas noites ele saía de casa dizendo que iria participar de reuniões políticas, minha mãe me mandava junto para ver ele estava dizendo a verdade. Quando ele concordava em me levar era porque não estava mentindo, e foram muitos os encontros para organizar as futuras eleições que acompanhei meu pai. Essas assembleias aconteciam em casas alternadas e eu ficava sempre muito atento às conversas, e mesmo não entendendo muita coisa ao chegar em casa relatava tudo para minha mãe exatamente como acontecera, o que ele disse, perto de quem se sentou e se havia mulheres.

Naquele ano meu pai se candidatou como vereador pela ARENA (Aliança Renovadora Nacional) que era o partido dos militares, mas eu não sabia disso, só vim a ter conhecimento na vida adulta. Lembro-me muito bem quando chegaram os panfletos de cor amarela em formato retangular com o rosto dele estampado, um número e o nome do partido. Durante várias vezes eu saí com ele em seu caminhão rumo às estradas colando essa propaganda política em árvores e porteiras pela zona rural.

As reuniões foram ficando cada vez mais frequentes e eu estava presente em quase todas, ouvi dizer que as eleições estavam próximas, lembro-me de uma senhora loura, muito falante e autoritária que participava dos encontros e sempre era aplaudida após sua explanação, me parecia exaltada e certa vez disse:

- O MDB (Movimento Democrático Brasileiro) não vai ganhar, eles estão desesperados, me disseram que vão jogar pó de mico em nosso palanque durante o comício...

***Aliança Renovadora Nacional (ARENA)** foi um partido político brasileiro criado em 1965 com a finalidade de dar sustentação à ditadura militar instituída a partir do Golpe de Estado no Brasil em 1964. Era um partido político conservador. A sua criação se deu em decorrência do Ato Institucional Número Dois, de 1965, e do Ato Complementar nº 4, de 1965. Ambos foram baixados pelo regime militar e terminaram com o pluripartidarismo existente no Brasil. Assim, foram extintos os 13 partidos políticos legalizados no País e determinada a implantação do bipartidarismo.*

***Movimento Democrático Brasileiro (MDB)** foi um partido político brasileiro que abrigou os opositores da ditadura militar brasileira. Organizado em fins de 1965 o partido se caracterizou por sua multiplicidade ideológica quanto aos rumos a seguir no enfrentamento ao poder militar. Inicialmente raquítico em seu desempenho eleitoral, experimentou grande crescimento no governo de Ernesto Geisel obrigando os militares a extinguirem o bipartidarismo e assim surgiu o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) em 1980. Fonte Wikipédia.*

Estivemos certa vez eu um prédio, naquela época eu não sabia exatamente onde ficava, lá havia alguns quadros com fotos de prefeitos e o período de seus mandatos, muito esperto como sempre fui, consegui um pedaço de papel e um lápis, anotei e trouxe para casa guardando aquela anotação por muitos anos em meio aos meus livrinhos.



Década de 1970 – Antiga Prefeitura Municipal, (hoje quadra coberta da EE Orestes Ferreira de Toledo), foi neste lugar que quando criança conheci os quadros com os prefeitos da cidade.

Os Segredos Que Eu Guardei



Manoel Pantaleão – mandato de 1960 a 1963.
Francisco Garcia Otarola – mandato de 1964 a 1968.
Baptista Alvarez Campos - mandato de 1969 a 1972.

Os comícios eram um show à parte, geralmente aconteciam próximos às praças da cidade, havia violeiros e sanfoneiros para atrair a população, e muito discurso político. Eu e minha mãe acompanhamos a todos, eu adorava ir, eram noites festivas para as crianças, havia os pipoqueiros com carrinhos onde nos deliciamos com pipocas coloridas, doces e salgadas, mas a minhas preferidas eram a de um senhor negro (o senhor Laurindo) e do “São Saruê”, também tinha o homem do pirulito (que morava perto de casa) era o senhor Arcanjo, seus pirulitos caramelizados tinham a forma de um guarda-chuva, eram enrolados em um papel fino e expostos em um tabuleiro.

Meu pai falava muito bem, ele tinha o dom da oratória e era o mais aplaudido, e nas pesquisas de boca todos diziam que ele ganharia para vereador.



1972 - Zulmiro Biscassi discursando em comício na praça Baptista Álvares Campos.

Os meses se passaram, chegou o grande dia da tão esperado das eleições, naquela época a apuração acontecia no Fórum que era localizado na Rua Brasil em um grande espaço que hoje compreende desde a veterinária do Geovane até o estacionamento da Panificadora Soberana. Demorava-se dois ou três dias para que todos os votos fossem contados um a um, anotados em um “mapa” (Planilha) e os resultados fossem computados.

Naquela tarde, eu e minha mãe fomos esperar o resultado em frente ao Fórum, havia tantas pessoas que era quase impossível andar pela rua, estava calor e muitos usavam guarda-chuvas para se protegerem do sol. De casa até o local observei muitos cavalos amarrados nas argolas que eram fixadas nas calçadas, também havia muitas charretes e carrinhos que provavelmente trouxeram as pessoas da zona rural.

Quando passamos em frente ao cinema avistei Dalíria e suas meninas, estavam todas enfeitadas, seguravam suas habituais sombrinhas e portavam nas mãos leques enfeitados com

Os Segredos Que Eu Guardei

plumagens. Passei rapidamente sendo puxado por minha mãe que parecia apressada.

O barulho na rua era imenso, muitos aplausos, música, batuques, sorveteiros e pipoqueiros. Minha mãe estava tão ansiosa que acabou não me comprando nada, também ela estava preocupada com a demora pois deixara a Cristina em casa aos cuidados de tia Maria. Ficamos parados no meio da rua por horas, enquanto isso, meu pai estava dentro do Fórum, pois era permitido que os candidatos acompanhassem a apuração.



Sylvio Paulo Lacativa
Pozzetti – Mandato de
1973 a 1976.



Antigo Fórum localizado na Rua Brasil.

Foi um momento festivo quando alguns homens passaram a sair lá de dentro carregados nos ombros de outros, entendi que aqueles eram os vencedores que vinham por ordem de maior votação meu pai foi o de número cinco a sair. Foi uma grande alegria para nós. Minha mãe em lágrimas passou a ser abraçada e cumprimentada por diversas pessoas que vieram lhe dar os parabéns.

Depois que divulgaram todos os resultados as pessoas saíram pelas ruas em desfile entoando diversas marchinhas como “Cidade Maravilhosa” e uma outra que eu nunca ouvira antes que dizia assim:

“É de Tango, tango, tango

Ó morena,

É de carrapicho,

Joga Fulano (diziam o nome dos adversários políticos derrotados).

Na lata do lixo”.

Fonte Wikipédia.

Eu e minha mãe percorremos um longo trajeto sem que conseguíssemos chegar perto de meu pai que estava nos braços do povo. Passamos por lugares da cidade onde eu nunca havia estado antes. Não me lembro de como voltamos para casa, mas sei que meu pai chegou muito tarde da noite e nós já havíamos nos recolhidos em nossos quartos para dormir.

Os próximos dias muitas pessoas vieram parabenizar meu pai, fomos à casa do novo prefeito eleito o professor Sylvio Paulo Lacativa Pozzetti que exerceria o mandato de 1973 a 1976 e participamos de alguns almoços em comemoração à vitória.

Os dias se passaram e em uma determinada noite, no quarto, ouvi meu pai dizer para minha mãe que a nossa vida de agora em diante seria diferente, que iríamos sair do casarão para ter nossa própria casa, eu estava na cama e fingi estar dormindo para ouvir todo o diálogo. Mas uma coisa eu tinha certeza, não queria deixar aquela casa, o quintal, a máquina de arroz, as frutas, enfim, a nossa grande família, que por mais que tivéssemos problemas, ali tínhamos o nono Gelindo que controlava tudo e todos, inclusive meu pai. Eu tinha medo de viver fora dali, para mim a vida só tinha sentido naquele lugar.



1972- Zulmiro Biscassi recebendo a diplomação como vereador eleito, antigo Fórum.



1972 - Zulmiro Biscassi, eleito em quinto lugar tomando posse como vereador, a cerimônia aconteceu no Clube de Campo das Palmeiras.

1973/1974 - “ANJOS DA TERRA”

Era muito comum que visitássemos o cemitério com frequência, primeiro porque morávamos muito próximo a ele, também pela intensa religiosidade de nossa família e que por conhecermos praticamente todas as pessoas da cidade, participávamos de todos os velórios em sinal de solidariedade. Eu até gostava de repetir o costume de jogar três punhados de terra e depois flores sobre os caixões quando estes desciam para a cova, mas o que mais me encantava naquele lugar era a arquitetura dos túmulos e as igrejazinhas. Havia construções de diversos modelos e estilos, onde estavam sepultadas as crianças, os túmulos eram pequenos, sendo alguns pintados de rosa, outros de azul.

Me explicaram certa vez que no poço que ficava próximo ao grande cruzeiro era um local onde se jogavam os ossos dos falecidos que não pagavam a “perpétua”, as pessoas eram enterradas por um determinado tempo e se a família não comprasse o terreno, tempos depois, os ossos eram retirados e iam para essa cisterna. Muitas vezes fui espiar este local, mas era fundo, e escuro, nunca consegui ver nada.

Mas o que eu mais gostava durante as visitas àquele local, eram as estátuas dos anjinhos em mármore branco, eram anjos crianças, tipo cupidos. Eu implorei para meu pai que em suas viagens me trouxesse uma daquelas peças para que colocássemos no jardim do casarão, ao que ele me prometeu que procuraria, porém, certa vez ao retornar ouvi ele dizendo baixinho para minha mãe que encontrara o que lhe havia pedido, mas, o dono da loja aconselhou-o não efetuar a compra, pois se tratava de um objeto produzido tipicamente para cemitérios e não era aconselhável trazer para dentro de casa. Eu não deixei que eles percebessem que eu havia ouvido a conversa e nunca mais reforcei o desejo de que meu pedido fosse atendido.

Durante minha infância eu presenciei a partida de três anjinhos que foram morar com Deus, o primeiro foi um bebê cuja família morava muito próximo a nossa casa, foi um velório que atraiu muitas pessoas, a falecida fora amiga de minha mãe e era de

Os Segredos Que Eu Guardei

família antiga na cidade, a criança morreu dentro da barriga dela antes de nascer. Não chegamos a entrar onde o corpo estava sendo velado, mas eu e minha mãe acompanhamos as orações de despedida pela janela da sala daquela humilde casinha de madeira. Foi uma cena triste que eu não gostaria de ter presenciado, aquela senhora trajando um vestido bordô com a barriga enorme e ali dentro seu bebê. Lembro-me que para a saída do cortejo o caixão não se fechava, então a tampa foi amarrada a ele por uma corda e seguiu seu destino acompanhado pela multidão em prantos.

Um outro anjinho que partiu, porém em 1974, foi minha amiga Cidinha, filha da “Dona Alice” e do “Carlão Dias”, um português proprietário de um estabelecimento de Secos e Molhados onde nós crianças comprávamos todo tipo de doces. Cidinha tinha a mesma idade que eu, e constantemente ia brincar comigo em minha casa, pois nossas mães eram amigas e assim foram por toda a vida. Naquele início de março brincamos no quintal ladrilhado, debaixo do pé de sete copas. Ela era inocente como eu, e juntos nos distraíamos com qualquer coisa, ela trouxera algumas caixas vazias de maizena e recortamos as imagens dos índios da embalagem, depois minha mãe apareceu com bonecas feitas com a casca de melancia que havíamos chupado anteriormente, e trouxe também cavalinhos feitos com bucha caipira verde e com pezinhos de palitos de sorvete.

Também brincávamos com bolas onde jogávamos na parede enquanto cantávamos uma musiquinha e seguíamos as regras. A brincadeira tinha essa sequência: Ordem, seu lugar, sem rir, sem falar, um dos pés, o outro, uma das mãos, a outra, bate palma, pirueta, traz com frente, cruzado, fim de queda.

Ela desenhava fogõezinhos no chão ladrilhado usando cacos de tijolos e colocávamos latinhas vazias em cima para fazer as “comidinhas” e para isso usávamos mamonas e amargoso.

Brincamos o dia todo e a última coisa que me recordo foi que nos enfeitamos com colares feitos com folhas de mandioca, e já à tardinha depois de comermos manjar de leite, a mãe de Cidinha veio buscá-la.

Na manhã seguinte, pessoas que vieram à máquina de arroz disseram que ela teria sido levada com febre ao hospital. Naquela época estava ocorrendo um surto de sarampo, eu mesmo havia passado semanas antes, mas ninguém sabia dizer direito o que minha amiguinha tinha. Logo depois chegou a triste notícia de que ela havia falecido vítima de meningite.

Ouvi muito falar que eu seria colocado em quarentena porque fui a pessoa que mais tempo passei com ela no dia anterior, mas isso não aconteceu. Fiquei muito triste com sua partida e levei comigo a imagem de seu sorriso por toda a vida, ficaram também as lembranças de tantas brincadeiras e a certeza de que ela se tornou um anjinho no céu.

Não sei precisar exatamente em que ano conheci o primo Marcinho, ele era filho de uma prima nossa e moravam em outra cidade, mas vinham constantemente a Palmeira d'Oeste em festas da família de final de ano e casamentos que aconteciam nos sítios onde moravam nossos parentes, outras vezes vinham somente para passear. Nós tínhamos a mesma idade e nos identificamos assim que nos conhecemos, ele trazia seus brinquedos e eu também partilhava os meus com ele e juntos passávamos horas nos divertindo.

No sítio, por diversas vezes entramos escondidos nas igrejinhas, havia duas próximas às casas, ali passávamos algum tempo, eu lhe contava as histórias dos santos e ele ficava sentado ouvindo atentamente, por diversas vezes ele chorava, e depois de enxugar o rosto com as mãozinhas pedia que lhe contasse outras, a sua preferida era a de Santa Luzia que ao doar os olhos como promessa de amor ao seu apaixonado, recebia o milagre de ter outros dois ainda mais lindos no lugar.

Eu nunca lhe disse, mas o dia que eu o conheci, que estivemos juntos pela primeira vez, ali, tão branquinho, olhinhos azuis e os cabelos loiros cheio de cachinhos cheguei a me assustar, eu tive a sensação de estar diante de um anjinho, ele era idêntico às estatuas de cupidos do cemitério, porém, em forma humana, parado em minha frente. E assim se repetiu por todas as vezes que nos

Os Segredos Que Eu Guardei

encontrávamos, eu sempre tinha a mesma impressão, ele era um anjo na terra.

Na última vez que estive no sítio atravessamos uma pinguela sobre o córrego, eu sempre muito medroso e sem equilíbrio precisei de sua ajuda, e ele me disse:

- Primo, na vida você precisa ter cuidado, coragem e ser forte, meu pai me ensinou isso.

Depois, naquele dia, brincamos na porteira de madeira, às vezes eu ficava em cima dela e ele abria e fechava, depois trocávamos, era a vez de ele ficar sobre a porteira e eu abrir e fechar.

Ele era uma criança, pura, bondosa e inocente, naquele fim de semana ao se despedirem no domingo, ele tirou do bolso do shortinho três brinquedinhos de plástico em miniatura, era um Pato Donald, e um casazinho de cor amarela, sendo um senhor barbudo que lembrava Urtigão das histórias em quadrinhos e uma mulher que tinha a cabeça maior que o corpo. Eu não disse nada, apenas segurei apertado seus presentes em minha mão, eu sabia que ele estava me dando seus brinquedos preferidos. Em seguida, ele entrou no carro da família, no banco traseiro e ficou acenando com as duas mãozinhas até partirem.

Nunca mais vi Marcinho, ele adoecera tempos depois, recebemos na cidade alguns telefonemas da prima dizendo a princípio de que haviam detectado um problema no coração, depois, que ele fizera várias cirurgias e que passara a fazer xixi pela barriguinha, vindo a falecer muito rapidamente. Não pudemos ir ao velório porque meu pai estava em viagem, mas tempos depois, fomos fazer uma visita à família.

Ao adentrar à casa nos deparamos com um quadro enorme emoldurado, dependurado na sala, com uma foto em preto e branco de Marcinho como se estivesse nos olhando com um sorriso encantador, porém, sem o colorido da alegria que sempre tivera em vida.

Marcio fez uma passagem breve pela terra, porém inesquecível, eu nunca mais entrei nas igrejinhas do sítio, nunca mais subi nas porteiras, e joguei fora todas as minhas bolinhas de “gude” azuis com as quais brincamos tantas vezes, e eram suas preferidas, pois ele dizia que eram da cor de seus olhinhos.

Eu imagino a força e a coragem (ensinamentos que ele tentou me passar), que aquela criança teve em seus últimos momentos de vida, definindo em uma cama de hospital.

- O que teria passado em sua cabeça?

- Ele sofreu muito?

- Como foram suas últimas horas?

Todas essas perguntas eu me fiz por muito tempo, também tentei levar pela vida a fora duas daquelas palavras, “força e coragem”, e compreendi que esta última, a coragem, é a resistência ao medo o domínio do medo, e isso eu não consegui por mais que tentasse, minha trajetória foi marcada por insegurança, timidez, abnegação e reclusão, por isso perdi inúmeras oportunidades e deixei de realizar coisas que poderia fazer-me uma pessoa mais feliz. O medo é o mais forte dos sentimentos.

Quanto a ser forte, isso eu consegui, você nunca sabe a força que tem; até que a sua única alternativa é ser forte. Quantas vezes tive de ouvir algo que me destruía por dentro e ainda assim sorrir. Tantas outras vezes, tive que sufocar os sentimentos porque pessoas ao meu redor não podiam se decepcionar comigo, precisavam de mim. Ser forte me custou caro e doeu muito, a vida me colocou a prova muitas vezes, mas eu lutei dia após dia para ser forte o suficiente para me manter de pé mesmo que sozinho eu chorasse, depois, erguia a cabeça e partia para a luta sempre com a esperança de que dias melhores viriam.

Eu tive a idade dele, ele não teve a oportunidade de ter a minha, nunca tive nenhuma foto dele, mas sei perfeitamente como ele era, cada traço, cada gesto e a emoção de cada abraço. Nós não temos controle sobre a vida, de fato, meu priminho querido se tornara um anjinho como eu sempre o vira desde o dia em que o conheci, só que agora de verdade, para sempre, assim como o fora na terra, também o foi no céu.

.

1974 - “UMA VIDA NOVA”

Ainda ficamos morando com os nonos por algum tempo, enquanto a equipe de pedreiros comandada pelo senhor “Formigão” construía a nossa nova casa, meu pai não queria se mudar para longe, queria se manter próximo à família, então iniciou a construção da moradia ao lado do casarão, separados por uma cerca, num espaço do quintal grande da chácara, na esquina, que também ficava de frente para a pracinha.

Quando a obra foi concluída, meu pai mandou pintá-la de rosa e azul claro, e a proteção da frente para a rua era uma cerca de balaustrada. Agora na nova moradia ganhei um quarto só para mim, a grande novidade nessa mudança era que tínhamos o chuveiro elétrico, em que meu pai levou um choque e foi jogado longe, dentro do banheiro. Ficou desmaiado e achamos que ele havia morrido, porém, só perdeu a unha do dedão que ficou grudada na alavanca de mudar a temperatura do aparelho.

A privada era exatamente como nas demais casas, uma construção de madeira com tábuas no assoalho e um buraco para fazemos as necessidades. Eu tinha uma pata com oito patinhos que ganhei de nona Maria, viviam soltos pelo quintal, e minha mãe sempre dizia para que ao usarmos a privada tínhamos que fechar a porta para os mesmos não caírem no buraco, eu, distraído certa vez, não fechei e os pequeninos caíram todos no fundo.

Meus pais estavam felizes com a saída da casa do nono Gelindo, que deu a meu pai uma pequena parte da herança, em vida, como fizera com cada filho que saía de sua proteção, era um bom dinheiro para começar a vida, a quantia de cinquenta mil cruzeiros, Me lembro que percorremos as lojas da cidade comprando móveis para nosso novo lar, e assim adquirimos um conjunto de sofá de couro na cor vinho, um jogo de copa (muito comum nas casas da época) constando de uma mesa com seis cadeiras em fórmica e uma espécie de cristaleira ou armário onde se guardava as louças, com o fundo em cor laranja e estampada com margaridas brancas (a nona Maria no sítio tinha dois jogos desses no sítio com a estampa em flores diversas, já no casarão era liso, em vermelho). Essa “copa” era o cartão de visita de uma casa e ficava sempre na sala da

frente, as pessoas ao chegarem batiam os olhos para ver as vidrarias, porcelanas e demais acessórios que o anfitrião possuía.

Para a cozinha meus pais compraram um armário de aço, um fogão e uma geladeira em azul claro, a cor preferida de meu pai. Lembrome que ele regateou muito nos preços, mas acabou comprando móveis de qualidade. Para os quartos levamos os móveis que já possuíamos no casarão, que foram comprados por ocasião do casamento para os aposentos de meus pais, e minha caminha de solteiro e o berço que agora pertencia à Cristina.

Para a pequena área de frente meu pai comprou um jogo de cadeiras de fio brancas e arredondadas, que era um modelo novo nas lojas, diferentes dos já habituais em todas as residências. Me recordo das pessoas passando na rua em frente a nossa casa e admirá-las pelo seu formato diferenciado.

O piso da casa era todo em vermelhão, mas ficava lindo, minha mãe encerava-o e depois passava escovão para dar brilho. Nunca havia visto minha mãe tão feliz, ela admirava por horas os talheres, a louça e todos os objetos que comprara para a nossa nova vida.

A televisão demorou alguns meses, mas chegou também para completar nossa felicidade. Uma tarde veio até nossa casa o Sr. José Nunes, um português dono de uma loja de móveis e eletrodomésticos para colocar o aparelho e a antena, meu pai não havia dito nada, fizera surpresa. Trouxe com ele seu filho, o garoto Paulo Afonso, meu amiguinho de escola e que juntos brincamos na pracinha até que se completasse a instalação.

Meu quarto era muito grande, e minha mãe arrumou algumas caixas de papelão para que eu guardasse meus Gibis, eu tinha muitos, adorava ler Zé carioca, Tio Patinhas, Tarzan, entre outros. Também nossos brinquedos foram colocados em caixas para que ficassem todos muito bem-organizados.

Foi marcada uma noite de inauguração da nova casa, um costume de nossa família, o cardápio foi arroz, polenta com frango, saladas, muito vinho e não podia faltar a pipoca para as crianças, naquela época não havia o produto nos mercados para vender, nós debulhávamos os grãos de seus sabugos. Todos os parentes moradores da zona rural foram convidados, também os da cidade, os vizinhos e políticos, era tanta gente que não coube dentro de casa, como já se imaginava, então foram espalhadas cadeiras no

Os Segredos Que Eu Guardei

quintal ao fundo, ao lado e frente da casa, enfim por todos os espaços.

A comida demorou a ser servida porque meu pai ficou aguardando a chegada de alguns amigos e eu acabei dormindo sem me alimentar, e lembro-me que mais tarde, a nona Maria fez um pratinho, me levou no quarto, me acordou docemente e me serviu na boca em pequenas colheradas, e depois, voltei a dormir. Não sei a que horas a festa terminou, acredito que bem tarde, porque já não havia mais na cidade o problema de desligarem o gerador de energia às 22 h, não dependíamos mais desse motor, agora tínhamos “luz” ou “força”, como diziam, por toda a noite.

Certo dia meu pai chegou em casa com um carro que havia comprado, agora trabalharia como taxista, era uma profissão muito moderna na cidade naquela época, os carros de aluguel estavam substituindo as charretes. Fora construído um “ponto” para os taxistas, ficava na praça da matriz com a frente voltada para a Ferreira Calçados, no local ergueram uma estrutura de metal coberta com telhas comuns, com vagas para seis automóveis e um salãozinho com a porta de vidros onde ficava o telefone. Lembro-me de algumas discussões entre meus pais de vez em quando, quando meu pai trocava de carro, e isso acontecia constantemente, e de “rolo em rolo”, negócio em negócio ele devolvia dinheiro quando se desfazia de um veículo e adquiria outro, e foi assim que ele acabou com todo o dinheiro que ganhara do nono Gelindo.

Em um desses carros certa vez encontrei um jornal com fotos coloridas na primeira página fazendo referência a uma tragédia ocorrida em São Paulo, e que provocou a morte de 187 pessoas e deixou mais de 300 feridos.

Uma construção em 1971, o Edifício Joelma foi alugado ao Banco Crefisul de Investimentos. No começo de 1974, a empresa ainda terminava a transferência de seus departamentos, quando no dia 1º de fevereiro, às 8h:45min de uma chuvosa sexta-feira, um curto-circuito em um aparelho de ar condicionado no 12º andar deu início a um incêndio, que rapidamente se espalhou pelos demais

pavimentos. As salas e escritórios do Joelma eram configurados por divisórias, com móveis de madeira, pisos acarpetados, cortinas de tecido e forros internos de fibra sintética, condição que contribuiu sobremaneira para o alastramento incontrolável das chamas.

Quinze minutos após o curto-circuito era impossível descer as escadas, que foram bloqueadas pelo fogo e a fumaça. Muitas pessoas conseguiram se salvar e descer pelos elevadores, mas estes também logo deixaram de funcionar, quando as chamas provocaram a pane no sistema elétrico.

Nos braços da mãe, que saltou para a morte no 15º andar, uma criança de um ano e meio foi salva em um dos episódios mais dramáticos do incidente. A multidão acompanhou o salto bem em frente ao prédio. O choro da criança, levada imediatamente ao Hospital das Clínicas, foi ouvido logo após o impacto da queda. No último andar um rapaz jogou-se ao chão e aproximou-se da borda do terraço, mas uma labareda fez com que ele escorregasse e ficasse suspenso no ar, segurando no parapeito até não mais aguentar e despencar na rua.

Alguns sobreviventes concentraram-se no 25º andar que tinha saída para dois terraços, mas os helicópteros não conseguiam pousar no terraço escaldante. Na rua os bombeiros tentavam agir em meio à confusão estabelecida pela Polícia Civil, curiosos, PMs, médicos, enfermeiros, soldados do Exército e até escoteiros. Fonte Wikipédia.

Guardei aquele periódico por muitos anos, porém já se decompôs. Aquelas fotos e aquelas histórias eram muito fortes e a partir de então passei a ter medo, muito medo do fogo e até hoje confiro os botões do fogão de casa várias vezes ao dia após cada uso.

Certa vez meu pai organizou um passeio em família, iríamos de carro conhecer as obras da **Usina Hidrelétrica Ilha Solteira**, localizada no Rio Paraná, entre os municípios de Ilha Solteira e Selvíria e também visitaríamos a inundação da cidade de Rubineia, e assim fizemos, foram dois passeios em dias diferentes, mas foi o segundo que me causou maior pavor. Ao chegarmos ao local alugamos um bote com motor, havia um condutor que nos levaria

Os Segredos Que Eu Guardei

pelos lugares corretos para que não chocassem com os prédios e ruínas da cidade de Rubineia já submergida pela metade.



Local onde foi instalada a Usina Hidrelétrica Ilha Solteira, localizada no Rio Paraná.

A região de Rubineia, localizada no interior do estado de São Paulo foi destruída pelas águas do Lago Artificial da Usina Hidrelétrica de Ilha Solteira, construída pela Companhia Energética de São Paulo S/A, o que resultaria na inundação de um terço do território de Rubineia, além da submersão do seu sítio urbano e áreas de terras agrárias cultiváveis. A CESP, deu início à desapropriação e demolição de casas, bares, hotéis, cinema e casas comerciais. Em 1973, as águas do Rio Paraná começaram a subir, encobrindo casas, destroços, sonhos, vidas de cidadãos de Rubineia. Através de um empréstimo junto ao Banco Bandeirantes, foi oferecido para que fosse feita a desapropriação de 24,2 hectares de terras para reconstruir uma nova cidade. Fonte Wikipédia.



Foto aérea da antiga cidade de Rubineia.



Parte da estação ferroviária de Rubineia coberta pelas águas.

Foi nesse cenário de horror que navegamos, passamos muito próximos pelos telhados das torres da igreja, desviávamos de postes já praticamente tomados pelas águas e nos aterrorizamos ao nos aproximar de árvores altas, somente com a copa fora da água, onde bem próximos podíamos ver dezenas, talvez centenas de cobras enroladas nos galhos buscando a sobrevivência, havia répteis de todas as espécies, cores e tamanhos, entre elas, jararacas, cascavéis e coral. Aquelas cenas nunca saíram de minha memória, e o que poderia ser um passeio se tornou mais um trauma em minha vida.

Eu já tinha pavor de rios, isso porque em alguns passeios que fazíamos aos domingos com famílias amigas de meu pai, havia o costume de jogarem os garotos nas águas para que aprendessem a nadar, passei a ter medo das águas, recordo-me que em uma ocasião eu e o Levino Cardoso Borges, outro garoto, nos escondemos na mata por horas, chorando, para que não fôssemos atirados, o temor era tanto a ponto de que eu não me aproximasse mais de rios junto a meu pai.

O pânico aumentou quando um rapaz de nome Jessé que trabalhava no Banespa morreu afogado no Rio São José, a procura pelo corpo nas águas mobilizaram a população e nós fomos ao local para acompanhar as buscas.

Os Segredos Que Eu Guardei

Outro fato estarrecedor foi a morte por afogamento de uma prostituta, meu pai ajudou na retirada do corpo de dentro do rio, voltou para casa com pedaços de carne debaixo das unhas e obrigou minha mãe a fazer-lhe a limpeza com a ponta de um canivete. Estávamos em frente de casa quando o corpo passou em cima de uma caminhonete, estava inchado, enorme, sendo possível de ver mesmo de longe.

O Regime Militar instalado no Brasil em 1964 investiu num modelo desenvolvimentista marcado por empresas estatais e obras públicas gigantescas nas áreas de transporte, energia e estratégia militar, que buscavam a soberania do Brasil. Apelidadas de “obras faraônicas” pela imprensa da época, neste período foram construídas a rodovia Transamazônica (BR-230), as hidrelétricas de Tucuruí, Balbina e Itaipu (a maior do Brasil), a ponte Rio - Niterói, as usinas nucleares de Angra, a Ferrovia do Aço e o projeto de minério de ferro de Carajás e de celulose de Jarí. Em nossa região uma obra desse período foi a Rodovia Euphly Jalles, e um outro passeio interessante que fizemos nesse período foi visitar as obras dessa construção, que passaria em nossa cidade. Fomos de carro e paramos em vários pontos para conversar com os trabalhadores, meu pai como político, queria entender tudo o procedimento e depois nos explicava as mudanças que ocorreriam, por exemplo, para se chegar á Palmeira d’Oeste o único caminho era a estradinha que hoje passa pelo motel, pelo recinto da FEPEB e Estádio de Futebol, que continua existindo até hoje, porém, algumas propriedades rurais foram desapropriadas e a rodovia seguiria em linha reta até a cidade de Aparecida d’ Oeste.

Quanto ao que se referia à saída de Palmeira d’Oeste para Marinópolis, a única estrada era a que passa por detrás do cemitério, porém, com a conclusão das obras foi que os trevos de nossa cidade, de Marinópolis, São Francisco e o de Aparecida d’Oeste foram construídos interligando as cidades na mesma malha asfáltica.



Trevo de nossa cidade, Palmeira d'Oeste.

Os sonhos de felicidade duraram pouco, meu pai então com um carro em suas mãos foi viver a vida que sempre quis, contam que vivia na zona do meretrício, fazia inúmeras viagens levando aquelas mulheres para diversos lugares, o automóvel vivia cheio de latinhas de cerveja e o dinheiro foi ficando cada vez mais escasso em nossa casa.

Ainda frequentávamos circos, onde ele adorava se aparecer, como político popular que era, fazia amizade com os artistas e durante os espetáculos no momento do show musical, subia ao palco, (era convidado ou se oferecia, não sei dizer), e cantava juntamente com o grupo que se apresentava, ele cantava muito bem, tinha uma voz e um timbre incomparáveis, sendo sempre muito aplaudido. Ele adorava aquilo tudo e ficava cada vez mais popular diante do povo. Também íamos às quermesses, principalmente nas zonas rurais, de onde vinha seu maior eleitorado, era ele que sempre gritava os leilões, sua voz alta ecoava por todos os espaços do evento. Depois reunia vários “companheiros” e cantavam sertanejo raiz pelo resto da noite, bebiam, cantavam e se divertiam. Já eu, minha mãe

Os Segredos Que Eu Guardei

sempre com Cristina dormindo no colo alí ficávamos sentados à mesa por horas, observando ao longe, calados, submissos, as pessoas pegarem fichas no bolso da camisa dele enquanto para nós nenhum refrigerante chegava, nenhum frango, nada. Passávamos vontade e sede ali esquecidos, percebíamos as pessoas olhando curiosas, cochichando. Esse constrangimento que passávamos já se tornava constante em todos os lugares que íamos, eu tinha vontade de chorar ao ver o rosto de tristeza de minha mãe alí abandonada, eu sabia que como eu, ela tinha desejo que as coisas fossem diferentes. Entre as minhas maiores “lombrigas” estava a de comer um frango assado, daqueles que vinham enrolados em plástico colorido (papel selofane), frangos esses que ele leilava mas que nunca chegavam até nós. A família para ele estava em segundo plano, em primeiro estava sua projeção política e atender aos interesses do povo.



Zulmiro Biscassi cantando durante uma quermesse.

Ainda em 1974, na casa nova tenho algumas recordações que carreguei comigo:

- Uma queda que tive de uma árvore no quintal, depois de assistir a um espetáculo de circo, quis fazer malabares, me enrolei em um pano, acho que uma roupa velha de minha mãe e me soltei do alto. O tombo foi certo e os óculos quebrados;
- Em um pneu que eu brincava no quintal que ficara alí esquecido por dias após uma chuva, quando minha mãe foi fazer uma limpeza no lugar encontrou dentro uma cascavel. Em outra ocasião ao chegarmos em casa, tínhamos um gatinho branco, ele estava na sala brincando com uma cobra cega. Tínhamos no fundo de casa um monte enorme de lenha que meu pai comprara e que chegou em um caminhão, ele dizia que era para economizar gás de cozinha, eu acredito que era dali que vinham as cobras. Esse foi outro trauma em minha vida, passei a ter pânico de ir a lugares onde possam viver este tipo de bicho, a cada dia me isolava mais, tinha medo de tudo, assombração, fogo, água, cobra, foi uma infância movida pelo medo constante, mas não dizia nada, guardava segredo;
- Passou pela cidade alguns fotógrafos, fazendo fotos de crianças em suas casas, meu pai que sempre gostou muito de retratos fez um álbum meu e da Cristina, que temos guardados até hoje;
- Cristina se encantou certa vez com o colorido de uma brasa na fogueira e eu permiti que ela pegasse na mão, provocando queimaduras;
- Na cerca do fundo de casa havia uma plantação de São Caetano, que adorávamos comer as frutinhas;
- Sabendo de minha paixão pelo presépio de igreja, nona Maria me deu no natal de 1974 as primeiras peças para que eu tivesse meu próprio presépio, eram José, Maria, Jesus, um pastor, um burrinho, a vaquinha, um anjinho, e alguns carneirinhos;
- Minha mãe aprendeu a fazer colares de missangas, fazia flores com as pedrinhas coloridas entrelaçando os fios de linha indiana. Cristina vivia enfeitada com estes adornos a partir de então;
- Foi nessa casa que iniciei meus estudos na escola no ano de 1974, o tempo parecia voar, e eu crescia cada vez mais envolto à medos e incertezas, algo parecia gritar dentro de mim, eu era uma criança angustiada com medo do futuro, mas nunca colocava nada para fora, guardava comigo, somente comigo os meus segredos.

1974 - “A ESCOLA”

Em 1974, então com sete anos, fui matriculado na escola para fazer a primeira série primária, naquela época muitas crianças faziam a pré-escola com seis anos de idade, mas como eu já sabia ler, e o material do “prezinho” era muito caro, meus pais decidiram que eu não o faria.

Para o primeiro dia de aula, foi meu pai quem me levou, eu estudaria no período da tarde, ao chegar no local achei o prédio grandioso, me lembrava um castelo dos contos de fadas, eu já o conhecia por fora quando passava na rua, mas em seu interior era a primeira vez que eu adentrava.

No pátio, um senhor chamado Benatti com um microfone na mão chamava as crianças pelo nome, a professora ficava de pé, de frente para onde deveríamos no dirigir para que se organizasse duas filas, uma de meninos e outra com as meninas, e ali permanecíamos até que todas as turmas fossem formadas para depois uma a uma as professoras conduzissem as crianças para as salas de aula. Era tudo muito organizado, mas, eu olhava para os lados e não conhecia ninguém daquelas crianças, porém estava ansioso para estudar.

Minha professora se chamava Aparecida Scrocchio do Prado, e soube logo pelo meu pai que o marido dela o Senhor Adalgiso Luiz do Prado, era o gerente das Casas Pernambucanas, onde diversas vezes compramos tecidos para fazer roupas. Fomos conduzidos para a sala 02, no térreo, eu gostei muito dela, falava baixo, era simpática, amável, uma mulher muito educada e elegante, porém fiquei na sala dela somente duas semanas, em uma fase chamado “Período Pré-operatório”, onde foi testada a coordenação motora de todas as crianças, onde fazíamos exercícios de serra-serra, ondinha vai e ondinha vem, entre outros.

“Dona Cida”, como queríamos que a chamássemos, se surpreendeu comigo, pois mesmo sem fazer a Pré-escola eu me destacava entre os demais, e foi quando então ela descobriu que eu já sabia ler e escrever chamou a diretora “Dona Maria Antonieta” para que eu fosse trocado de sala, foi então que levei um bilhete para casa dizendo que na semana seguinte eu iria para a turma das crianças que já haviam feito o “prezinho”, (onde nenhum aluno sabia ler ainda como eu).

Foi assim que me transferiram para a “classe forte” como diziam, onde a professora era a senhora “Dona Lucídia”, uma senhora muito boazinha, pequenina e usava um perfume delicioso chamado “Contouré”, era carinhosa com as crianças, zelosa, nos aconselhava e instruía ao mesmo tempo, ela era esposa do vereador Antônio Gildo Lopes, amigo de meu pai. Não sei se a troca foi boa, nessa classe as crianças eram todas ricas, muito bem-vestidas e tinham lancheiras, e eu ali no meio, o mais pobre entre eles. Se gabavam com suas caixas de lápis de cor de 24 cores, como era lindo ver de longe o efeito daqueles lápis dispostos de “degradê”. Eu passei a sonhar que meus pais comprariam para mim assim que eu pedisse.

Minha decepção veio junto com a lista que entregaram para que os familiares providenciassem o material necessário, lá estava descrito lápis de cor, mas não mencionava o tamanho da caixa e eu sabia que com as condições financeiras pela qual passávamos, se não fosse obrigatório eu não ganharia uma caixa igual aquelas que meus colegas tinham. Ao receber a lista minha mãe me disse que na tarde seguinte iria ao comércio fazer a compra, ela usaria o valor que juntara com as costuras que acabara de entregar e receber, eu sabia que o dinheiro em casa estava cada vez mais escasso e ela usava esses valores até para completar os gastos com alimentação.

Pedi a ela então que assim que retornasse com as compras, que entrasse pelo portão dos fundos da escola, que ficava sempre aberto e voltado para a frente a Oficina Montoro, expliquei que se fosse à quinta janela da primeira sala do térreo era a direção da minha carteira, e que por ali me entregasse a caixa de lápis de cor, porém, não lhe disse com que tipo de caixa eu sonhava. Foi assim, que no período de aulas do dia seguinte passei a tarde toda olhando disfarçadamente pela vidraça, rumo ao portão na esperança que ela adentrasse, mas, depois de algumas broncas que levei da professora por estar de pé, chegou o sinal das 17 h, era o momento de retornamos para nossas casas, fiz o percurso na maior frustração, eu já sabia em meu coração que seria uma caixa igual à da minha prima Odete, com doze lápis grandes, sem os tons de verde água e outros que eu tanto queria.

Mas a frustração foi ainda maior quando cheguei em casa e após dar-lhe o abraço de todo dia pedi onde estava o material, ao que ela me disse que estava tudo sobre minha cama. Corri, e para minha surpresa, em meios aos cadernos, cola, estojo de madeira e

Os Segredos Que Eu Guardei

apontador, avistei uma caixinha de lápis de cor com seis unidades, eram lápis pequenos, foi o que o dinheiro dela deu para comprar. Eu não disse nada, nunca dizia, somente guardei dentro de mim. A caixa com 12 lápis grandes só veio no ano seguinte quando juntei todo o dinheiro que ganhei de tios, outros parentes e os nonos quando pedi no dia primeiro de janeiro, por ocasião da passagem de ano, o “Bom princípio de ano novo” e recebíamos moedas e balas. Quanto a caixa de lápis de cor com vinte e quatro cores, essa eu nunca tive.

Mas sabe que nem me fez falta, eu fiz amizade com algumas crianças de bom coração que me emprestavam seus lápis, entre eles estavam Ângela Castelani, Meire Ressute, Antônio Carlos Moralle Guerra, João Maione, Silvia Donegá, Neisi Rosiani, Paulo Afonso da Silva Nunes, Elenice, Cecília e Abílio, o filho da Diretora. É claro que eu dizia que tinha uma caixa de lápis idêntica à deles, mas que minha mãe não deixava que eu levasse para a escola, ouvi isso de uma menina chamada Edimeire e usei a frase para mim, não sei dizer se acreditavam, mas me ofereciam os seus sem que eu pedisse.

Abílio se tornou um grande amiguinho e frequentávamos a casa um do outro nos finais de semana para brincar. A primeira série passou muito rápido, “Dona Lucília” fazia desenhos lindos na lousa, contava histórias, entre elas a da família das vogais que ela fazia em forma de pessoas, também levava uma vitrolinha com discos onde ouvíamos as histórias dos Três porquinhos, Branca de Neve, Cinderela, A festa no Céu, entre outras. Era tudo muito lúdico e as crianças aprendiam de uma maneira diferente, eu adorava tudo aquilo, mas pouca coisa era novidade, eu não tinha dificuldades pois já havia aprendido a ler e escrever em casa com minha mãe. Nossa “cartilha” era a Caminho Suave, criada pela educadora Branca Alves de Lima que associava imagens a letras, ideal para alfabetização das crianças de maneira simples e inteligente. Guardo a minha até os dias de hoje...

Na semana do “Dia das Crianças” a professora organizou um teatrinho “O casamento de Dona Baratinha”, eu participei fazendo o personagem “cabritinho”, um dos pretendentes recusados pela personagem principal, interpretado por Silvia Donegá, que ao final se casava com D. Ratão, vivido por Tony Guerra.

Cantamos a seguinte musiquinha:

*“Quem quer se casar com a Dona Baratinha,
Que é bonitinha e está doidinha para casar-se.
E que tem fita no cabelo e dinheiro na caixinha,
E gosta muito de dançar o cha, cha, cha.”*



Minha querida professora da primeira série primária, dona Lucília Lopes.



1974- Encenação da peça infantil “O casamento de dona Baratinha”. de pé a diretora Maria Antonieta e a garota Silvia Donegá, sentada ao fundo a professora Eunice Pataro Freddi, os garotos na fila, o primeiro Euvécio Valdomiro Bazzo, o segundo Edivaldo Biscassi e o terceiro João Maione.

Os Segredos Que Eu Guardei

Ao final da encenação, o noivo guloso, D. Ratão, morria afogado ao cair em um tacho de feijoada durante a festa de casamento, porém, a professora mudou este desfecho, criando um outro personagem, uma fada que com seus poderes fazia voltar o tempo. Entrava em cena, então, a coleguinha Regina Morita, representando uma fada, usando um vestido verde de tule que pertencera à professora e que foi o grande suspense pois ninguém vira a vestimenta antes e estavam todos muito curiosos, por fim o vestido fez mais sucesso que a própria encenação.

Depois de encerrada a peça teatral todos os alunos da sala subiram ao palco para cantar e seguinte cantiga.

A Barata Diz Que Tem

<i>A Barata diz que tem</i>	<i>É mentira da barata</i>	<i>É mentira da barata</i>
<i>Sete saias de filó</i>	<i>Ela tem é casca dura</i>	<i>Ela tem é de capim</i>
<i>É mentira da barata</i>	<i>Há, há, há, hó,</i>	<i>Há, há, há, hó,</i>
<i>Ela tem é uma só</i>	<i>hó, hó</i>	<i>hó, hó</i>
<i>Há, há, há, hó,</i>	<i>Ela tem é casca dura</i>	<i>Ela tem é de capim</i>
<i>hó, hó</i>	<i>Há, há, há, hó,</i>	<i>Há, há, há, hó,</i>
<i>Ela tem é uma só</i>	<i>hó, hó</i>	<i>hó, hó</i>
<i>Há, há, há, hó,</i>	<i>Ela tem é casca dura</i>	<i>Ela tem é de capim</i>
<i>hó, hó</i>	<i>A Barata diz que tem</i>	<i>A Barata diz que tem...</i>
<i>Ela tem é uma só</i>		
<i>A Barata diz que tem</i>		
<i>Um anel de formatura</i>	<i>Uma cama de marfim</i>	

Foi “Dona Lucília” que notou que eu não enxergava muito bem, chamou meu pai à escola e pediu que me levasse a um oftalmologista, e assim foi feito, em Jales o Dr. José Favaron detectou que eu tinha visão monocular, e que não via nada pelo olho direito, a partir de então passei a usar óculos pois o outro olho também apresentava problemas.

Tem uma passagem interessante neste ano escolar, aconteceu próximo às provas finais, em uma tarde, ao sair da escola estava uma chuva torrencial, e eu fui embora como sempre, a pé, eram três quadras de escola até nossa casa, naquele dia a professora não deixou que levássemos as bolsas para casa para não correr o risco de molhar o material. Cai numa enxurrada, levantei e prossegui, cheguei em casa “ensopado”, minha mãe ficou brava dizendo que eu deveria ter esperado meu pai me buscar como era o combinado caso acontecesse algo desse tipo, mas ele não estava no portão da escola, eu procurei, ele fizera uma viagem de táxi, soubemos à noite quando voltou bem tarde. A preocupação era que eu me resfriasse, pois quando criança passara bronquite e pneumonia e quase morri.

No dia seguinte, a chuva que dera uma trégua durante a noite, voltara com força total ao amanhecer, eu precisava ir à escola haveria avaliação, mas minha mãe não deixou, foi então que percebendo minha preocupação, ela me aplicou em folhas de caderno várias contas com as quatro operações matemáticas, também fizemos um ditado com palavras e exercícios de separação de sílabas, eu resolvi tudo sozinho, ela corrigiu pois sabia exatamente o que eu estudava pois acompanhava minhas tarefas diariamente.

Sem chuva, fui à escola no dia seguinte levando um bilhete escrito por ela para a professora explicando o ocorrido e pedindo desculpas pela minha ausência. Ao chegar na escola descobri que faltaram tantas crianças que a prova não foi aplicada no dia anterior, mas as atividades que entreguei estavam tão bem-feitas que fui dispensado de fazer a avaliação. E minha mãe recebeu um bilhete de resposta com os agradecimentos de “Dona Lucília” elogiando sua iniciativa e principalmente sua letra, onde dizia que escrevia tão bem como se fosse uma professora. Naquele dia eu vi minha mãe muito orgulhosa, era tão raro ela receber elogios e eu fiquei mais orgulhoso ainda de ter uma mãe como ela.

1975 – “VENTOS DE MUDANÇAS”

O ano começou com pequenas tensões dentro de casa, meu pai sempre agitado e nervoso, eu sabia que a situação não estava boa, mas algo maior estava por acontecer, notei várias vezes ele sussurrando com minha mãe que parecia também muito preocupada.

Na verdade, eram dois os problemas, ouvi minha mãe contando para nona Maria, no sítio em um domingo que estivemos lá a passeio, que meu pai tinha se desentendido com o prefeito a quem ele apoiara, havia algumas promessas de campanha feita a moradores de bairros rurais que agora após ser eleito meu pai precisava de apoio do executivo para resolvê-las e como nem tudo poderia ser feito às pressas, meu pai se encontrava em uma situação difícil perante as cobranças de seu eleitorado. Com as divergências entre eles, meu pai explosivo como era, se dizia prejudicado, falava em mudar-se da cidade, e os dois romperam a amizade.

Outro problema de dimensão ainda maior foi com a nossa casa nova, construída no terreno da Chácara do nono Gelindo, com a promessa de que os irmãos de meu pai assinariam o desmembramento no momento de lavrar a escritura renunciando àquele pedaço de terra e que ficaria registrado que no futuro esta parte seria descontada de seus direitos por ocasião da partilha da herança. Nossa casa só foi construída mediante este acordo apalavrado, porém, assim que nos mudamos, alguns cunhados de meu pai e alguns irmãos começaram a pressionar o nono Gelindo contestando o patriarca que sem saída expôs a situação para meu pai, que poderia pagar pelo terreno, proposta essa que não tínhamos condição, ou que vendesse a casa que passaria ao patrimônio da família e que saíssemos do local, só assim os ânimos seriam acalmados.

Enquanto essas situações não se resolviam iniciei meu ano letivo, agora na segunda série primária, com aquela primeira professora, “Dona Aparecida Scrocchio”, a turminha era praticamente a mesma e continuamos na classe forte, e foi nessa época que recebemos um novo amiguinho chamado César, que havia chegado à cidade. Todos o acolhemos muito bem, mas com o tempo ele se mostrou uma criança com perfil invejoso e maldoso, mesmo assim minha

mãe insistia para que eu o convidasse para brincar em casa e ele sempre comparecia na hora marcada e não demonstrava vontade de ir embora, acho que porque minha mãe fazia lanches para nós, eram simples, Ki-suco e bolacha, que eu detestava, mas ele adorava, acho que ele ficava por ali horas, não pelo lanche, mas pela presença materna e carinhosa e pela atenção que minha mãe lhe dava.

Certa tarde ao chegar em casa, minha mãe me colocou sentado em uma cadeira e me disse que mudaríamos de casa e cidade e que eu trocaria de escola. Não me fiz de surpreso, eu já sabia de tudo depois que escutara a conversa dela com nona Maria. Iríamos para a cidade de Jales, e então começamos a arrumar a mudança.

Na última semana de aula, as coisas não foram tão boas para mim, depois de tirar uma nota dez na composição de Língua Pátria, onde escrevi sobre uma garota gulosa que comia todos os alimentos que encontrava pela frente, (busquei inspiração em Magali da turma da Mônica e Bolota, outro personagem das histórias em quadrinhos). Foi a melhor nota da sala, mas que me trouxe um grande problema. Sabendo da mudança, minha mãe decidiu presentear minhas duas professoras, e como sabia fazer flores artesanais de diversos modelos, com plástico, que prendada como sempre foi, aprendera rapidinho com algumas vizinhas (era um hábito na época esse tipo de passatempo), as pétalas eram cortadas, costuradas uma a uma, depois presas a um caule que se comprava pronto em qualquer bazar da cidade. Em casa tínhamos um arranjo com dalias em tom alaranjado. Rapidamente dois arranjos com rosas foram confeccionados para que eu levasse para minhas queridas mestras da primeira e segunda série.

Ao chegar à escola carregando aquelas flores nas mãos, decidi subir as escadas e guardá-las na sala de aula (sala sete) no piso superior, com a intenção de voltar ao pátio e aguardar o sinal para formar a fila como de costume. Eu caminhava lentamente pelos degraus quando meu amiguinho César veio de encontro já quase no final da escadaria, parou em frente impedindo que eu continuasse adiante e foi logo dizendo:

- Olha, para nós, eu e você, de que adianta ter tirado dez na composição, você nunca será como eu. Olha a casa que moramos, é diferente? Não é? Olha para mim. Eu estou de sapato de couro “colegial” (era a marca de calçados caros que só as crianças ricas

Os Segredos Que Eu Guardei

usavam) e você com essa “conga sete vidas” (alpargata de pobre). Veja, eu tenho uma bolsa de couro e você traz para a escola seu material nesse embornal de pano. Então, nada adianta ter tirado dez na composição, você nunca será como eu.

Ele podia escrever mal, mas sabia falar muito bem, e como sabia, aquelas palavras bateram forte em meu coração, um de meus melhores amiguinhos, que brincava em casa, me dizendo aquelas coisas horríveis. Eu sabia que era pobre, nunca tive vergonha disso, eu era feliz com as coisas que tinha, não me faltava nada, mas aquelas comparações vindas de uma pessoa que eu gostava muito, me marcaram por muito tempo em minha vida.

Mas eu não lhe disse nada, eu nunca dizia, desviei-me dele e segui para a sala de aula, não desci, pois o sinal soou logo em seguida, então aguardei a professora “Dona Cida Scrocchio” chegar para lhe entregar o arranjo e depois pedi licença para que me deixasse ir até a sala ao lado levar as flores de “Dona Lucídia”, minha professora da primeira série, e com seu consentimento me dirigi ao encontro dela.

Lembro-me que as duas choraram muito ao receberem o “mimo”, “Dona Lu” veio comigo até a sala em que eu estudava e as duas me abraçaram juntas e me disseram coisas lindas em frente aos alunos que permanecerem todos sentados olhando aquela cena. Esse fato quebrou um pouco as palavras duras que César me dissera, pelo menos por algum tempo, mas o pior estava para acontecer na hora do recreio.

Naquela época na escola não servia merenda, as crianças levavam lanche de casa, eu sempre me retirava, sentava-me longe para comer “escondido”, geralmente eu me dirigia para uma árvore que havia atrás do laboratório de ciências, ou as vezes no corredor entre o roseiral e o pátio da pré-escola, eram lugares que quase ninguém passava. Havia dois motivos para que eu me isolasse, o primeiro era para proteger meu alimento, pois havia alguns alunos da quarta série que roubavam o lanche dos menores e as vezes até batiam. O outro fator era que eu tinha vergonha do meu lanche, geralmente pão com manteiga que derretia no calor, e da sacolinha de pano com babadinhos e alcinhas que minha mãe costurava com retalhos e que servia para embalar o lanche. Eu tinha várias dessas, ela fazia

com amor, mas aquilo não era coisa de menino, porém nunca lhe disse nada.

Quando eu descia para o intervalo, ao retirar a bolsinha do embornal eu sempre procurava disfarçar os babadinhos enrolando-os para trás e apertando o lanche na mão de modo que parecesse um guardanapo, eu até conseguia. Mas, naquele dia, depois de percorrer todos os espaços César me encontrou no roseiral, veio acompanhado de uma amiguinha nossa de nome Edimara; não sei qual era a intenção deles, mas desprevenido eu estava com a sacolinha pendurada no braço e comendo meu pãozinho, isso bastou para que ele imediatamente gritasse a todos para que viessem ver o tipo de “lancheira” que eu trazia para a escola.

Muitas crianças se juntaram, até algumas que eu nem conhecia, elas riam, e me apontavam. Eu saí do local deixando meu pão caído no chão e corri chorando para o pátio, mas eles vieram atrás e mais crianças de juntaram na gritaria. Fiquei acuado, próximo à porta de vidro que dava acesso à escadaria, cercado por muitos que aos poucos foram saindo ao ouvir o sinal. Me dirigi para a fila ainda em lágrimas e assim subi para a sala de aula.

“Dona Cida” me questionou, mas eu não conseguia falar, então ela passou a indagar os alunos e o Vagner Pedrobom, um amiguinho meu, contou tudo o que tinha ouvido a ela, mas ele não presenciou o fato. Depois foi o Nilson Kazuo Fudo, outro amiguinho que assistiu parte do ocorrido de longe e declarou o que vira à professora. Ela ficou tomada de muita emoção, chorou o tempo todo em meio ao discurso que fez para as crianças, chamando-lhes a atenção e dizendo que eu não merecia aquilo, e que eu estava de partida, era meu último dia de aula naquela escola, lembrou que eu sempre fui amigo de todos e que não era justo eu levar aquela recordação dos que ali ficariam.

Encerrou suas palavras dizendo que um a um, os que me fizeram mal no recreio deveriam se levantar e me abraçarem com pedido de desculpas, e assim, foi feito... Alguns me deram abraços sinceros, outros por obrigação, como o de César, que foi frio e distante.

Mais calmo, cheguei ao final da tarde, este foi meu último dia de aula na escola, e ao chegar em casa não contei nada para minha mãe e passamos a arrumar os últimos detalhes para a mudança que ocorreria no dia seguinte. Eu sabia que meu pai estava encurralado, sem saída, vendera a casa para o nono Gelindo e partimos para

Os Segredos Que Eu Guardei

Jales numa atitude desesperada, abandonando, grande parte de nossos sonhos.



Minha querida professora da segunda série primária, dona Aparecida Scrocchio do Prado, de quem me tornei grande amigo na década de 1990, quando ela já estava viúva.

Alguns fatos intrigantes quero deixar relatados nessa parte de meu livro:

- A casa que construímos e fomos obrigados a vender, na verdade nos foi tirada, foi oferecida para uma tia, irmã de meu pai, para que morasse com sua família, e ali viveram por mais de 30 anos, sem que nenhum irmão ou cunhado contestasse como fizeram conosco. O nono Gelindo não mediou para que meu pai ficasse no imóvel, isso sempre me fez pensar que meu pai era preterido por meu avô em relação aos outros irmãos;
- Ainda reencontrei César ao retornar à Palmeira d'Oeste, estudamos juntos na terceira série, eu o perdoei. Depois, ele se mudou da cidade com a família e perdemos contato, soube anos depois que ao completar a maioridade ele sofreu um acidente e ficou paraplégico.

A moradia em Jales era uma pequena construção antiga, porém o quintal era grande, localizava-se na rua Iguaporé, no Bairro São Judas Tadeu, na quadra seguinte à direita ficava a igreja e na quadra à esquerda ficava a escola, tudo era perto de casa, porém, o bairro era afastado de centro da cidade, as ruas eram de terra, não havia calçadas e asfaltos naquela localidade. Fizemos amizade com a

vizinhança rapidamente e muitas crianças logo passaram a frequentar nossa casa para brincar.

De frente à igreja havia duas “vendinhas” onde comprávamos tudo que necessitávamos, mas o dinheiro era pouco, meu pai transferira seu ponto de táxi para Jales onde a concorrência era muito maior.

Minha mãe divulgou que era costureira e logo apareceram muitas pessoas interessadas em seus trabalhos, porém, ela cobrava muito barato. Moramos em Jales de março a junho e foi nesse último mês que ela obteve uma maior renda com suas costuras, por ocasião da quermesse paroquial organizada pela igreja, muitas moças a procuraram para que confeccionasse vestidos longos para a “quadrilha”. Nós fomos ao evento e as roupas mais bonitas eram as que foram produzidas por ela.

A escola em nada se parecia com a que eu estudara anteriormente em Palmeira d’Oeste, era uma construção térrea, poucas salas e minha professora chamava-se “Dona Maurita”, que me recebeu muito bem. Eu estava em uma escola nova e tentei esquecer tudo o que passei nos últimos dias.

As crianças no pátio me pareciam mais felizes que as de Palmeira d’Oeste, mais unidas, todas me pareciam da mesma classe social, era um bairro pobre, e isso me confortava, as amizades me pareciam mais próximas e verdadeiras.

As meninas faziam uma grande roda no pátio e todos os dias brincavam, cantavam e dançavam fazendo gestos de uma melodia infantil que era mais ou menos assim:

*Quando eu era
nenem,
Nenem ,nenem
Eu era assim
Eu era assim*

*Quando eu era
mocinha
Mocinha,
mocinha
Eu era assim
Eu era assim*

*Quando eu era
velhinha,
Velhinha,
velhinha
Eu era assim
Eu era assim*

*Quando eu era
criança,
Criança, criança
Eu era assim
Eu era assim*

*Quando eu era
mulher
Mulher, mulher
Eu era assim
Eu era assim*

Fonte Wikipédia.

Os Segredos Que Eu Guardei

A canção prosseguia passando por várias idades até chegar à velhice, durante o percurso gesticulavam o “ninar de uma bebê” e uma senhora com bengala, era tudo muito divertido e todos os meninos ficavam no pátio sentados assistindo até a hora do sinal para entrarmos na sala de aula.

A primeira criança com quem fiz amizade foi um garoto loirinho de nome Clóvis que foi meu melhor amigo durante o pouco tempo em que residimos em Jales. Estudávamos no período da manhã e às tardes ele vinha até nossa casa, ele também gostava muito de leitura, assim como eu, e juntos passávamos horas entretidos em meio aos livrinhos e gibis.

Também fui à casa dele algumas vezes, não era tão perto, mas era só seguir a rua reta, minha mãe permitia que eu fosse lá brincar. Clóvis era ainda mais pobre do que eu, não tinha brinquedos nem revistas em quadrinhos, brincávamos de subir em árvores, na terra e outras coisas desse tipo. Em sua casa não havia televisão, ele era órfão de pai e mãe, morava com os avós, mas nunca lhe perguntei sua história, e como ele nunca tocou no assunto, pouco sei de sua vida. Eu gostava do seu jeito de ser, como se comportava e sua humildade, talvez tenham sido esses os fatores que fizeram com que nos tornássemos tão amigos, o fato dele ser tão pobre e não ostentar como os garotos de Palmeira. Sempre tive muita vontade de voltar a procurar Clovis na vida adulta, mas me faltou coragem, tive medo de vê-lo em uma situação difícil, receei encontrá-lo malsucedido na vida.

Nessa época minha irmã Cristina tinha quatro anos, era uma menina linda, tinha os cabelos cacheados em tom de dourado. Ela tinha um triciclo já usado (não sei quando ganhou), era velho, mas funcionava muito bem. Lembro-me que minha mãe costurava lindas peças para ela, nessa época ela tinha uma roupinha azul celeste, um conjuntinho de saia e blusa que ela vestia e percorria o quintal o dia todo com sua bicicletinha, e foi numa tarde dessas, após dar banho nela e vesti-la, que minha mãe foi cuidar do jantar e nos deixou na sala vendo na televisão a novela da Rede Tupi, O velho, o menino e o burro, quando entretive-me e Cristina, esperta como era, saiu de fininho escapou de casa, abriu o portão e saiu pela rua.

Quando minha mãe veio até a sala e percebeu sua falta correu para o quintal e vendo o portão aberto entrou em desespero e saiu gritando pela rua, e eu vendo aquilo tudo e sabendo que era o responsável fui com ela.

Em um curto espaço de tempo a vizinhança se mobilizou e saíram em sua procura, tínhamos muito medo de sequestro de crianças devido aos noticiários que divulgavam desde 1973 os sequestros do Menino Carlinhos e da garota Araceli.

*O Caso **Carlinhos** refere-se ao sequestro do menino **Carlos Ramires da Costa** desaparecido no Rio de Janeiro em 1973, o caso, repleto de hipóteses, suspeitos e informações controversas, gerou grande repercussão nacional. Carlinhos, uma criança de dez anos, era um dos sete filhos da dona de casa Maria da Conceição Ramires da Costa e do industrial João Mello da Costa, proprietário da indústria farmacêutica Unilabor. O menino foi sequestrado em sua residência, invadida por um criminoso que deixou um bilhete, no qual marcou data e local de pagamento do resgate. Com a publicação do bilhete pelo jornal O Globo e grande repercussão subsequente, os sequestradores não compareceram ao local combinado, e Carlinhos jamais foi encontrado.*

*O Caso **Araceli** refere-se à morte da menina brasileira **Araceli Cabrera Sánchez Crespo** de oito anos de idade, assassinada em 1973. Araceli era a segunda filha do eletricitista espanhol Gabriel Crespo e da boliviana radicada no Brasil Lola Sánchez. Nascida na capital paulista, chegou a morar com os pais e o irmão mais velho na cidade de Cubatão, no mesmo estado. Como Araceli, ainda bebê, sofria com a poluição da cidade, a família decidiu mudar-se para o estado do Espírito Santo. Viviam numa casa modesta, no bairro de Fátima, na cidade de Serra, vizinha a Vitória.*

Em 18 de maio de 1973, a ausência de Araceli foi notada pelo pai quando a menina não voltou para casa depois da escola, Pensando se tratar de um sequestro, distribuiu fotografias da filha aos jornais locais. Seis dias depois um corpo foi encontrado em um matagal na Praia do Suá. estava em avançado estado de decomposição, desfigurado por ácido e com marcas de violência e abuso sexual. Fonte Wikipédia.

Os Segredos Que Eu Guardei

Logo em seguida Cristina foi avistada saindo de uma das “vendinhas”, voltando para casa com as maõzinhas repletas de chicletes. Já em casa, sentou-se no sofá com suas compras como se tivesse feito a coisa mais natural do mundo e começou a desembulhá-los para retirar os anéis com pedras grandes, coloridas e muito bonitas, de plástico, que vinhas presas às embalagens. Minha mãe passou então a questioná-la onde havia conseguido aquilo, ao que ela respondeu que havia comprado fiado.

Fomos os três até a venda e segundo o dono do comércio, ela chegou e disse:

- Quero um cruzeiro de chiclete e marca na conta de meu pai.

Como havíamos levado algumas moedas, pagamos a pequena dívida, e depois, em casa, rimos muito de sua esperteza diante do ocorrido, porém, minha mãe advertiu que nunca mais fizesse isso e que jamais saísse para fora do portão sem permissão.

No mês de abril fomos conhecer a tradicional FACIP, uma grande festa realizada em Jales por ocasião do aniversário da cidade, o parque era imenso com variedade de brinquedos diferentes dos que eu já conhecia quando os parques de diversões se instalavam em Palmeira d'Oeste. Eu adorei tudo aquilo, mas, brincamos pouco, tivemos que escolher dois brinquedos cada um, eu fui no carrossel, que era sempre o meu preferido e depois fui na charretinha para acompanhar a Cristina. Os carrinhos de tromba-tromba nunca me chamaram a atenção. De tudo o que mais eu gostei foi a Roda Gigante, mas tive medo, so olhei de longe.

Apesar das dificuldades que passávamos, foi um período feliz de nossas vidas, fiz muitas amizades com as crianças na rua, entre elas uma garota chamanda Selma, cujo pai trabalhava com o trator de coleta de lixo, ele vasculhava o veículo a procura de jornais, depois dava a ela que ia até minha casa para recortarmos figuras e histórias em quadrinhos, e aos finais de semana, as imagens da “Turma da Mônica” que vinham no exemplar para crianças. Outras amigas

foram as gêmeas evangélicas Edna e Edneia que moravam em frente à nossa casa e eram da mesma sala que eu na escola, elas tinham uma irmazinha chamada Marlene, que eu reencontrei quando fiz o magistério nos anos de 1986 e 1987 e se tornou uma grande amiga.

Durante o período que moramos em Jales meu pai vinha a Palmeira d'Oeste duas segundas-feiras por mês para participar das seções na Câmara Municipal onde ele era vereador, por fim, foi pressionado que pra continuar exercendo sua função no poder legislativo teria que ter residência fixa na cidade, deste modo, no mês de julho, durante as férias escolares nos mudamos de volta para nossa antiga cidade.

Lembro-me que fomos até a escola buscar meu material antes de partirmos, foi o inspetor Juscelino que abriu os armários para que eu encontrasse o que me pertencia, eram várias brochuras encapadas de papel vermelho que eu usava desde o início do ano, e um caderno novo que iniciei naquela escola, encapado de papel marrom com uma estampa da “Sagrada Família”, que eu ganhara antes de me mudar de Palmeira d'Oeste do amigo Elvécio Bazzo, com a seguinte frase no verso: “Menino Jesus vestido de azul celeste, na prova de hoje seja meu mestre”, as letras já não havia mais porque eu colara a imagem na capa, mas, voltando para casa, caminhando pela rua eu vinha pensando:

Como seria meu retorno àquela escola? Como seria recebido?

Não se passara tanto tempo assim, e agora eu teria que enfrentar toda aquela situação novamente. Na verdade tive medo, mas eu me lembrava também dos amigos verdadeiros que reencontraria, achei que isso já valeria a pena.

1975 – “O FRIO”

De volta à Palmeira d’Oeste, meu pai alugou uma casa próxima à pracinha e uns oitenta metros das casas de nossos parentes, era uma construção velha, horrível, goteirava por todos os cantos quando chovia, os quartos não tinham portas, e havia uma tela de arame na frente, a única coisa que valia a pena era o enorme quintal repleto de pés de laranja. A cada mudança decaíamos de moradia e a pobreza aumentava.

De frente de nossa casa morava a família Galbiatti, o Sr. Tuta e “Dona Judite”, com os filhos Francisco, Paulo e Dalva, ao lado direito o gerente do Banco Itaú, o Sr, Leonidas Rúbio com sua família, entre eles a garota Silvia que se tornou uma grande amiga por grande parte de nossas vidas, ao lado esquerdo o Policial Martins, sua esposa Anisia e as crianças Marcio e Marcelo que se tornaram grandes amiguinhos. E ao fundo residia os Sr Vergilio e sua esposa “Dona Irene” seguidores do espiritismo Kardecista. Foi a partir de então eu que sempre fora tão católico passaria a entender um pouco sobre uma nova religião até então desconhecida por mim. Com o tempo, quando nossa amizade se firmou, “Dona Irene” nos explicava os princípios do Kardecismo e eu ficava muito atento tentando entender tudo o que ela nos relatava que era mais ou menos assim:

- *uma religião sem culto e sem sacerdotes;*
- *uma religião que tem como o amor e a caridade como ideal maior;*
- *Allan Kardec foi o criador dessa religião;*
- *comunicabilidade dos Espíritos;*
- *constante evolução espiritual do ser humano, através das reencarnações.*

Fonte Wikipédia.

Confesso que eu ficava meio confuso, pois nasci e cresci dentro dos princípios da igreja católica, jamais imaginei que houvesse outro tipo de religião, é claro que eu sabia das “igrejas de crentes”, como eram chamadas os templos evangélicos naquela época, eu até tinha um amigo de escola, o Abner Naline cujo pai era pastor da

“Assembleia de Deus”, mas, pelo que conversávamos nossas igrejas eram parecidas, as poucas diferenças estavam nas denominações, padre e pastor, culto e missa. Porém agora eu aprendi com “Dona Irene” que havia reencarnação, que o espírito voltava em um novo corpo para desfazer o que havia feito de errado em outra vida. Confesso que fiquei muito confuso e passava a pensar muito no assunto.

No dia 16 de julho de 1975, acordamos durante a madrugada com um frio intenso que entrava pelas frestas das janelas de madeira e pelo telhado. Foi uma mudança rápida de temperatura que trouxe um ar muito gelado e que chegou de repente, ainda deitado ouvi meu pai dizer do quarto dele que estava geando.

Eu nunca havia ouvido aquela palavra. Minha mãe se levantou tremendo de frio, fez com que eu e Cristina colocássemos muitas roupas (calças e blusas) e depois nos cobriu com o que tinha: lençóis, tolas de banho e colcha de retalhos, nos protegendo para que nos aquecêssemos naquele momento tão inesperado.

Em seguida ela apanhou meias e pediu a meu pai que colocasse nos pés, ouvi os dois se agasalhando para se aquecer também com as poucas cobertas que tínhamos à disposição na casa. Não estávamos preparados para aquele frio tão intenso, até o gato da Cristina (o Raimundo) quase congelou na madrugada.

Na manhã seguinte meu pai saiu cedo de casa, quando eu e Cristina nos levantamos minha mãe nos aguardava com xícaras de chá de chocolate bem quente e em cima do fogão havia um canecão com leite fervido. Muito bem agasalhados e com toucas, ela nos levou ao quintal onde apanhou uma de suas rosas ainda presas ao caule e começou a quebrar as pétalas petrificadas uma a uma, para nos mostrar que as plantações haviam virado gelo. Depois fomos até a horta que ela cultivava no fundo do quintal e da mesma maneira que fizera com as flores, passou a quebrar as folhas de alface, agora vitrificadas tentando nos mostrar os efeitos da geada.

Um balde que passara a noite na área dos fundos e que estava com água pela metade, ao amanhecer tinha o líquido agora de forma sólida, virara gelo. Soube também que em muitas casas as pessoas passaram o dia próximas aos fogões à lenha para se aquecerem.

Os Segredos Que Eu Guardei

Naquela tarde ela fez doce de leite que congelou ao ser colocado no prato de “ferro ágata” usando uma faca ela tentou desgrudar a guloseima e acabou se ferindo na palma da mão, o chão da cozinha ficou coalhado de sangue. Resistiu a ir ao médico e passou dias com um pedaço de pano amarrado usando pomada e folhas para que o ferimento se cicatrizasse, ficando com uma marca pelo resto da vida.

As poucas pessoas que encontramos naquele dia estavam com os lábios rachados pelo frio intenso, naquela época nem havia produtos em farmácias para este tipo de ferimento, as pessoas passavam óleo de cozinha para que a cicatrização fosse mais rápida.

*A geada é um fenômeno muito conhecido pelo produtor rural, causando grande preocupação devido aos prejuízos econômicos que provoca na lavoura. Definida como o **congelamento dos tecidos vegetais que provoca a morte das plantas ou suas partes** (folhas, ramos, frutos, caule), em função da baixa temperatura do ar, que atinge 0°C, havendo ou não a formação de gelo sobre os tecidos.*

***Geada de advecção ou de vento frio:** são provocados por ventos fortes e constantes, com temperaturas muito baixas durante muitas horas seguidas. O ar frio irá ressecar a folhagem e causar a sua morte. A advecção de ar frio resulta da entrada de massas de ar frio, provenientes da região polar. Fonte Wikipédia*

Como estávamos em férias escolares não tivemos problemas, caso contrário não havia condições das crianças irem à escola, e assim, as muitas trágicas e tristes notícias chegavam a cada instante. Meu pai disse que os cafeicultores teriam que cortar os pés de café pelo tronco, seria um prejuízo enorme causando desespero em minha mãe que pensou em seu pai, irmãos e demais parentes. O que antes era só um pressentimento se efetivou, eles tiveram que podar todas as suas plantações.

Lembro-me de ouvir dizer que muitas pessoas perderam tudo, falavam de um cafeicultor que havia se enforcado e de um outro em São Francisco que se suicidara com um tiro na cabeça. As aves morreram quase todas, galinhas, patos e outros na zona rural.

Nas ruas da cidade era possível ver pássaros congelados espalhados pelo chão. Os cafezais que a noite antes estavam floridos agora estavam todos queimados, aquele foi um ano que entrou para a história de Palmeira d'Oeste e região como o ano do vento frio, forte e uivante que deixou à margem da pobreza centenas de pessoas.



1976 - Os cafezais floridos e depois cortados pelo tronco após a geada (Aparecida d'Oeste).

Os Segredos Que Eu Guardei

De volta à escola, fui matriculado na mesma turma da professora Cida Scrocchio, com os mesmos coleguinhas que na minha despedida haviam me feito chorar de tristeza, mas como as crianças esquecem facilmente as coisas, logo já estávamos todos brincando juntos novamente. A professora ficou muito feliz com meu retorno e fazia sempre questão de reafirmar isso, e logo já voltei a me destacar nas notas para sua alegria.

Naquela época o governo militar fazia campanhas para as comemorações do 7 de setembro, data da Independência do Brasil. Hoje eu sei que eram propagandas ufanistas, mas na época eu participava dessas competições.

O ufanismo é um conceito que deriva do termo "ufano", que significa sentir-se orgulhoso, vaidoso ou enaltecer excessivamente algo, que exalta de forma exagerada as virtudes e valores de uma nação, cultura ou povo, muitas vezes associado a sentimentos de patriotismo exacerbado. É uma forma de expressão que busca ressaltar as qualidades positivas de uma pátria ou identidade nacional, destacando aspectos como cultura, história, conquistas e contribuições. O adjetivo ufano provém da língua espanhola e significa a vanglória de um grupo auto enaltecendo fatos e feitos. Fonte Wikipédia.

Os alunos recebiam uma folha padronizada para que desenhassem algum logotipo em verde e amarelo com os seguintes temas:

- *Brasil, Ame-o ou deixe-o;*
- *Este é um país que vai para a frente;*
- *Eu te amo meu país;*
- *Ninguém segura este país.*

Participei vários anos, e foi na segunda série que meu desenho foi escolhido como o melhor da turma. Fui homenageado no palco juntamente com os vencedores de outras classes e ganhei de presente um jogo educativo com dois carrinhos de corrida, um dado para indicar as casas que os carrinhos deveriam avançar no tabuleiro e nesse sentido instrua os jogadores sobre os sinais de trânsito (guardo comigo até hoje). No ano seguinte ganhei novamente, e o presente foi outro jogo, desta vez de futebol de

botão, que eu particularmente detestei, não gostava e não gosto deste esporte, mas minha casa se encheu de crianças, vinham quase todos da turma, em tardes alternadas para brincar com meu prêmio, jogaram tanto a ponto de destruí-lo, eu não me importei.

Naquela época o patriotismo exagerado estava muito presente, toda semana havia cultos à bandeira na escola onde cantávamos o Hino Nacional, cada semana ficava a cargo de uma sala, lembro-me de uma vez que rezamos pela saúde do presidente para que ele pudesse cuidar do país.

Certa vez meu pai fez uma viagem de taxi para outra cidade, o cliente não teve condições de pagar por toda a corrida e deu-lhe como acerto uma bicicleta de segunda mão, era uma Monareta. Quando retornou para casa deu-me de presente, eu fiquei muito feliz, era muito bonita, estava conservada e era diferente, eu não conhecia aquele modelo, já havia visto na cidade e em Jales várias da marca Monark, mas com aquele designe nunca. Agora era só aprender a pedalar.

Foi meu vizinho e amigo Paulinho Galbiatti, que morava na casa da frente que me fez uma proposta, ele parecia mais feliz do que eu com aquele presente, ele me disse que seguraria a bicicleta para que eu montado mantivesse o equilíbrio e desse uma volta pelo quintal, depois, eu esperaria ele dar uma volta sozinho pelo mesmo trajeto, e assim sucessivamente. E desta maneira, que eu, em uma semana, já sabia pedalar sozinho, estava familiarizado com a “bike” e percorria não só o quintal, mas também as ruas da cidade.

Alegria dura pouco, quase todas as vezes que saía pelas ruas encontrava um garoto moreno, sempre sujo e descalço que corria atrás de mim, segurava a bicicleta e me obrigava a descer, sempre ameaçando me bater, depois subia e dava várias voltas no quarteirão dizendo que eu não saísse do lugar que ele voltaria. Essa cena se repetia várias vezes e ele me advertia que se eu contasse para seu pai eu apanharia na rua quando nos encontrássemos novamente, então eu não contava, guardava segredo, mas passava por essa humilhação constantemente. Na época não soube quem ele era, nem sei se estudava, nunca o vi na escola. Vinte anos depois reencontrei-o no Posto de Saúde, aguardava para ser atendido,

Os Segredos Que Eu Guardei

soube então que vivia acamado por mais de uma década com uma doença degenerativa, lembro exatamente o dia que sua morte foi anunciada na rua pelo serviço de auto-falante.

No dia 25 de outubro estávamos todos na sala vendo televisão quando uma manchete do jornal durante um comercial anunciou a seguinte matéria:

O diretor de jornalismo da TV Cultura, Vladimir Herzog, é encontrado morto, cometera suicídio nas dependências do DÓI-CODI, em São Paulo.

Na época não sabíamos quem era, mas no dia seguinte uma pessoa nos disse que era um terrorista daqueles que eram procurados pelos cartazes às vezes expostos na cidade. Eu então novamente me recordei das fotos com enunciados de “PROCURADOS” que há muito tempo eu não via. Isso significava que ainda havia perigo para as crianças? Como eu tinha dúvidas que ninguém sabia me responder!

O ano estava terminando, estávamos cada vez mais empobrecidos, mas o carinho e o amor de minha mãe faziam com que esquecêssemos tudo e suportássemos os momentos difíceis, assim, a vida seguia seu curso, mas o próximo ano nos traria muitas surpresas.

1976
Residência
da família
de
Edivaldo
Biscassi na
Rua
Marechal
H. A.
Castelo
Branco



1976 - “A NOIVA”

Nas ruas, na vizinhança, na escola, nos encontros com os parentes não se falava em outro assunto a não ser sobre a novela “A viagem” exibida pela Rede Tupi de televisão, pela primeira vez era mostrado aos telespectadores de um Brasil praticamente católico, uma trama espiritualista. Para introduzir o espiritismo à história de A Viagem, Ivani Ribeiro baseou-se nos livros “E a Vida Continua...” (1968) e “Nosso Lar” (1944), psicografados pelo médium Chico Xavier do espírito André Luiz, que retratavam a doutrina.

O Brasil parou para assistir o espírito de Alexandre planejar uma vingança contra os que lhe viraram as costas quando ele precisou na terra. Seus principais alvos foram o irmão Raul, o cunhado Téo e o advogado César Jordão. “Dona Guiomar”, a sogra de Raul, influenciada pelo espírito de Alexandre, transforma o casamento do genro e da filha em um inferno, até conseguir separá-los. O filho de César, Júnior, deixa de lado os estudos e torna-se um delinquente, tal qual Alexandre fora um dia. E Téo passa a sofrer de surtos que o deixam violento, principalmente depois que se separa de Diná e se envolve com Lisa, a antiga namorada de Alexandre. Fonte Wikipédia

A cada dia o tema reencarnação me interessava mais, porém, percorria um caminho inverso contra toda a minha formação católica. Quando não entendíamos alguma passagem da novela recorriamos à vizinha “Dona Irene” que nos explicava os fatos de acordo com seus conhecimentos sobre a espiritualidade. A grande frustração veio no dia do último capítulo, um sábado, dia 26 de março de 1976, noite em que faltou energia em toda a cidade e ninguém conseguiu assistir o desfecho da trama que tanto mexeu por meses com o nosso imaginário.

Os Segredos Que Eu Guardei

Ainda em março minha mãe me matriculou para fazer a catequese, as reuniões eram sempre aos domingos de manhã na escola onde eu estudava durante a semana, agora já com o nome de “E.E. Orestes Ferreira de Toledo”, eram duas turmas, a minha sob a responsabilidade da professora Adenir Gusson e a outra ministrada pela professora Inês Besson. Eu gostava muito de frequentar as aulas aos domingos pois cresci envolto à religião e às coisas ligadas à igreja e a Deus. Guardo até hoje o livro usado nos encontros dominicais de formação, está sem capa, porém inteiro, e em uma das lições encontra-se a seguinte pergunta:

-Qual foi a coisa mais importante que Deus colocou em sua vida?

E a minha resposta é a seguinte: “A coisa mais importante que Deus colocou em minha vida é minha irmãzinha Cristina, que eu amo de todo meu coração”.

Também na catequese passei por uma situação constrangedora, semelhante à da sacolinha de lanche, aconteceu que certa vez, quando estávamos no cinema, eu, minha mãe e a nona Maria, para assistirmos um filme do Mazaropi, nos sentamos no mezanino (pisos superiores) foi muito legal, a nona se divertiu muito, eu nunca vi ela rir tanto como naquela noite, porém, antes que as luzes se apagassem e o filme se iniciasse, minha mãe observou lá do alto dois garotos gêmeos chegando ao cinema usando duas camisas de mangas compridas, idênticas na cor rosa, com babadinhos nos punhos e próximos aos botões (tipo roupa que franceses usavam em séculos passados), imediatamente mostrou à minha avó que aprovou e dias depois eu já tinha uma peça confeccionada para meu uso próprio.

É claro que eu não gostei da ideia, mas não disse nada, eu nunca dizia, usei a vestimenta pela primeira vez em um casamento de uma parenta, penso hoje que os garotos de quem copiamos o modelo também devem ter usados tais roupas para serem pajens em alguma cerimônia desse tipo, porém, não era um traje para usar no dia a dia.

E foi durante um domingo de aula de catequese que minha mãe separou a tal camisa para que eu vestisse, ela sempre decidia o que eu usaria, e obedecendo como sempre, me vesti e fui, e ao chegar diante do portão onde estavam todas as crianças (que) aguardavam a chegada da professora, foi que começou a zombaria ao me

avistarem cheio de babadinhos. Voltei para casa chorando para trocar de roupa, era perto, uma quadra e meia, contei o ocorrido, me vesti novamente e voltei à escola. As mangas da camisa foram cortadas e os babadinhos retirados pois em tempo de crise não se podia desperdiçar roupas, confesso que essa passagem e toda aquela zombaria que fizeram comigo me incomodaram por muitos anos, hoje já não me importo mais.

*Branca e
radiante vai a
noiva
Logo a seguir do
noivo amado
Quando se
unirem os
corações
Vão destruir
ilusões*

*Aos pés do altar
está chorando
Todos dirão que
é de alegria
Dentro, sua alma
está gritando
Ave Maria!
Ave Maria!
Ave Maria!
Ave Maria!*

*Aos pés do altar
está chorando
Todos dirão que
é de alegria
Dentro, sua alma
está gritando
Ave Maria!
Chorará também
ao dizer o sim
E, ao beijar a
cruz, pedirá
perdão
E eu sei que
esquecer não
poderia
Se era outro
(esse) o amor a
quem queria*

***A Noiva Agnaldo
Timóteo**
Composição:
Joaquim Prieto /
Fred Jorge.*

Os Segredos Que Eu Guardei

À medida que a voz de Nair Biscassi, minha prima ecoava por toda a igreja, acompanhada pela Banda “Pappilon”, a noiva Ana Maria Alvarez (Nica), filha do ex-prefeito Baptista Alvarez Campos, adentrava à igreja, foi um casamento muito aguardado. Centenas de convites foram espalhados pela cidade e região, carros percorreram cada rua de Palmeira d’Oeste, paravam nas esquinas e as pessoas batiam palmas nas casas, perguntavam o nome dos moradores e preenchiam os convites dizendo que o Sr. Baptista era quem estava convidando para o matrimônio.

Os moradores da zona rural foram convidados pelo serviço de alto-falante da cidade e pelos anúncios nas rádios de Jales. No grande dia estavam todos presentes, os grandes “figurões” da política, muitos deputados, comerciantes, sitiantes que se juntavam às pessoas do povo, muitos dos presentes não conseguiram adentrar à igreja, tiveram que esperar do lado de fora a saída dos noivos “Nica” e Francisco” para saudá-los com aplausos e chuva de arroz.

A festa foi em um sítio distante no Bairro do Jaguará de propriedade da família Sanches, pai do noivo, chegaram tantos automóveis que praticamente não couberam nas estradas, lembro-me de homens retirando cercas abrindo passagens para que os veículos fossem colocados nos pastos das propriedades vizinhas para que todos pudessem se conduzir à recepção. Saímos do local com o dia já clareando, depois de muita bebida, churrasco (abateram 15 vacas) e muita música ao som de violeiros e sanfoneiros que alegraram os convidados durante a madrugada.

Minha mãe vestiu um conjunto marrom de calça e blusa que ela mesma costurara, estava linda mesmo com tecido barato era uma das mais elegantes na ocasião. Meu pai trouxera para ela de uma viagem um colar de madeira, estilo hippie, eu queria muito que ela usasse, mas ela não gostou da ideia, dizendo que não combinava, que não era coisa de senhora.

Foi o evento do ano, que mobilizou a atenção da cidade e proporcionou a projeção do Sr. Baptista para sua candidatura à prefeitura nas eleições que se aproximavam, meu pai, um de seus maiores amigos e apoiadores estava ali presente e junto a ele.

Na escola a professora da terceira série foi “Dona Amagali Bressanim”, que anos mais à frente se tornaria minha inspiração para que eu viesse a ser professor de história, ela era uma mulher muito séria e inteligente, era assim que a víamos, eu a adorava e devo muito a ela, pois foi por seu intermédio que consegui em 1993 (já licenciado em História) a abertura de minha primeira portaria para que pudesse substituir e lecionar na Escola Disney Antonio Monzani, onde sua amiga Maria Lúcia Servello era a diretora.

Em muito ela se parecia com minha mãe, a letra, a postura, até no jeito de ficar brava chamando a atenção com carinho e ensinamentos. Foi um ano bom, aprendi muitas coisas novas, algumas até bem difíceis. Nós crianças estávamos crescendo e eu fui me isolando cada vez mais, passei a escolher com quem brincava e reduzi os convites para que os colegas fossem até minha casa, passei a me dedicar cada vez mais à leitura de pequenos livros e ficava horas em frente a televisão.

Naquele ano na escola tive bons e maus momentos, participei de um desfile de 7 de setembro juntamente com a classe toda, onde uniformizados tínhamos uma fita verde e amarela presa à altura do coração e levávamos nas mãos uma bandeirinha do Brasil, feita de papel e presa a um cabinho de madeira. Também participei de uma “Gincana Cultural na semana do Dia das Crianças, onde cada classe apresentou uma dança típica, e a nossa turma ficou com Portugal, minha parceira na apresentação foi uma garota chamada Orozina, minha mãe que confeccionou a minha roupa e a dela.

Na semana das comemorações pela Independência do Brasil também fui com meu pai, com seu táxi, levar algumas professoras para uma escolinha na zona rural onde haveria um culto à bandeira. Dentro do veículo falei para elas que sabia uma musiquinha que havia aprendido com minha mãe sobre a data, pediram que eu cantasse. Resultado, fui uma das atrações no evento.

Os Segredos Que Eu Guardei

7 de setembro.

*“Sete de Setembro,
Data tão festiva
Foi a Independência dessa terra tão querida.
É uma grande data
Para o meu Brasil*

*Que hoje está liberto cheio de encantos mil.
Viva
Viva
Viva a Independência do Brasil!”.*



1976- Edivaldo Biscassi.
Dança portuguesa.
E.E. Orestes Ferreira de
Toledo.



Minha querida professora da
terceira série primária,
Amagali Bressanim e minha
mestra inspiradora para que eu
me tornasse professor de
história.

Dois fatos desagradáveis aconteceram comigo próximo ao final do ano, como eu enxergava pouco e usava óculos eu pouco brincava na escola como faziam as outras crianças, havia uma regra estabelecida pela professora que ninguém poderia entrar suado na sala de aula, mas como isso não se aplicava ao meu comportamento, eu nunca prestei muita atenção, porém, houve um dia que os colegas insistiram tanto que corri, brinquei, suei, e por um curto espaço de tempo me senti igual a eles. O fato foi que ao chegarmos à sala de aula, a professora ficou muito brava por termos desobedecido os combinados, e aplicou-nos uma punição, deveríamos fazer todas as atividades do dia e ainda escrever no caderno cem vezes a frase: ***Não devo desobedecer à minha professora.***

Na verdade, não passei de setenta, e no final do dia ao entregarmos as folhas com as referidas frases, a professora rasgou e jogou no lixo e novamente nos deu outra bronca. Ninguém ficou com raiva, nós estávamos errados, havíamos desobedecido às regras, e nunca mais corremos no recreio e por amarmos nossa professora procuramos não mais errar.

No final do ano, a escola organizou uma quermesse e os alunos deveriam ajudar com as “prendas”, coube às terceiras séries a arrecadação de frangos para o evento, então recebemos um bilhete para que levássemos aos pais com a solicitação deste brinde. Eu sabia da situação que passávamos em casa e não entreguei o recado aos meus pais, guardei e no dia marcado para devolver com a assinatura da confirmação da doação eu entreguei sem assinatura e falei que meu pai dissera não poder doar naquele momento.

Eu menti, nunca havia feito aquilo na minha vida, mas eu sabia que não poderíamos fazer aquela doação e quando a inspetora ouviu minha justificativa comentou com a outra:

- Para a escola o pai não pode doar, mas para a “mulherada” dá tudo o que tem.

Ouvi aquilo calado, não disse nada em casa, eu nunca dizia, mas aquilo bateu forte, por diversas vezes eu já tinha escutado que meu pai se divertia com outras mulheres, eu não sabia o que faziam, mas imaginava que não era certo um homem casado ter outras mulheres. Eu ouvia, eu sabia e tinha a certeza de que minha mãe também e por isso eu a via cada dia mais triste, mais calada, e silenciosamente sofríamos juntos cada vez mais.

Os Segredos Que Eu Guardei

Meu pai era um político popular, fazia suas extravagâncias particulares, mas era amado pelo povo, suas atitudes sempre acabavam nos prejudicando dentro de casa, como as diversas vezes que pegou o dinheiro que minha mãe ganhava com costura para pagar o açougue ou o mercado, mas, o cúmulo de sua inconseqüência aconteceu no segundo semestre deste ano de 1976, quando ele hospedou em nossa casa por seis meses uma monitora que veio à cidade para aplicar o Projeto Rondon, era uma japonesa de nome Alice. Nossa moradia era minúscula, eu tive que ceder minha cama a ela e dormir no sofá enquanto minha mãe teve que lavar e passar suas roupas de graça. Foi por ocasião da chegada dessa hóspede que pela primeira vez meu pai comprou sabonetes e xampu.

O Projeto Rondon foi uma iniciativa interministerial de cunho político e estratégico do Governo Emílio Médici. Criado em 11 de julho de 1967, durante a ditadura militar, o Projeto Rondon tinha como lema "integrar para não entregar", expressando um ideário desenvolvimentista articulado à doutrina de segurança nacional. O projeto promovia atividades de extensão universitária levando estudantes voluntários às comunidades carentes e isoladas do interior do país, onde participavam de atividades de caráter notadamente assistencial, organizadas pelo governo. Segundo os críticos do projeto, a iniciativa também cumpria funções de cooptação do movimento estudantil. Fonte Wikipédia.

O ano terminava e estava na hora de receber a primeira comunhão, foi em 12 de outubro, e lá fomos nós, todos de branco, levávamos no pescoço um crucifixo de madeira que fora alugado pelas professoras, e durante a cerimônia entoamos os hinos que durante semanas havíamos ensaiado, hoje é possível encontrá-los todos na internet, mas na época usamos uma folha datilografada e xerocada que tivemos que devolver ao final da missa. Entre as canções que fizeram parte daquele momento estavam as seguintes:

Maria de Minha Infância - Padre Zezinho

*Eu era pequeno, nem me lembro
Só lembro que à noite, ao pé da cama
Juntava as mãozinhas e rezava, apressado
Mas rezava como alguém que ama*

*Nas Ave Marias que eu rezava
Eu sempre engolia umas palavras
E muito cansado, acabava dormindo
Mas dormia como quem amava*

*Ave Maria, Mãe de Jesus
O tempo passa, não volta mais
Tenho saudade daquele tempo
Que eu te chamava de minha mãe
Ave Maria, Mãe de Jesus
Ave Maria, Mãe de Jesus*

*Depois fui crescendo, eu me lembro
E fui esquecendo nossa amizade
Chegava lá em casa chateado e cansado
De rezar não tinha nem vontade*

*Andei duvidando, eu me lembro
Das coisas mais puras que me ensinaram
Perdi o costume da criança inocente
Minhas mãos quase não se ajuntavam
Ave Maria, Mãe de Jesus
O tempo passa, não volta mais
Tenho saudade daquele tempo
Que eu te chamava de minha mãe
Ave Maria, Mãe de Jesus
Ave Maria, Mãe de Jesus*

*O teu amor cresce com a gente
A mãe nunca esquece um filho ausente
Eu chego lá em casa chateado e cansado
Mas eu rezo como antigamente*

Os Segredos Que Eu Guardei

*Nas Ave Marias que hoje eu rezo
Esqueço as palavras e adormeço
E embora cansado, sem rezar como eu devo
Eu, de Ti, Maria, não me esqueço*

*Ave Maria, Mãe de Jesus
O tempo passa, não volta mais
Tenho saudade daquele tempo
Que eu te chamava de minha mãe
Ave Maria, Mãe de Jesus
Ave Maria, Mãe de Jesus
Ave Maria, Mãe de Jesus
Ave Maria, Mãe de Jesus*

Maria de Nazaré - Padre Zezinho

*Maria de Nazaré, Maria me cativou
Fez mais forte a minha fé
E por filho me adotou*

*Às vezes eu paro e fico a pensar
E sem perceber, me vejo a rezar
E meu coração se põe a cantar
Para a Virgem de Nazaré*

*Menina que Deus amou e escolheu
Para a mãe de Jesus, o Filho de Deus
Maria que o povo inteiro elegeu
Senhora e Mãe do Céu
Maria que eu quero bem, Maria do puro amor
Igual a você, ninguém
Mãe pura do meu Senhor*

*Em cada mulher que a terra criou
Um traço de Deus, Maria deixou
Um sonho de mãe, Maria plantou
Pro mundo encontrar a paz*

*Maria que fez o Cristo falar
Maria que fez Jesus caminhar
Maria que só viveu para seu Deus
Maria do povo meu
Fonte Wikipédia (as duas canções).*

Após receber a primeira comunhão passei a ir às missas regularmente e sozinho, sempre com a convicção que no futuro eu me tornaria um padre.



Edivaldo Biscassi recebendo a primeira comunhão.

Chegou o dia da eleição para prefeitos e vereadores, em novembro a população foi às urnas para eleger seus representantes dos Poderes Executivo e Legislativo. Diferente de 1972, não acompanhei as reuniões e os comícios, meu pai não nos levou a quase nenhum desses eventos e eu também não tive interesse em

Os Segredos Que Eu Guardei

participar. Venceu o Sr. Baptista Alvarez Campos e meu pai ganhou em primeiro lugar para vereador com um número de votos nunca visto até então.

Após saírem os resultados das urnas uma grande multidão se aglomerou em frente a pracinha próxima à moradia do prefeito eleito, o tempo todo chegavam pessoas com automóveis, charretes, carrinhos, cavalos, muitas vinham a pé e vários caminhões estacionaram para acomodar o povo para a grande carreata que percorreria a cidade. Desta vez não fomos ao Fórum acompanhar a apuração pois nossa casa serviu nesse dia de ponto de refeições para eleitores e cabos eleitorais, então havia muito serviço a ser feito.

Como morávamos muito perto da pracinha e da casa do Sr. Baptista (uma quadra), eu e minha mãe com Cristina no colo corremos para abraçar meu pai assim que recebemos a notícia. Foi difícil chegar até ele, mas conseguimos, foi um momento muito emocionante de nossas vidas.

Ele insistiu que entrássemos com ele na boleia de um caminhão para fazermos o trajeto das festividades, mas eu não quis, minha mãe pensou em desistir para ficar comigo e eu insisti com ela dizendo:

- Mãe, vai com o papai, esse é um momento feliz para nós todos, fica com ele. Eu vou ver a carreata sair daqui da pracinha, depois vou dar um abraço em nona Adelina no casarão do outro lado da rua e volto para casa.

Ela ainda hesitou, mas com minha insistência entrou no caminhão recomendando à minha prima Olinda Biscassi que estava ao meu lado que cuidasse de mim, e diante da afirmação dela acompanhou meu pai juntamente com minha irmã.

Em seguida Olinda subiu na carroceria de outro caminhão gritando para que eu a acompanhasse, eu tive medo de subir, e daquela gente toda com batuques, bandeiras, placas e até ossos de cabeça de vaca que levavam consigo para satirizar o candidato perdedor, que era apelidado de Zé da Vaca”.

Não fiz o que prometi, voltei para casa na esperança de encontrar nona Maria que ficara em casa pois viera do sítio para ajudar minha mãe na produção de alimentos para todas aquelas pessoas que naquele dia passaram por nossa residência, foi uma manhã de

muito trabalho. Mas para minha surpresa, ela encostara as portas da casa e foi acompanhar as festividades juntamente com meus tios, estavam todos muito felizes.

Então, sozinho, sentei-me em frente de casa na calçada de terra com uma placa que achara na rua com fotos dos Sr. Baptista e ali fiquei por muitas horas olhando os passantes. Podia ouvir ao longe as buzinas dos carros e os estouros dos rojões, pelas proximidades. Avistei algumas carcaças de cabeças de vaca, que outrora foram arrastadas, presas a cordas, pelas ruas por eleitores fanáticos, me senti em meio a um deserto, a cidade estava em festa, eu não.



Os senhores
Baptista Alvarez
Campos
(prefeito) e
Zulmiro
Biscassi
(presidente da
Câmara de
Vereadores) no
juramento de
posse, ocorrido
nas
dependências do
cinema.

Palmeira D'Oeste



Baptista Alvarez Campos



Angelo Helio Ponc Soler



Zulmiro Biscassi

Baptista Alvarez Campos

é o novo Prefeito de Palmeira D'Oeste, município com 16.000 habitantes, nasceu em José Bonifácio, no dia 30.7.1935, filho de Felix Alvarez Sorilha (falecido) e de dona Ana Campos Larios, sua profissão é comerciante. O novo chefe do executivo de Palmeira D'Oeste é casado com dona Leonor Urdiales Alvarez, seus filhos são, Felix, Ana, Vera Lucia, José Roberto, Maria Vertude e Zulcica. O sr. Baptista Alvarez Campos, já foi prefeito de Palmeira D'Oeste no período de 1969/1972, e a sua meta prioritária para este quadriênio é saneamento basico, saúde, educação e ligação asfáltica ligando o seu município a Jales. No município de Palmeira D'Oeste estavam inscritos 5.785, votaram 4.575, e o sr. Baptista Alvarez Campos, foi eleito com 3.310. Diferença 2.444 votos.

Angelo Helio Ponc Soler

vice prefeito de Palmeira D'Oeste, nasceu em Dracena, no dia 14.7.51 filho de Antonio Ponc Cervellera e de dona Ana Soler Ponc, sua profissão é comerciante. O novo vice prefeito de Palmeira D'Oeste e solteiro ex vereador e ex presidente da Câmara de seu município.

Zulmiro Biscassi

foi o vereador mais votado em Palmeira D'Oeste, com 355 votos, nasceu em Calandava, no dia 25.4.1942, filho de Gelinio Biscassi e Adeline Venturim, sua profissão é motorista autônomo. O vereador mais votado de Palmeira D'Oeste é casado com dona Neusa Bolognesi Biscassi, seus filhos são: Edvaldo Benedito e Izabel Cristina Reseita.



Baptista Alvarez Campos com mandato de 1977 a 1982.



Na sequência de fotos, aglomeração de pessoas em frente a casa do prefeito eleito e o Sr. Baptista comemorando junto com seus eleitores



1977 - “O FOGO”

Quando notei minha mãe encaixotando os objetos da cozinha logo percebi que vinha mais uma mudança, e eu estava certo. O proprietário de casa onde morávamos não quis renovar o contrato e estávamos de partida mais uma vez. Eu até me senti aliviado pois detestava varrer o quintal, amontoar as folhas e recolhê-las, pelo menos eu me livraria desse trabalho, pena que não me livraria do outro que eu odiava mais ainda que era moer café naquele moinho de ferro, velho e duro, acho que foi por isso que sempre preferi chás e leite.

A nova residência que meu pai alugara e para a qual nos mudamos era enorme e em muito me lembrava o casarão da família dele, ela tinha o maior quintal de todas as casas que já havíamos alugado, mas graças a Deus não havia árvores, apenas um solitário pé de abacate que não fazia muita sujeira. Fiquei com um pouco de medo pois a casa pertencia a uma senhora viúva cujo marido morrera assassinado devido a uma briga envolvendo traição e ali foi velado. Nossos móveis eram poucos para ocupar todos os quartos, as duas salas imensas e uma cozinha também de grande proporção, agora, teríamos uma garagem pela primeira vez na vida, era uma varanda em formato de “L” que acompanhava quase metade da construção da casa.

Nessa nova moradia passamos também dois anos, mas foram intensos e importantes em nossas vidas, a nossa situação financeira mostrava sinais de que melhoraria, meu pai deixaria o “táxi” para ocupar a função de Fiscal Geral da Prefeitura Municipal, então passaria a ter um salário fixo por mês. Não demorou para que ele, sempre muito preocupado com o bem-estar do povo passasse a receber elogios por onde íamos, falavam principalmente do bom estado em que se encontravam as estradas após ele assumir o novo cargo.

Em frente a nossa casa morava a família do senhor “João Belo”, e foi com sua filha Izaira Marim Velho de Souza que minha mãe aprendeu a fazer muitas coisas, desenvolvendo suas habilidades e trazendo mais dinheiro para dentro de casa. Na residência desta família havia uma fábrica de costura, onde “Dona Joana”, a matriarca, e as filhas trabalhavam incessantemente, e foi Izaira

quem cedeu para minha mãe os moldes necessários para ela ingressar na produção de lingerie, camisolas e outras peças íntimas confeccionadas com nylon. Não se importaram que minha mãe poderia fazer-lhes concorrência e de fato não o fez, ela costurou somente para primas e amigas da zona rural, confeccionando enxovais completos para as moças levarem para as vidas de casadas, e com isso ela ganhou muito dinheiro melhorando nossa renda mensal.

Ensinaram também para minha mãe a fazer desenhos (com os moldes) sobre o isopor e a cortá-los com agulha aquecida, desta maneira ela passou a produzir neste material, diversos personagens da literatura infantil, que depois de pintados decoravam as paredes de nossos quartos para nos alegrar, lembro-me que um dos meus preferidos era Pinóquio.

Com elas, minha mãe aprendeu também a pintar camisetas, lembro-me de uma, branca, que ela fez para mim com um macaco segurando diversos balões de gás, e cada balão era de uma cor diferente, também aprendeu a pintar guardanapos e decorar manilhas de barro fazendo cachos de uva com bolinhas de “gude”.

Enfim, com essas vizinhas minha mãe aprendeu diversas atividades diferentes e sempre inteligente e prendada colocou tudo em prática rapidamente, lembro-me de um vestido verde água que ela bordou as mangas, golas e bolsinhos para ir a um casamento de uma prima na zona rural, ficou muito lindo, e ela era também muito bonita e eu me orgulhava sempre disso, eu gostava de ver minha mãe arrumada e quando íamos a estas festas em casa de seus parentes ela parecia muito feliz, diferente de como se portava em casa.

Para um outro casamento que iríamos, meu pai nos levou para comprar tecidos para que ela confeccionasse as roupas, mas, ao comprarmos o material para as vestes da Cristina, minhas e dele, o dinheiro acabou, minha mãe sempre ficava por último, por opção própria. Voltamos para casa, ela produziu nossas vestimentas, depois, ela pegou seu vestido de noiva que estava há 12 anos guardado em uma caixa, e o transformou em um lindo modelo tubinho, desmanchou a grinalda, retirou todas as pérolas fazendo um lindo colar, mais uma vez minha mãe era a mais elegante da festa.

Os Segredos Que Eu Guardei

Certa manhã eu estava vendo televisão quando bateram palmas no portão e eu fui atender, era uma mulher com um garoto aparentemente da minha idade. Ela me perguntou se meu pai estava em casa e como eu disse que não, ela pediu então que eu chamasse minha mãe, o que fiz rapidamente.

Quando minha mãe chegou para atendê-la, a senhora foi breve em suas palavras, disse que aquele garoto era filho de meu pai, o senhor Zulmiro Biscassi, e que então era meu irmão. Aquela mulher não era moradora da cidade, trazia nas mãos algumas sacolas com roupas.

Minha mãe, disse-lhe que procurasse meu pai na prefeitura e lá se entendesse com ele, pediu licença, me pegou pelo braço e foi em direção da porta de entrada da casa, enquanto entrávamos ouvimos ainda a mulher dizer em tom rude que não sabia onde era a prefeitura, mas que se informaria e o encontraria de qualquer maneira.

De volta a seus afazeres e preparando o almoço observei ao longe minha mãe chorando muito, horas depois veio até mim que diante do ocorrido havia desligado a televisão e ali permanecido sentado no sofá da sala quieto, imóvel, sem dizer uma palavra. Ela sentou-se do meu lado, pegou em minha mão e disse-me:

- Nós não vamos falar para ele nada do que aconteceu, será nosso segredo. Vamos ver o que ele vai nos explicar quando chegar para o almoço.

Na verdade, ele não se atrasou como de costume, na hora certa chegou, estacionou a veraneio verde, seu carro de trabalho e entrou assoviando, não nos disse nada, agiu normal e nunca em toda a vida esse assunto foi conversado dentro de casa. Até hoje me questiono onde foi parar aquela mulher com seu filho? Por que nunca mais voltou? Ele realmente era meu irmão? Aquilo poderia ter sido uma armação de algum inimigo político? Para estas e outras perguntas, eu e minha mãe nunca tivemos respostas e guardamos esse segredo por toda a vida.

Matriculado na quarta série, meu professor foi o Sr. Antônio Gildo Lopes, um vereador, amigo do meu pai e marido da minha

professora da primeira série a “Dona Lucidia”. eu de fato não me identifiquei muito pelas aulas, preferia as professoras mulheres. Na verdade, é que estávamos crescendo e agora a escola já não era um lugar de tanta fantasia como nas séries anteriores, as coisas se tornaram mais práticas.



O Sr. Antônio Gildo Lopes, foi meu professor da minha quarta série.

Em um determinado momento do ano ele se afastou e foi substituído por outro professor, que inclusive era pai de um amigo meu. Nas sextas feiras ele passou a fazer pequenos teatrinhos com a turma. Como eu sonhava em participar! Mas ele nunca me chamou por mais que eu levantasse a mão, talvez porque imaginasse que eu, pela minha timidez não faria bem os personagens, talvez porque as crianças que se sentavam à frente, geralmente as mais ricas e desinibidas já se adiantavam e corriam junto a ele mesmos sem serem escolhidas.

Ele também organizava desfiles de moda, onde as crianças levavam suas roupas bonitas e depois desfilavam como se fossem adultos. Nesses também eu nunca participei porque não tinha roupas bonitas, só fui plateia.

São situações que eu nunca entendi, e foi pensando nisso, que quando me tornei professor, por todas as escolas que passei sempre trabalhei com dramatizações e sempre envolvi todos os alunos das

Os Segredos Que Eu Guardei

salas nas apresentações, mesmo que fosse em figuração. Como educador eu nunca quis cometer os erros que cometeram comigo.

Naquele ano de 1977, por ocasião da “Semana Santa”, minha mãe pediu ao padre Gilberto que a imagem de Nossa Senhora das Dores ficasse em nossa casa e não como era de costume no casarão da família Biscassi. Ele pensou um pouco e disse que sim, aquilo era um fato raro pois já havia a tradição na cidade que a moradia dos nonos Gelindo e Adelina era o local escolhido para vigília da santa durante aquele período.

Durante uma semana nossa casa se tornou um local de muita circulação de pessoas que entravam e saíam para a visitação. Eu passava horas de pé olhando para aquela imagem, tão linda, eu arrumava as flores do andor, rezava e conversava baixinho com a santa, eu sei que ela me ouvia e me entendia, entre os meus pedidos estava que ela nunca deixasse que minha mãe se separasse de mim um dia.

No dia da procissão uma grande multidão, como sempre acontecia, se aglomerou na rua em frente de casa, enquanto organizavam a saída do cortejo, eu que estava sempre atento a tudo, ouvi um dos meninos que era “coroinha” dizer ao padre Gilberto que o outro garoto havia faltado.

A procissão era organizada em duas filas, uma a cada lado da rua, deste modo uma fila ficaria sem condutor. Ao centro já estavam se posicionando as moças que representavam Ver nica, Maria Madalena, e os rapazes que faziam os apóstolos, entre outros personagens, enfim aquele espetáculo que me emocionava todos os anos. Eu estava vendo toda aquela movimentac o quando tive uma ideia, corri até minha mãe, ela sabia do meu desejo de ser coroinha, contei-lhe o que havia escutado e ela mais que depressa procurou o Custódio, o coroinha que havia falado com o padre anteriormente e que já estava trajado e segurava nas mãos uma sacola com a roupa que estava sobrando.

Ela pediu-lhe que deixasse eu me vestir com a roupa e ele preocupado com a procissão, concordou, mas advertiu-me que deveria olhar sempre para ele que me daria os sinais me orientando

nos momentos de parar e prosseguir. Concordei, fiz exatamente como ele pediu, fui em frente a uma das filas segurando o crucifixo, e a partir daquele dia me tornei coroinha, e assim foi por longos anos. Eu estava feliz, estava mais próximo de Deus e de realizar meu sonho de um dia me tornar padre.

Meu pai decidiu que no aniversário da Cristina de seis anos em 21 de agosto, daria uma grande festa, os tempos realmente eram outros, a situação financeira parecia melhorar, mas eu acredito que era mais uma manobra política. Nossa casa se encheu de pessoas, foi uma noite linda e divertida, mas, eram mais uma festa de adultos do que de crianças, minha prima Nair veio com muitos amigos que animaram o evento com música e violão.

Por falar em aniversários, eu sempre era convidado para muitas festas, porém, só ia em algumas, as mais perto de casa, nessas ocasiões, eu preferia ficar sentado, primeiro porque usava óculos e como estas festas eram geralmente à noite, eu tinha medo de cair de me machucar, também porque eu não gostava de ficar correndo pelos quintais como faziam as outras crianças e brincando de balança caixão, carteirinha tem carta, entre outras atividades.

Eu ficava ali ouvindo as conversas das velhas senhoras sobre plantas, doenças, galinha e marrecos, receitas e fofocas de comadres, sempre ansioso para que tudo chegasse logo ao fim. Depois dos parabéns, e do corte do bolo, eu pegava um pedaço e me dirigia para casa, não comia, levava para repartir com minha mãe e com Cristina, eu me sentia mal em comer se elas também não comessem, sempre fui assim, por toda a minha vida.

Aquele ano de 1977 ficou marcado na cidade por uma grande tragédia, um incêndio devastador que acabou com três prédios comerciais de nossa cidade, localizados na Rua Brasil. O fogo começou no Bazar São José, onde por diversas vezes estive com minha mãe, era onde ela comprava seus esmaltes, favoritos (Rosa rei, Apache, Saci e Mogno), linhas para bordados e nossos brinquedos. As chamas também atingiram um mercadinho e a

Os Segredos Que Eu Guardei

farmácia do Sr. “Chico”, onde havia a única balança para pessoas na cidade (era comum nos pesarmos nas balanças das máquinas de arroz e café).

O incêndio teve início entre a madrugada e o amanhecer, por volta das cinco e trinta, começando no bazar e se espalhando pelos demais estabelecimentos. A população se mobilizou para tentar ajudar os proprietários a salvarem alguma coisa e para evitar que as chamas se alastrassem causando um dano maior, porém tudo foi em vão.

As pessoas corriam pelas ruas levando baldes com água e esticando mangueiras de jardim, havia gritos de desespero e rapidamente a população de aglomerou nas proximidades sendo necessário que a polícia organizasse um cordão de isolamento para que ninguém se ferisse.

O calor era imenso, algumas pessoas passaram mal e tiveram que ser socorridas, por diversas vezes tinha-se a impressão de que as labaredas chegariam nos prédios do outro lado da rua e atingisse o Banco Itaú, (hoje loja da Magida) e a Lanchonete Skinão (hoje farmácia do Jurandir).

Naquela época “Dona Magida” e seu esposo o Sr. Miguel Goulart eram proprietários de uma sapataria localizada na sequência dos prédios atingidos pelo incêndio (mais ou menos onde hoje está “O Boticário”). Unindo os familiares, amigos e conhecidos organizaram uma fila indiana, debaixo de um calor infernal para retirar o estoque da loja, uma vez que as chamas estavam se alastrando cada vez mais e havia a possibilidade de o fogo atingir o local, e foi assim que passando as caixas de mão em mão, que conseguiram salvar os produtos levando tudo para o outro lado da rua, onde hoje fica a Lanchonete do Marcelinho.

O Corpo de Bombeiros vindo da cidade de Jales demorou a chegar, foi um dia de horror, eu assisti a tudo, estava um pouco distante, fiquei onde hoje é a lanchonete do professor Mário Junior. Meu pai não queria me levar, mas eu insisti e ele cedeu, depois, me deixou ali e foi ajudar a apagar o incêndio e retirar os produtos das lojas, voltando horas depois.

À tarde voltamos ao local, pudemos nos aproximar daquele cenário desolador e só então tive a dimensão do estrago, estava tudo derretido, as paredes caindo, uma tristeza. A população da cidade se

mobilizou para ajudar os comerciantes prejudicados, o dono do bazar se mudou da cidade, o dono do mercadinho não sei dizer, e o Sr. Chico conseguiu montar outra farmácia, onde hoje fica o prédio do Banco do Brasil, e ali se fixou por muitos anos.

Palmeira d'Oeste teve outros incêndios nos anos seguintes, como o do Hotel Rondon, o da loja de artigos de umbanda e o da casa de fogos de artifício, mas nada tão devastador como aquele ocorrido naquela triste manhã.

Morando nessa casa eu quase não saía para brincar na rua, poucas vezes recebia alguns colegas em casa, os livros que eu retirava na biblioteca da escola foram se tornando meus melhores amigos, também passava horas brincando com os “indiozinhos”, brinquedos de plástico que vinham nos doces e que eu colecionava ao longo dos anos, eu tinha muitos, eram índios, soldados, jogadores de futebol, tinha também muitos cavalinhos e outros personagens, porém, nas minhas histórias eram todos membros de uma corte palaciana, muitas vezes eu lhes fazia roupas e capas com retalhos que minha mãe me dava. Ali já se reforçava minha inclinação para a História.

Eu buscava na Serraria Montoro, que ficava a duas quadras de casa, pedaços de madeira em diferentes formatos e que eram descartados, depois, na varanda de casa construía castelos e fortalezas e assim passava horas criando histórias de lutas e intrigas em um reino imaginário.

Meu amigo Wilson gostava muito de vir em casa brincar comigo nesse mundo de imaginação, ele tinha um Kit do Forte Apache e muitas vezes nossos reinos entravam em conflito. Era raro, mas eu sempre encontrava um coleguinha com os mesmos gostos que eu, enquanto a maioria dos meninos queriam ir nadar nos açudes ou jogar bola eu ficava em casa metido em minhas leituras e fantasias.

Sem muito esforço escrevi uma peça teatral intitulada “O canto da sereia”, procurei encaixar todas as crianças da sala nesse roteiro, eu seria um pirata, levei até a escola e entreguei para o professor

Os Segredos Que Eu Guardei

substituto para que analisasse e fizesse a produção, sonhei com aquilo por semanas. Ele pegou as folhas e disse-me que estávamos atrasados com o conteúdo, guardou-as e nunca me deu uma resposta e nem devolveu os manuscritos.

Aquela peça seria a chance que eu tinha de participar de um teatro na escola, fiquei frustrado, essas situações faziam com que eu me isolasse cada dia mais, mas calado como sempre eu guardava para mim e nunca dizia nada em casa.

Às vezes meu pai nos trazia presentes, os últimos que ganhamos enquanto morávamos nessa casa, foram duas canetas, a minha era verde e a da Cristina azul, eram decoradas por presidiários, com fios trançados, eram lindas, mas infelizmente não as temos mais, A Cristina ganhou duas bonecas que foram laçadas em um parque de diversões quando se jogava as argolas em caixas de fósforo, se encaixasse levava os prêmios, lembro-me que uma se chamava Renata e a outra Patrícia, em homenagem às personagens da novela Locomotivas da Rede Globo de televisão. Com estes pequenos presentes ele tentava diminuir sua ausência em nossas vidas.

Nas proximidades do fim do ano, minha mãe decidiu que por termos bastante espaço na casa, montaríamos o nosso presépio de uma maneira bem diferente, foi então que ela abriu duas latas de vinte litros para servir de base, colocou terra e plantou grama e em alguns pontos, arroz. Colocou em um canto da segunda sala e cuidou regando constantemente. Assim, ela foi preparando o cenário até que em dezembro colocamos as peças que já tínhamos, depois com o dinheiro de costura que ela juntou, fomos ao comércio em uma tarde. percorremos os bazares e compramos muitas imagens novas, entre elas: samaritanas, o pescador, a lavadeira, soldados, entre outros.

Atendendo a um pedido nosso, meu pai havia trazido das estradas três pedras grandes que serviram para fazer a gruta e como estrela guia minha mãe usou um broche de metal dourado antigo que tinha

com pedrinhas brilhantes que depois alternávamos com outro mais brilhante e colorido semelhante a uma calda de pavão. Nosso presépio ficou lindo e bem diferente dos anos anteriores, muitas pessoas vieram visitar, era uma tradição, minha mãe fazia tudo isso porque sabia que eu ficava feliz.

E assim os dias iam se passando, eu estava crescendo, deixando de ser criança e meus conflitos interiores ficando cada vez mais evidentes, eu me sentia sufocado naquele mundinho, eu me alegrava com as pequenas coisas, mas tudo era passageiro, em poucos instantes já vinha o medo, a incerteza, a angústia e a solidão.

Missa com diversos políticos. Minha mãe do lado direito. Edivaldo vestido de branco do lado esquerdo.



Edivaldo e Zulmiro em desfile de rua com a frota da prefeitura.

1977 - “O COLECIONADOR”

Em meu mundo solitário eu tentava passar o tempo de todas as maneiras possíveis, lendo em casa ou na Biblioteca Municipal, vendo televisão, criando histórias com meus brinquedos de miniatura e colecionando figurinhas ou tampinhas de refrigerantes. Opções não faltavam.

Em 1976 a Editora Abril lançou o álbum "*Galeria Walt Disney*" formado por 256 figurinhas com os personagens Disney, que eram vendidos em bancas de jornal. Os "cromos", ricamente coloridos, eram tão vistosos que as "repetidas", também adornavam os livros e cadernos da criançada. Eles não eram autocolantes e sim fixados com cola (às vezes feita em casa). Eu guardo meu álbum até os dias de hoje, está sem a capa, porém conservado, Apesar de dizerem que ninguém ficava com o álbum incompleto, isso porque nós fazíamos trocas entre os amiguinhos, no meu faltam alguns cromos.

Em 1977 a Coca-Cola lançou uma promoção junto à Editora Abril e que se tornou um estrondoso sucesso. Todas as tampinhas dos refrigerantes Coca-Cola e Fanta, naquela época vinham com personagens Disney impressos para colecionar, naqueles tempos ainda não existiam refrigerantes em lata no Brasil, somente em garrafas. As cartelas com os personagens vinham como encarte nas revistas Tio Patinhas, Almanaque Disney, Mickey, Pato Donald e Zé Carioca. A coleção era formada por 72 tampinhas, cada uma com um personagem diferente. Nas escolas, todo mundo chegava mais cedo só para ter tempo de trocar cartelas e tampinhas com os amigos. Era um verdadeiro álbum de figurinhas. Esse eu já não tenho mais, com o tempo as tampinhas oxidaram.

Outra novidade para a garotada foi o lançamento dos livrinhos “Lendas brasileiras” que vinham anexos às caixas de sabão em pó. Eu não consegui toda a coleção, mas os que adquiri na época ainda trago comigo em minha biblioteca. Na verdade, eu não me desfiz de quase nada daquilo que me remete à minha infância.

Minha mãe fazia de tudo para que eu conseguisse as figurinhas que eram compradas na “Banca do Gerim” (hoje Oliveira Calçados), ela me dava semanalmente uma parte do dinheiro que ganhava com as costuras que entregava para as clientes. Quanto às tampinhas,

essas foram mais difíceis, não era hábito tomar refrigerante em casa, algumas adquirimos então quando passamos a consumir moderadamente o produto, outras minha mãe conseguia na rua, levantava-se bem cedo e circulava as sarjetas próximas aos bares da nossa localidade, assim ela conseguiu várias, outras ganhei de amiguinhos ou achei na rua, mas consegui completar a cartela.

Foi por conta dessas coleções que conheci Wilson César, um amigo que foi muito importante na minha vida. Certa vez eu estava no “Mercado do Minguito” onde fui comprar uma caixa de sabão em pó para adquirir o livrinho com a história do Saci Pererê, quando ele chegou para fazer o mesmo que eu, porém, ele queria o exemplar do Boitatá. Conversamos um pouco entre tantas embalagens que retirávamos das prateleiras quando ele me disse que em casa tinha dois livros do Saci, que eu comprasse outro personagem e que depois se eu o acompanhasse, ele me daria o que tinha duplicado. E assim fizemos.

Enquanto caminhávamos pela rua perguntei em que série e período ele estudava, e fiquei surpreso com a resposta que me deu, quando disse-me que não frequentava a escola, havia terminado a terceira série primária no ano anterior, mas que depois, por causa do serviço do pai estavam sempre mudando de cidade e que só em 1977 já haviam trocado de municípios por duas vezes, e que a mãe decidira então que neste ano ele não estudaria.

Perguntei qual a profissão de seu pai e ele me respondeu que trabalhava para o governo, que era funcionário público. Enfim chegamos à sua casa que por coincidência ficava na mesma rua que a minha, há quatro quadras de distância, ele morava ao lado da Igreja “Assembleia de Deus”. Eu lhe disse que achava estranho nunca o ter visto na cidade pois eu brincava algumas vezes com meu amigo Abner cujo pai era pastor naquele templo. Ele, já abrindo o portão e chamando pela mãe me disse que chegaram a Palmeira d’Oeste há dois meses e que quase não saía de casa.

A mãe me recebeu na varanda dos fundos com um pouco de curiosidade, acho que ele nunca havia trazido amigos para casa, depois questionou onde nos conhecemos e assim que lhe contamos toda a história ela nos serviu coxinha de mandioca recheada com frango que acabara de fritar. Sentou-se conosco à mesa de madeira e se fazendo de desinteressada me perguntou sobre minha vida,

Os Segredos Que Eu Guardei

queria saber tudo, desde onde eu morava, quem eram meus pais e em que trabalhavam, se tinha irmãos e a série que eu estudava.

De tudo o que lhe relatei enquanto comia as deliciosas coxinhas, o que ela mais se interessou foi quando lhe disse que meu pai era vereador, e ela mais que rapidamente quis saber por qual partido, se era ARENA ou MDB. Quando afirmei ser da ARENA, ela me disse que eu era muito inteligente para minha idade, depois se levantou, ligou o rádio e foi lavar a louça, foi quando Wilson me disse baixinho, que quando ela ligava o aparelho era porque estava nervosa. Fiquei me perguntando se a minha presença era o motivo de ter lhe causado algum desconforto, mas não disse nada, eu nunca dizia.

Ganhei o livrinho do meu novo amigo e ao me despedir dos dois perguntei o nome dela por educação, e ela respondeu prontamente que se chamava Jussara. Pedi a ela que deixasse o Wilson brincar em casa qualquer dia e a resposta que tive foi que quando o pai voltasse de viagem ela pediria autorização a ele e caso consentisse, Wilson iria ao meu encontro sem problemas. Fiquei esperando que ela me convidasse a voltar até sua casa, mas não o fez.

Os dias se passaram e em uma tarde bateram palmas em casa, fui abrir a porta, era Wilson com uma bicicleta e um bilhete de sua mãe pedindo que se meus pais deixassem, ela gostaria que eu fosse até sua casa para brincar com seu filho. Como em casa não havia proibições deste tipo, e mesmo minha mãe não estando para me dar autorização, eu fui e deixei o bilhete sobre a mesa para ela ler quando chegasse e não ficasse preocupada.

Brincamos na varanda dos fundos, não adentrei à casa, mas notei que as janelas permaneciam fechadas o tempo todo em pleno calor de abril, questionei meu amigo sobre isso e ele me respondeu que estavam acostumados daquela maneira pois vieram de São Paulo onde isto era um hábito por questões de segurança, me disse que de onde vinham havia muitos bandidos. Disse também que em Palmeira d'Oeste havia muita poeira pelo fato da rua que moravam não ser asfaltada e que a mãe reclamava muito.

Quando ele se referiu a São Paulo e sobre bandidos, eu lhe perguntei se já tinha ouvido falar dos terroristas, e ele me disse que nunca. Então contei a ele sobre o cartaz do Posto de Vacinação e sobre a morte dos jovens em nossa cidade ainda alertei sobre o fato

que estes roubavam crianças e levavam para longe de seus pais. Quando me dei conta, “Dona Jussara” estava em pé encostada no portal ouvindo tudo, depois, se aproximou de nós, se abaixou e me disse:

- Eu já te falei outro dia que você é muito inteligente para sua idade, há certas conversas que não devem ser ditas por crianças, deixe esses assuntos para que os adultos resolvam.

Eu fiquei vermelho de vergonha, abaixei a cabeça e não questione nada, mas eu vivi tudo aquilo, fazia parte das minhas lembranças, por que eu não poderia falar sobre o que sabia?

Fiquei com medo de que ela me proibisse de brincar com o Wilson, mas isso não aconteceu, nossas visitas um na casa do outro se tornaram constantes, e ele me contou que o pai que passara rapidamente pela cidade permitiu que ele fosse até minha casa. “Dona Jussara” não sabia, mas o Wilson era tão inteligente como eu, o fato é que ela pouco conversava com ele então não sabia quase nada sobre o filho, por exemplo, foi ele quem me contou como os pais e as mães faziam para gerar os bebês, e eu lhe relatei que o homem havia chegado à lua, que girino virava sapo, entre outras curiosidades. Mas de tudo o que conversávamos longe dela, o que a deixaria mais estarecida se soubesse, seria o fato que ele me disse, fazendo jurar segredo, que as vezes, por cidades por onde passaram ela trocava de nome, e que seu nome verdadeiro era Estela. Depois dessa informação tive que me policiar para não a chamar pelo seu verdadeiro nome quando a via, mas esse não foi o maior segredo que eu e o Wilson guardamos, tínhamos muitos outros.

Uma tarde eu estava em casa vendo televisão quando meu amigo me gritou da rua, parecia assustado e com pressa, ao abrir a porta deparei-me com ele como sempre na sua bicicleta, mas desta vez descalço, me chamando para que eu me apressasse, sua mãe havia saído de casa para fazer compras no comércio e ele precisava me mostrar algumas coisas que não poderiam ser vistas na presença dela. Subi na garupeira de sua “Monark” e fomos para sua casa. Lá chegando ele me conduziu até o quarto de seu país foi a primeira vez que adentrei ao imóvel, eu sempre era recebido na varanda os fundos, notei que havia poucos moveis quase nada de louça como se via em todas as casas, tinham somente o necessário, mas possuíam uma linha telefônica. Não eram pobres, as roupas e

Os Segredos Que Eu Guardei

calçados do Wilson e de sua mãe eram muito boas, também não havia fotos pelas paredes enfim possuíam apenas o básico, hoje consigo imaginar que essa situação se deve ao fato que estavam sempre de passagem.

Sem perder tempo, Wilson tirou do pequeno guarda-roupas uma valise, tipo aquelas que a gente via em filmes de detetives, me disse que seu pai não tinha conhecimento que ele tinha acesso àquele material, depois abriu-a e esparramou sobre a cama uma infinidade de recortes de jornais, fotografias e anotações, também muitos cartazes com imagens de terroristas procurados, eram vários e diferentes daquele que eu conhecia do Posto de Vacinação. Depois foi me explicando que quando lhe perguntei se ele já tinha ouvido falar sobre o assunto semanas antes, ele negou, porque já havia visto sua mãe em pé na porta nos observando.

Contou-me que da mesma maneira que eu e ele colecionávamos figurinhas, seu pai colecionava tudo o que podia sobre os terroristas, porém, ele não sabia me explicar essa sua fixação pelo assunto. Tivemos um bom tempo para analisar todo o material, eu não li o conteúdo, era muita coisa, mas me atentei às manchetes dos recortes de jornais e às fotos, eram sobre pessoas com nomes que não consegui decorar, mas hoje sei perfeitamente que se tratava das mortes de Carlos Marighella, Zuzu Angel, Frei Tito Paixão, Carlos Lamarca, Wladimir Herzog entre outros.

Carlos Marighella (1911 — 1969) foi um político, escritor e guerrilheiro comunista brasileiro. Um dos principais organizadores da luta armada contra a ditadura militar brasileira (1964–1985), Marighella chegou a ser considerado o inimigo "número um" do regime militar, foi cofundador da Ação Libertadora Nacional, organização de caráter revolucionário. Com o recrudescimento do regime militar, os órgãos de repressão concentraram esforços em sua captura. Na noite de 4 de novembro de 1969, Marighella foi surpreendido por uma emboscada na capital paulista, sendo morto a tiros por agentes do DOPS, em uma ação coordenada pelo delegado Sérgio Paranhos Fleury.

Zuleika de Souza Netto (1921 — 1976), foi uma estilista brasileira, ficou conhecida nacional e

internacionalmente não apenas por seu trabalho inovador, mas também por sua procura pelo filho, Stuart Angel, que na virada para os anos 70, então estudante de economia, passou a integrar as organizações de esquerda que combatiam a ditadura militar no Brasil, filiando-se ao MR-8, grupo guerrilheiro de ideologia socialista do Rio de Janeiro. Preso em 14 de abril de 1971, Stuart foi torturado e morto pelo Centro de Informações da Aeronáutica (CISA) no aeroporto do Galeão e dado como desaparecido pelas autoridades.

A partir daí Zuzu entraria em uma guerra contra o regime pela recuperação do corpo de seu filho. A busca só terminou com sua morte, ocorrida na madrugada de 14 de abril de 1976, num acidente de carro na Estrada da Gávea. Zuzu deixara na casa de Chico Buarque de Hollanda um documento que deveria ser publicado caso algo lhe acontecesse, em que escreveu: "Se eu aparecer morta, por acidente ou outro meio, terá sido obra dos assassinos do meu amado filho".

Frei Tito de Alencar Lima (1945 — 1974) foi um frade católico brasileiro e alvo de perseguição da ditadura militar após ser fichado pela polícia devido a sua participação em um congresso clandestino da União Nacional dos Estudantes (UNE), no ano de 1968. *Pau de arara*"; choques elétricos na cabeça, nos órgãos genitais, pés, mãos e ouvidos; socos, pauladas e palmatórias são apenas alguns dos métodos de tortura pelos quais Tito passou na prisão, Em 13 de janeiro 1971, Tito foi deportado para o Chile e, sob a ameaça de novamente ser preso, fugiu para a Itália. De Roma foi para Paris, traumatizado pela tortura que teria sofrido, no dia 10 de agosto de 1974, um morador encontrou o corpo de Frei Tito suspenso por uma corda. A causa da morte tornou-se um enigma. Suspeita-se que Tito tenha cometido suicídio.

Carlos Lamarca (1937 — 1971) foi um militar brasileiro, um dos líderes da luta armada contra a ditadura militar instaurada no país em 1964. Capitão do Exército Brasileiro, desertou em 1969, tornando-se um dos comandantes da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), organização da guerrilha armada de extrema-esquerda que combatia o regime. Em 22 de março de

Os Segredos Que Eu Guardei

1971, Lamarca desligou-se da VPR e ingressou no MR-8, organização de Iara, sua esposa. Foge para a Bahia, estabelecendo-se no interior do estado para incrementar o dispositivo rural, Lamarca vivia confinado em uma tenda, cercado por soldados Lamarca foi morto com sete tiros, seu corpo foi pendurado num pau e levado de caminhonete para a base aérea de Salvador.

Vladimir Herzog, (1937 — 1975), foi um jornalista, professor e dramaturgo, naturalizado brasileiro. Na década de 1970, assumiu a direção do departamento de telejornalismo da TV Cultura. Militante do Partido Comunista Brasileiro, foi torturado e assassinado pelo regime militar brasileiro durante a ditadura nas instalações do DOI-CODI, no quartel-general do II Exército, no município de São Paulo. Na época, era comum que o governo militar divulgasse que as vítimas de suas torturas e assassinatos haviam perecido por "suicídio", fuga ou atropelamento., Conforme o Laudo de Encontro de Cadáver expedido pela Polícia Técnica de São Paulo, Herzog se enforcara com uma tira de pano - a "cinta do macacão que o preso usava" - amarrada a uma grade a 1,63 metro de altura. Ocorre que o macacão dos prisioneiros do DOI-CODI não tinha cinta. No laudo, foram anexadas a existência de duas marcas no pescoço, típicas de estrangulamento.

Observação: Os cinco relatos acima foram pesquisados na Wikipédia.

Muito assustado com aquele material, perguntei para meu amigo Wilson se o pai era policial ou terrorista, percebi então que ele ficou com medo de ter me mostrado aquilo tudo, passou a recolher rapidamente e guardar na valise. Eu notando seu desconforto disse-lhe para que não se preocupasse, que eu não contaria nada a ninguém e que aquele seria mais um dos nossos segredos. De fato, nunca mais tocamos no assunto, mas já na vida adulta eu me questioneei por diversas vezes se o Sr. Adalberto, que eu nunca vi nem em foto (se é que era esse seu verdadeiro nome) era um terrorista vivendo na clandestinidade ou era um membro do S.N.I.? Só imagino que deveria ser um homem loiro, pois “Dona

Jussara/Estela” tinha os cabelos pretos, já meu amiguinho tinha os cabelos lisos e dourados.

Serviço Nacional de Informações – SNI, I foi instituído pela Lei nº 4.341, de 13 de junho de 1964, e funcionava como um órgão de espionagem da ditadura. O Artigo 2º estabelecia suas funções: “O Serviço Nacional de Informações tem por finalidade superintender e coordenar, em todo o território nacional, as atividades de informação e contra informação, em particular as que interessem à Segurança Nacional”.

Os agentes secretos e informantes infiltravam-se em órgãos públicos, empresas, sindicatos, escolas, lares, edifícios, descobriam quem era contra o governo, para depois denunciá-los. O povo sentia-se inseguro, qualquer um poderia ser informante do governo, mesmo seu melhor amigo. Foi criada também a LEI DE SEGURANÇA NACIONAL que enquadrava como inimigo da pátria e os que eram contra os militares, então o governo prendia, torturava e, exilava os adversários. Fone Wikipédia.

Certa vez, o Wilson me disse que sua mãe havia comentado que quando mudassem de Palmeira d’Oeste, se eu quisesse ela me levaria junto com eles, mas que eu não poderia contar nada a ninguém, e que ele sondasse a possibilidade. Fiquei com medo até de um possível sequestro. Eu estive muito perto do perigo, mas, hoje penso muito sobre o assunto e acredito que não viessem a me fazer mal algum, porém, depois de conhecer aquele acervo, eu poderia lhes causar problemas seja qual fosse a sua situação, de esquerda ou extrema direita. Passei a ir a casa deles com menos frequência alegando ter muitas tarefas escolares, acabei ficando com pena, pois o Wilson quando vinha brincar comigo, queria saber como era a minha turma de sala de aula, do que as crianças brincavam enfim tudo sobre o cotidiano escolar. Levei ele comigo algumas vezes à Biblioteca Municipal e nossa amizade continuou a mesma, nunca disse nada sobre o que vira na casa dele para meus pais, na verdade, eu nunca dizia.

A família de Wilson ainda morou em Palmeira d’Oeste durante todo o ano de 1978, enquanto eu frequentei a quinta série ele continuou em casa sem se matricular. Constantemente nós estudávamos em casa os conteúdos de Estudos Sociais pelos meus

Os Segredos Que Eu Guardei

livros, e ele me trazia exemplares da “Revista Veja” que seu pai deixava quando vinha à cidade. Muitas perguntas povoavam a minha mente e por diversas vezes me questionei:

- Se o pai fosse funcionário do governo, não tinha razão para que Wilson não estudasse, a menos que estivesse em uma missão secreta;
- Caso o pai fosse um terrorista então havia uma explicação para que meu amigo não frequentasse a escola, pois estavam vivendo na clandestinidade;
- Se estivessem a serviço do governo não havia razões para “Dona Estela” mudar seu nome para Jussara como me contara meu amigo;
- Descartei a possibilidade de serem ciganos e roubarem crianças como eu assistira no filme de Teixeira, “Carmem, a cigana”.

*Carmem, a Cigana é um filme de longa-metragem brasileiro, de aventura, dirigido por Pereira Dias, lançado no ano de 1976. O próprio diretor Pereira Dias escreveu o roteiro em colaboração com o ator Teixeirinha. **Sinopse:** Paulo homem rico, dono de uma construtora, passa a maior parte de suas horas de lazer em seu barco, cuidado por um pescador, que em dado momento conta sua história a Paulo. Ele tinha uma filha de 4 anos de idade, chamada Lucinha, que fora raptada vinte anos atrás por um vizinho, e mais tarde adotada por um bando de ciganos. Fonte Wikipédia.*

Por ocasião do aniversário de Wilson, “Dona Jussara/Estela” fez um bolo e pediu que ele fosse até minha casa para me convidar e avisar o horário, só havíamos nós três na festinha, mas ele estava feliz, desta maneira aos poucos voltei a frequentar a casa deles e me deliciar com os lanches que “Dona Jussara/Estela” preparava, como o bolo com calda de laranja e outras delícias. Meu amiguinho ia sempre à minha casa me chamar a pedido da mãe, e eu sabia da importância que minha amizade tinha para ele, sempre tão sozinho. O fato é que convivendo com Wilson e sua mãe por mais um ano tive a oportunidade de observar muitas coisas no cotidiano da família. Wilson, muito inocente e sem perceber, as vezes me contava fatos que viveram em outras cidades, eu esperto como era lhe perguntava com que tipo de roupa o pai trabalhava, como eram seus avós, que lembranças tinha de São Paulo, e assim por diante.

“Dona Jussara/Estela”, tinha razão quando dizia que eu era muito inteligente para minha idade, ela nem imaginava que nas conversas que tínhamos junto à mesa, nas frases soltas, nas páginas arrancadas das revistas cuja matérias estavam estampadas nas capas e que provavelmente alguém naquela casa as colecionava, no modo de agir dos dois, somado a outros dois fatos ligados a outros dois personagens aqui não descritos, me deram elementos suficientes para que eu montasse o quebra cabeça de suas vidas, mas, pela amizade e carinho que sempre tive pelo Wilson me calei. Eu sabia demais, eu sabia exatamente quem eles eram, e o que faziam, mas guardei segredo.

Luiz Alvarez,
Hélio Ponce,
Zulmiro
Biscassi,
Eduardo
Castelani e
Sylvio
Pozzetti em
Brasília/DF.



Baptista A. Campos, Zulmiro Biscassi e Suzuo Sato
em visita ao governador Paulo Maluf

1978 - “A REVELAÇÃO”

Minha nona Maria, sempre dizia que gostaria de esquecer e apagar 1978 para sempre de suas lembranças e de sua vida, e ela até que tinha bons motivos para isso, o ano que se iniciou com uma grande festa no sítio dos Bolognesi estaria marcado com acontecimentos que abalariam profundamente o emocional de todos. Foram dois fatos muito tristes, porém, aqui vou descrever apenas o que se refere à nossa família.

Tudo caminhava bem, meu pai conseguindo se organizar financeiramente, e se projetando cada vez mais como um político importante, viajava constantemente com o Sr. Baptista Alvarez Campos para a cidade de São Paulo fazendo contatos com personalidades importantes do cenário político estadual, enquanto que na cidade defendia a cada dia mais os interesses do povo e do funcionalismo público, e mantinha as estradas que levavam aos bairros rurais impecáveis, sempre colhendo elogios era cada vez mais benquisto pela população e muitas pessoas cogitavam seu nome para candidato a prefeito ou vice-prefeito nas próximas eleições.

A Cristina neste ano foi matriculada na escola e eu agora, prestes à completar onze anos, estava frequentando a quinta série. A turma da classe em que eu estava não era fácil, era repleta de alunos repetentes, naquele ano a escola havia formado cinco turmas no período da manhã, e é obvio que os filhos de pais ricos foram separados das crianças pobres, prática que hoje seria inadmissível. Mas esse pensamento era o que circulava entre os garotos que comigo estudavam, hoje, analisando friamente, eu fui remanejado para esta turma devido ao meu baixo rendimento da série anterior, como já citei, não me identifiquei com o professor substituto e não me engajava nas atividades lúdicas, o que fez com que eu perdesse temporariamente o interesse pelos estudos.

Não tenho boas lembranças deste ano escolar, a não ser dos romances que tínhamos que ler nas disciplinas de Língua Portuguesa, sendo o principal “O Gigante de Botas” de Ofélia e Narbal Fontes, que trago meu exemplar até hoje em minha biblioteca. Também gostei de passar a ter aulas de Inglês e o que mais me chamou a atenção foi a professora de Educação Artística

que trabalhava muito com tintas guache nos mostrando as paletas de cores.

Do restante nada me atraía, passei a detestar o componente de Matemática e me isolar cada vez mais nas aulas de Educação Física.

Como eu estudava no período da manhã, praticamente ficava com as tardes todas livres, foi então que passei a frequentar mais assiduamente a Biblioteca Municipal, que ficava próxima à praça da matriz, eu não perdia uma tarde, e Cleuza, a atendente responsável, já sabia os meus gostos literários e separava a cada dia um livro diferente para me indicar, eu percebia que ela ficava feliz que alguém estivesse ali para lhe fazer companhia.

Foi desta maneira que adentrei ao universo dos “Irmãos Grimm”, “La Fontaine”, “Charles Perrault”, “Esopo” e “Monteiro Lobato”. Alguns exemplares eu li mais de uma vez, como “Cinderela” que conheci várias versões e a coleção completa do “Sitio do Picapau Amarelo”, que após a leitura eu comparava os personagens com a novela infantil exibida nos finais de tarde pela Rede Globo de televisão.

Em abril meu pai começou a construção de uma casa para morarmos e deixarmos de pagar aluguel, a obra só foi concluída em 23 de junho, e ainda faltava muita coisa, mesmo assim, nos mudamos na semana seguinte. Situada na rua D. Pedro II nº 50-39, uma rua sem asfalto e calçadas, a nova moradia, feita às pressas, não tinha portas nos quartos, nem muros ou grades na frente, havia no lugar um barranco enorme onde brincávamos, porém, agora tínhamos uma casa que era nossa. Morávamos próximos à delegacia de polícia civil e militar e a duas quadras da praça da matriz, pela primeira vez estaríamos morando longe da família Biscassi que ainda se mantinha toda instalada ao redor da pracinha onde passei minha infância.

Apesar de estarmos próximos ao centro da cidade, havia poucas construções na localidade, mas com o tempo as quadras e os lotes ao redor foram ficando repletos de novas residências.

Uma vizinha veio até minha mãe e com muita coragem, contou-lhe que meu pai a estava traindo, nós já havíamos ouvido alguns boatos, rumores de suas aventuras amorosas, falavam que ele e seus amigos “fechavam” a zona do meretrício para grandes noitadas, e que inclusive meu avô, pai de minha mãe o acompanhava em

Os Segredos Que Eu Guardei

algumas ocasiões, fato esse que eu nunca perdoei, ao contrário de minha mãe que fechou os olhos. Eu com essa atitude dela, fui obrigado a conviver com presença dele em nossa casa por décadas, porém nunca mais fui ao sítio.

Eu amava nona Maria e sentia sua falta, mas matávamos essa saudade quando ela vinha até a cidade. Acredito que ela nunca soube disso, procuramos poupá-la.

A vizinha relatou que meu pai estava se relacionando com uma mulher que morava nas proximidades de nossa casa e que ela estava grávida. Foi um misto de dor, nojo e revolta, eu que fora criado dentro da igreja praticamente e poupado de tantas informações e verdades me entristeci ainda mais, na minha cabeça só tinha lugar para um pensamento: eu nunca em minha vida queria ser como ele.

Pressionado, ele negou tudo, queria saber quem havia inventado tais calúnias, ameaçou, gritou e jurou estar sendo vítima de um falso boato, porém, mal descobrimos quem era a “dita cuja” que atendia pelo codinome de “Pasteleira”, e a própria começou a passar em frente de casa constantemente provocando minha mãe. Certa vez, eu estava na calçada quando a vi se aproximando mais ou menos a duzentos metros, eu já tinha elaborado um plano na minha cabeça, eu estava com a sonata (toca discos) ligada, peguei rapidamente o LP do conjunto “Secos e Molhados”, deixei a agulha pronta para rodar na música “Mulher barriguda” e quando percebi sua aproximação ergui o volume e soltei a canção. Resultado, a noite quando ele chegou em casa levei uma surra, então, se era tudo mentira e boato, como ele soube do meu feito. Não adiantava mais negar.

Mulher Barriguda

Secos & Molhados

Mulher barriguda que vai ter menino

Qual o destino que ele vai ter?

Que será ele quando crescer?

Haverá guerra ainda?

Tomara que não

Mulher barriguda

Tomara que não

Haverá guerra ainda?

Tomara que não

Mulher barriguda

Tomara que não

*Mulher barriguda que vai ter
menino*

*Qual o destino que ele vai
ter?*

Que será ele quando crescer?

Fonte Wikipédia.

A situação foi ficando insustentável, brigas todos os dias e o dinheiro cada vez mais escasso. Foi quando minha mãe percebeu que no talão de cheques faltavam os “tocos” ou “canhotos” de algumas folhas. Desesperada já com toda aquela situação ela foi até a máquina de arroz falar com o Tio João irmão de meu pai, que a orientou que fosse ao Banco Banespa e pedisse a um funcionário o extrato da conta bancária, ela poderia fazer isso, uma vez que a conta era conjunta, apesar de ela nunca ter emitido um único cheque e viver alheia aos saldos.

Eu fui com ela nessa empreitada, eu nunca a deixava sozinha e para nossa surpresa, nas folhas que faltavam no talão, quantias significativas foram descontadas. Estávamos formando o quebra-cabeças, ele estava sustentando aquela mulher. Eu não sei se por carinho à minha mãe, ou se porque tem a letra dela, ou porque gosto de me martirizar com todo nosso passado, coisa típica de italiano, mas guardo até hoje uma folhinha de parede com o calendário de 1978, onde ela escreveu bem no cantinho a palavra “extrato” para não esquecer o que deveria pedir no banco, e por ironia do destino a imagem do mês é São José, protetor da família.

Ele continuava negando, dizia que arrancou os canhotos junto com as folhas sem querer e que eram despesas com gasolina, e outras coisas, chegava a chorar pedindo que acreditássemos nele, nós mantivemos Cristina longe de tudo, ela o amava e não queríamos que ela viesse a sofrer, era muito pequena.

No dia 10 de julho de 1978 *estреou a novela **Dancin' Days*** produzida e exibida pela TV Globo . Escrita por Gilberto Braga, teve direção de Daniel Filho, contava com as atuações de Sônia Braga, Antônio Fagundes, Joana Fomm, Pepita Rodríguez, Reginaldo Faria, Glória Pires, Lauro Corona e Lúcia Brondi. Foi considerada um divisor de águas na história da teledramaturgia brasileira.

Os Segredos Que Eu Guardei

"Dancin' Days", um marco da televisão brasileira, com um interessante retrato social a produção virou coqueluche nacional. A metáfora na letra da música de abertura convidava o público: "abra suas asas, solte suas feras, caia na gandaia, entre nessa festa!". Mas apenas através da vitrine de ilusões do horário mais nobre da TV. Em pleno contexto do Regime Militar ("a gente às vezes sente, sofre, dança sem querer dançar"), tudo era devidamente vigiado de Brasília: as asas ainda eram podadas e nada de soltar as feras contra o Governo Federal O convite era apenas à fantasia, à fuga da realidade: "na nossa festa vale tudo. "Dancin' Days", divulgou a onda disso e impulsionou a proliferação de discotecas por todo o país. A novela pegava carona no filme "Os Embalos de Sábado à Noite" (com John Travolta), que chegava ao Brasil na ocasião. Fonte Wikipédia.

O Clube de Campo das Palmeiras, em nossa cidade, montou uma discoteca e todas as noites de sábado havia evento com globo espelhado, fumaça colorida e muita música. Eu ouvia as pessoas comentarem na escola que estavam indo se divertir e eu tinha muita vontade de participar também, mas na verdade era para maiores de dezoito anos, pois se iniciava às 22h e terminava na madrugada. Porém os patrocinadores atendendo a pedidos de alguns pais e sócios do clube, decidiram fazer uma “noite diferente”, às 19h abririam a danceteria para crianças e jovens com duração até as 21h e na sequência, aconteceria como de costume, para os adultos.

Quando divulgaram na escola eu fiquei muito tentado, mas depois desisti, imaginei que minha mãe não deixaria, então, eu nem iria pedir, mas a situação mudou quando meu amiguinho Wilson, após ouvir o carro de propaganda na rua anunciando o evento, veio me procurar dizendo que sua mãe havia permitido que ele comprasse o ingresso, se eu fosse também. Assim como eu, ele saía pouco de casa e a mãe era tão controladora quanto a minha. Foi então que criei coragem e falei com ela, que hesitou, mas no dia seguinte disse que eu poderia ir na discoteca e que ela me daria o dinheiro necessário. Ela me fez jurar mil coisas, que não beberia, não falaria com estranhos, não me envolveria em brigas e que voltasse para casa imediatamente após o término. Foi tanta recomendação que eu quase desisti, mas por fim, comprei o ingresso.

Na minha vida, as coisas nunca saiam como o planejado, naquela tarde em que eu iria à discoteca, meu pai chegou em casa e disse que faria uma viagem à noite pois um motorista da prefeitura adoecera e ele como “Fiscal” teria que tomar seu lugar e dirigir o caminhão junto com outro amigo para buscarem as cargas de tijolos necessárias para uma construção. Na hora certa ele jantou e saiu. Mal ele virou as costas a “pasteleira” e uma amiga passaram em frente de casa todas enfeitadas e rindo. Minha mãe desconfiou, me pegou pela mão, e corremos quase dois quilômetros para chegar ao fim da cidade, na venda do “Zé do Gole”, era o local por onde os caminhões passariam rumo à olaria. Ali chegamos, nos encondemos atrás de uma árvore, e logo em seguida meu pai em um caminhão azul e seu comparsa em um caminhão amarelo estacionaram muito próximos.

Aguardamos, e meia hora depois as “madames” apontaram na rua e no momento exato em que se aproximavam dos veículos, eu e minha mãe saímos de onde estávamos e ela rapidamente foi pedindo explicações. Meu pai como de costume fingiu não saber de nada, fingiu aliás nem ver as “moças” que passaram por nós e seguiram seu trajeto estrada afora, acredito que fizeram uma boa caminhada.

Minha mãe entrou na boleia e me puxou junto, foi uma viagem de brigas entre os dois, e eu ali no meio daquilo tudo perdi a minha noite na discoteca, e o coitadinho do Wilson também que ficou na casa dele esperando eu passar para irmos juntos. Até carregarmos os caminhões e voltarmos para casa o dia já estava amanhecendo.

Na noite de 24 de dezembro, véspera de Natal, meu pai chegou em casa, arrumou duas malas e saiu de casa dizendo que queria ser livre. Fechou a porta, nenhum abraço, nenhum gesto de carinho, nenhum presente. As comidas prontas para o jantar ficaram na mesa e nós três, eu, Cristina e minha mãe ali juntos chorando, sem entender nada, nos perguntávamos como seria nossa vida de agora para frente?

Cristina sofreu muito, ela era muito apegada a ele e foi apanhada de surpresa, não sabia dos fatos que o levaram àquela atitude. As duas famílias, a de minha mãe e a dele foram avisadas do ocorrido, não faltaram curiosos batendo na porta de casa. Uma vizinha advogada, “Dona Marina” instruiu minha mãe que ele deveria nos pagar uma

Os Segredos Que Eu Guardei

pensão, ficamos no aguardo de uma manifestação dele que só aconteceria dias depois, após a passagem do ano novo.

Na semana entre o Natal e o Ano Novo chegou à cidade um trenzinho para a garotada se divertir, era uma novidade, a primeira vez que tínhamos a oportunidade de ver um brinquedo desse tipo. Eu como todas as crianças ficamos enlouquecidos para passear pelas ruas da cidade, mas era caro, eu sabia que diante de tudo que estávamos passando eu não poderia pedir dinheiro para minha mãe. Foi quando um menino que morava perto de casa me disse que muitas crianças esperavam o trenzinho funcionar e dar a partida e dependuravam-se na parte trazeira e assim permaneciam por todo ou por parte do trajeto.

Naquela tarde, meu amigo Wilson esteve em casa para brincar e me chamou para subirmos à praça a noite para ver o trenzinho, eu lhe disse que não tinha dinheiro, mas, ele insistiu dizendo que já havia andado no brinquedo em outras cidades e que agora se eu fosse com ele iríamos somente para ver, e completou que a família estava de mudança, que era sua última semana na cidade, que eu não poderia negar-lhe esse pedido.

Assim sendo, naquela noite fomos para a praça, a principio achei que minha mãe não deixaria, mas ela estava tão desnorteada que permitiu. Mas, fez novamente aquela série de recomendações.

Fiquei deslumbrado com o colorido do trenzinho, muitas luzes, música, jovens vestidos com roupas de personagens das histórias em quadrinhos, enfim, um sonho que eu somente observava de longe.

Na terceira viagem, um garoto da minha idade que estava dependurado na parte de trás, caiu em frente à igreja e teve a cabeça esmagada pelas rodas trazeiras do trenzinho. Aquilo foi horrível, eu e Wilson corremos ao local, aquela cena foi muito triste de ver, o menino alí jogado no chão, uma poça de sangue embaixo de sua cabeça, muitas crianças ao redor e os adultos pedindo que nos afastássemos, enquanto isso dentro do brinquedo crianças choravam, no mesmo instante a polícia chegava ao local afastando todos os curiosos. Muitas pessoas falavam ao mesmo tempo ao redor do corpo.

- Ele estava dependurado?

- Não, ele pagou ingresso, foi empurrado para fora do trenzinho por outro garoto.

- Eu conheço ele, é o José Francisco.

- Sim, o filho do seu João sorveteiro.

Saímos do local em meio a tantas falas e nos sentamos em um banco da praça, estávamos chocados com tudo aquilo. Wilson não sabia muita coisa sobre o que acontecia com as pessoas após a morte, na casa dele nunca haviam falado sobre isso, então eu lhe contei o que sabia, falei o que aprendi na catequese, ou seja, como os católicos explicavam esse momento e o que sabia sobre a reencarnação que havia aprendido com a novela “A Viagem” e com os conhecimentos adquiridos com a ex-vizinha “Dona Irene”. Conversamos por horas, ele fazia muitas perguntas, mas eu não tinha resposta para todas.

Ele queria saber em qual das hipóteses eu acreditava. Aquilo era tão estranho, duas crianças inocentes discutindo a vida e a morte, não hesitei em responder-lhe que com a formação religiosa que tive por toda minha vida, eu acreditava na vertente católica da ressurreição. Expliquei-lhe que durante toda a infância, fui criado sob o temor de um Deus que punia as pessoas que faziam coisas erradas e que o inferno era o lugar para as almas que cometiam excessos de qualquer natureza aqui na terra, sempre ouvi isso de minha mãe, das nonas Maria e Adelina, e até de uma maneira mais amena, da minha professora de catequese e do próprio padre Gilberto. Também lhe falei que o céu era o lugar para as pessoas boas e que aqui na terra durante a vida não prejudicassem o semelhante e que não fizessem nada errado.

Depois, Wilson me disse que não queria se mudar, mas que não podia fazer nada, era uma decisão da família, disse que nos últimos anos devido ao trabalho do pai não se fixavam em nenhuma cidade e que ele estivera sempre sozinho, mas que em Palmeira era feliz, porque tinha a minha amizade. Disse-me em seguida que um dia, quando estivesse grande voltaria para nos reencontrarmos.

Eu disse que compreendia sua angústia em partir, pois também já havia mudado de casas por diversas vezes deixando os amigos para trás. Em determinado momento ele me questionou se eu tinha a impressão de que estávamos sendo observados, e eu lhe disse que a praça estava cheia de pessoas passando, mas ele insistiu que sentia que alguém em particular nos olhava ali sentados no banco.

Os Segredos Que Eu Guardei

Olhei ao redor, haviam crianças correndo, casais de namorados de mãos dadas passavam a todo instante em nossa frente, familiares que voltavam para suas casas, mas nada em especial. Por fim nos despedimos e fomos cada um para sua casa.

Ao atravessar a rua deparei-me com uma moça que me chamou a atenção, ela estava acompanhada de um homem, eu já a conhecia de algum lugar, ela fitou os olhos em mim, senti um arrepio, me lembrei, foi ela que em determinada tarde quando eu sai da casa do Wilsom, estava parada na esquina em frente à igreja Assembleia de Deus, na ocasião ela usava óculos escuros, me chamou e me perguntou quem morava naquela residência de onde eu havia saído. Naquele dia, eu disse que era um amigo, ela tirou da bolsa de mão uma foto de “Dona Jussara/Estela” e me indagou se era aquela senhora, eu, esperto como sempre, disse que não e fui para casa. Menti.

Ao vê-la novamente me assustei, acelerei meus passos e fui rapidamente para casa. No trajeto eu me perguntava:

- Por que Deus permitia que crianças morressem tão cedo?
- Aquilo seria um sinal para que todos tomássemos cuidado?
- E a mudança de Wilson para outra cidade, porque era tão comum na vida ter que se separar de quem se gosta?
- O que aquela mulher queria com a família do meu amigo?

Em meio a tantos pensamentos cheguei em casa, assim, perto da minha mãe eu me sentia protegido.

Na tarde do dia 31 de dezembro Wilson novamente apareceu em casa para brincar, demorou pouco, viera apenas para me chamar para ir com ele ao cinema à noite, ele se mudaria no dia 02 de janeiro e como sabia que eu passaria o dia seguinte no sítio de meus avós por ocasião do Ano Novo, veio se despedir e me convidar para vermos ao filme “O retorno da águia”, me explicou que era sobre a Segunda Guerra Mundial, tema que particularmente eu não gostava na época, mas pedi a minha mãe que consentiu, me disse que o dinheiro estava curto, mas me deu várias moedas para que eu comprasse o ingresso. Ela estava chocada com tudo que estávamos passando, também com as notícias do acidente do garoto e triste também por eu perder meu melhor amiguinho.

Para não acontecer como na noite da discoteca, combinamos que não passaríamos um na casa do outro, e que quem chegasse ao

cinema primeiro entraria e esperaria o outro no piso superior, no mezanino. Na verdade esperei um pouco na calçada, mas ele estava demorando então acabei entrando. O cinema começou a se encher e nada do Wilson chegar.

A medida que subia as escadas que levavam para o piso superior eu ouvia a música que ecoava pelo cinema, era Torneró, do grupo I Santo California, parei já no meio do trajeto, encostei na parede, de repente me deu uma vontade de chorar, de sair dali correndo e voltar para casa, foi uma sensação estranha, como um pressentimento que algo ruim estivesse para acontecer, talvez eu estivesse abalado pelos últimos acontecimentos, a partida de meu pai, a morte do garoto do trenzinho e a mudança no Wilson. Continuei ali parado, sem forças para continuar a subida, enquanto aquela música parecia entrar na minha cabeça.

Torneró - I Santo California.

Rivedo ancora il treno	Senza te Tornerò	Ricominciare insieme
Allontanarsi, e tu	Tornerò	Ti voglio tanto bene
Che asciughi quella lacrima	Da quando sei partito	Il tempo vola, aspettami
Tornerò	È cominciata per me la solitudine	Tornerò
Com'è difficile	Intorno a me c'è	Pensami sempre, sai
Un anno senza te	il ricordo dei giorni belli, del nostro amore	E il tempo passerà
Adesso scrivi: "Aspettami"	La rosa che mi hai lasciato si è ormai seccata	Sei
Il tempo passerà	Ed io la tengo in un libro che non finisco mai di leggere	Sei la vita mia (amore, amore mio)...
Un anno non è un secolo		
Tornerò		
Com'è possibile		
Restare senza te		
Sei		
Sei la vita mia		
Quanta nostalgia		

Fonte Wikipédia.

Os Segredos Que Eu Guardei

Como outras pessoas precisavam passar pela escada, terminei a subida, então, sentei-me na primeira fila, as músicas pareciam estarem mais altas que de costume, ouvi uma, duas, três, o cinema já estava ficando lotado e o Wilson não chegava. Passado algum tempo debrucei-me no balcão de pedra para olhar na parte de baixo na tentativa de localizar meu amigo, havíamos combinado no piso superior, mas talvez ele não tivesse entendido. O balcão era alto, quase todas as pessoas já estavam em seus assentos.

Eu me assustei ao ver andando pela parte de baixo aquela mulher da noite anterior, de pé, percorrendo com o olhar as filas das cadeiras, como se procurasse alguém, fiquei na ponta dos pés para ver melhor, senti um frio na barriga, por um momento pensei que fosse despencar lá do alto, eu estava perdendo o equilíbrio, foi quando uma mão me segurou pelo braço e me puxou rapidamente para trás. Pensei que fosse o Wilson.

Não tive nem tempo para pensar, quando senti meus pés novamente no chão, olhei assustado, não acreditava no que estava vendo, nesse momento, as luzes do cinema começaram a se apagar, era o sinal que o filme iria começar, já era possível ouvir o tradicional “Tema de Lara”, a música que tocava para que todos tomassem seus lugares. Eu estava confuso, olhei novamente para aquele garoto que impediu que eu caísse, de repente minha mente me levou para o sítio, no lago, e revivi por segundos uma cena do meu passado e era como se estivesse ouvindo novamente:

- Primo, na vida você precisa ter cuidado, coragem e ser forte.

Ficamos parados nos olhando por segundos, ele não disse uma única palavra, mas eu entendi sua mensagem, ele apenas sorriu, eu não tive dúvidas, era Marcinho, meu primo falecido quatro anos antes. Pela primeira vez na vida, eu estava diante de um espírito.

O fato ocorrido naquela noite e seus desdobramentos, me marcaram para sempre e trouxeram mudanças profundas no meu modo de pensar, agir e de ver as coisas.

Minha coragem foi colocada à prova, a partir de então eu passei a questionar toda a minha existência, a minha formação religiosa e foi assim que perdi a inocência da minha alma.

Ainda naquela noite, antes do amanhecer muitos fatos aconteceram e eu tive que ser forte, corajoso e tomar muito cuidado para proteger a mim e a meu amigo Wilson. Foram muitos

acontecimentos inusitados para duas crianças de 12 anos, mas o que veio depois daquela aparição, os desafios que enfrentamos ao longo da madrugada para conseguirmos escapar daquele casal que procurava por Wilson e seus pais, as descobertas reveladas de toda essa história, e a passagem desta família por esta cidade faz parte de um dos **segredos que eu guardei por toda a minha vida.**

Esta história não termina aqui...

Velha
paineira na
entrada do
sítio do avô
Antônio
Bologhesi

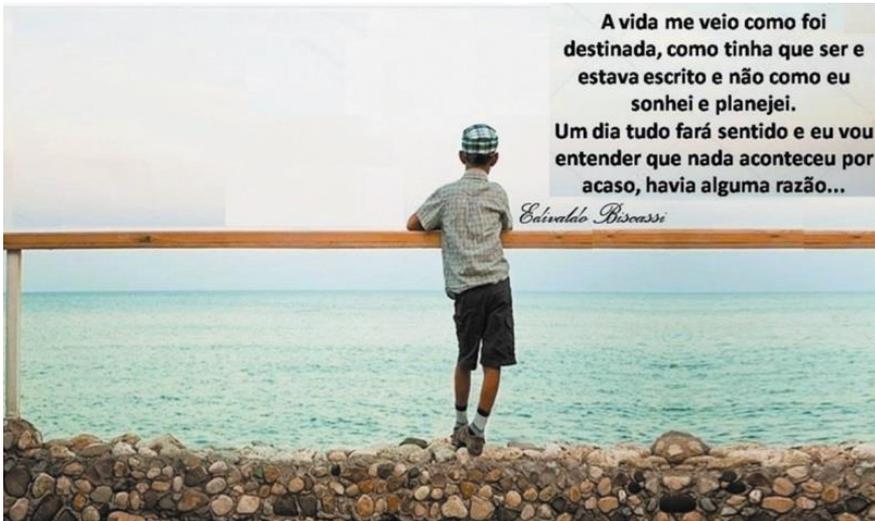


Farinha
seca no
sítio do avô
Antônio
Bologhesi

AGRADECIMENTO

Agradeço as pessoas que estiveram comigo, incentivaram-me em momentos difíceis e ofereceram suporte à realização e conclusão deste trabalho.

Izabela Fernanda Biscassi Padilha
Izabel Cristina Biscassi
Hermenegildo Jose Ferreira
Sileide Crespilho Bosco
Antônio Esquina Dias
Alessandra Carla Mastelari
Marcus Vinicius Guarnieri da Silva
Ademir de Castro Liette.
Wilma Delaci Graminholi dos Santos
Sandra Regina Rosa
Everson Maciel Jorge
Pedro Aparecido Espora
Marlene Medaglia Cavalheiro Jacomassi
Maria Aparecida Sanches Cardoso Neves
Nair Aparecida Biscassi Gatto



Edivaldo Benedito
Biscassi

Iniciou no magistério em 1992, na E.M.E.F.M. Prof. Francisco Augusto Cezar Serapião onde ainda permanece em 2024. (Educação de Jovens e Adultos / EJA), e em 1993 abriu portaria na Rede Estadual de Educação do Estado de São Paulo, efetivando-se como titular de cargo no ano 2000.

Em sua carreira trabalhou nas escolas Disney Antônio Monzani (1993), Palmeira d'Oeste - SP, Antônio Marim Cruz em Marinópolis - SP, (1993-2002), Coripeu de Azevedo Marques, Aparecida d'Oeste - SP (2000, 2012), e Orestes Ferreira de Toledo, Palmeira d'Oeste - SP (2013-até os dias atuais).

No ano de 2021 recebeu da Câmara de vereadores de Palmeira d'Oeste o título de "Professor nota 10" em reconhecimento pela importância de seu trabalho junto à educação na cidade.

O livro "Os segredos que eu guardei" é uma colagem de lembranças de minha infância que o tempo eternizou em minha memória, pedaços de uma vida revelada à medida em que a história se desenvolve e a inocência desaparece. Onde os conflitos se tornam mais evidentes, surgem os medos, as culpas e os traumas que nem eu mesmo entendo se foram criados pelos meus próprios erros ou pelos erros dos outros, enfim, foi o que a vida me deu.

Ambientado na década de 1970, o livro aborda a ditadura militar no Brasil, e narra temas de convivência em uma família italiana numerosa, a religiosidade lactente, a política local, o progresso, os eventos sociais, as relações interpessoais e a importância das mulheres com que convivi (mãe, tias, avós e professoras) em minha formação educacional e religiosa e suas influências no que fui, no que me tornei, no que abandonei, para onde decidi ir e no que levo dentro de mim.

É o olhar de uma criança que viu a história passar em sua frente, tentando fugir das cicatrizes em uma luta onde nem sempre teve a certeza de que todo o esforço valeria a pena. Relembrar a infância me ofereceu consolo em tempos difíceis.

Quando tudo já é meio despedida, a vida se entrelaça com esquecimentos e credibilidade da memória e antes que tudo seja tragado pelo tempo, escrevi para mim, escolhi o que quero lembrar e preservar para compartilhar e aquilo ou aquelas pessoas que passaram pela minha vida, que em tentei ou decidi esquecer. Enfim, registrei o que acho que vale a pena ser lembrado. antes que a vida se acabe.

